



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL**  
**UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**



Elenides Francisco de Freitas

**IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO USO DE  
GÍRIA NO VIÉS DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA**

**Campo Grande-MS**

**2019**

Elenides Francisco de Freitas

**IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO USO DE  
GÍRIA NO VIÉS DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

**Área de Concentração:** *Linguagem: Língua e Literatura*

**Orientadora:** Profa. Dra. Elza Sabino da Silva Bueno

**Campo Grande-MS**

**2019**

F936i Freitas, Elenides Francisco de

Identidade e representação: uma análise discursiva do uso de gíria no viés da sociolinguística variacionista. / Elenides Francisco de Freitas. – Campo Grande, MS: UEMS, 2019. 112f.

Dissertação (Mestrado) – Letras – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2019.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Elza Sabino da Silva Bueno.

1. Análise do discurso 2. Gíria e identidade 3. Variação sociolinguística I. Bueno, Elza Sabino da Silva II. Título

CDD 23. ed.- 401.41

Elenides Francisco de Freitas

Dissertação aprovada como requisito parcial para a conclusão do Mestrado em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS, pela banca examinadora composta pelos professores:

Aprovada em 03/10/2019

---

Profa. Dra. Elza Sabino da Silva Bueno (Presidente)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul-UEMS

---

Profa. Dra. Maria Luceli Faria Batistote (Membro titular)  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-UFMS

---

Prof. Dr. Neurivaldo Campos Pedroso Júnior (Membro titular)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul-UEMS

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho, ao meu pai Manoel Francisco de Freitas (*In Memoriam*), e a minha mãe Deolinda Rosa dos Santos, que em meio às lutas da vida, sempre souberam nos incentivar para que pudéssemos ir além. E ao meu irmão Del, que me proporcionou através da sua generosidade, dar mais um passo em busca de concretizar um dos meus sonhos!

## AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me sustentado a cada ida e a cada volta,

A todos os meus familiares,

A UEMS- Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Campo Grande, pela oportunidade de realizar o sonho de cursar o mestrado em uma Universidade Pública,

A Coordenadora do Programa do Mestrado Acadêmico em Letras, professora Doutora Suzylene Dias Araújo,

Ao grupo de apoio Técnico nas pessoas dos Administrativos,

Aos professores Doutores da Linha de pesquisa em Sociolinguística que me agregaram novos e outros conhecimentos sendo eles: Marlon Leal Rodrigues, Nataniel dos Santos Gomes, Adriana Lucia de Escobar C.de Barros, Natalina Sierra,

E de maneira especial ao professor Doutor: João Fábio Sanches Silva, que depois de Deus não desistiu e acreditou em mim, a você professor a minha eterna gratidão,

E a minha Orientadora, professora Doutora Elza Sabino da Silva Bueno, pelo seu profissionalismo, ensinamentos e dedicação,

E ao, meu pai Manoel Francisco de Freitas (*In Memoriam*) que dizia: “tudo o que não presta guarda sete anos, uma boa ou má palavra se tirar bom proveito dela guarda para sempre”;

A todos vocês meu muito obrigado!!!!

*“As crianças têm necessidade de pão, do pão do corpo e do pão do espírito, mas necessitam ainda mais do seu olhar, da sua voz, do seu pensamento e da sua promessa. Precisam sentir que encontraram em você e na sua escola, a ressonância de falar com alguém que as escute, de escrever a alguém que as leia e as compreenda”. (Célestin Freinet 1896-1966).*

## RESUMO

O presente estudo busca apresentar a relevância da linguagem gírica e o que ela representa para as múltiplas identificações e representações discursivas em uma turma de alunos de um oitavo ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Naviraí-MS, e um grupo de professores da referida turma, com posicionamentos discursivos a respeito desta linguagem. Em virtude do tema proposto, levantou-se uma problemática que justificou todo o embasamento para reafirmar os objetivos gerais e específicos, no sentido de identificar possíveis contribuições do uso da linguagem da gíria abstendo-se dos preconceitos e com possibilidades de ser considerada como uma nova prática didática para esses docentes na formação e no uso da língua portuguesa falada pela comunidade alvo. Nos objetivos específicos buscou-se analisar as principais gírias usadas pelo referido grupo de alunos para descobrir o que a linguagem da gíria representa na formação identitária deles, trabalhando essa linguagem gírica sob o viés da sociolinguística variacionista. Nesta vertente, prossegue a pesquisa consistindo em ser de caráter explorativa, descritiva e de estudo de caso, com a análise dos dados na concepção da sociolinguística variacionista, sob a visão de Fernando Tarallo (2007), entre outros pesquisadores, como: Marcos Bagno (2006), Bortoni-Ricardo (2005), William Labov (2008). Para a análise discursiva, o estudo teve como referência a descrição dos dados na linha francesa, sob o pensamento de Mikhail Bakhtin (1981,2000), entre outros autores que fizeram parte da proposta da análise discursiva do estudo. Mediante esta envergadura, o estudo definiu os três capítulos nas seguintes proposições: no primeiro capítulo apresenta alguns conceitos sobre os estudos linguísticos, discursivos e sociolinguísticos, e sua importância para a evolução da língua (*portuguesa*); o segundo capítulo aborda a metodologia utilizada para o andamento da pesquisa e as etapas que nortearam o projeto, bem como dados sobre o *corpus* e o *locus* da pesquisa, como o perfil dos sujeitos pertencentes a esta comunidade de fala estudada. Já o terceiro capítulo apresenta os resultados obtidos, provindos dos discursos que permearam a pesquisa, sendo estes dos docentes e discentes. Após estas descrições, partiu-se para as considerações finais, que mediante os dados coletados pode se concluir, por meio do estudo abarcado pelos vários autores, que as comunidades de falantes, discentes e docentes, enriquecem o ensino e a aprendizagem a partir de uma troca e de outras linguagens, outros discursos, novos conhecimentos, consistindo em outras representações.

**Palavras-chave:** Linguagem. Discurso. Variação. Identidade e Gíria.



## ABSTRACT

The present study seeks to present the relevance of the gírica language and what it represents for the multiple identifications and discursive representations for a group of eighth grade students of a public school of Naviraí-MS, as well as a group of teachers of this class, with discursive positions regarding this language. Due to the proposed theme, a problem arose that justified all theoretical basis, in order to reaffirm the general objective of the research, which is to identify possible contributions of the use of the language of slang, abstaining from the prejudices and with possibilities of being considered as a new didactic practice for these teachers in the formation and use of the Portuguese language spoken by the target community. Specifying the object of study, which consisted in analyzing the main slang used by a group of eighth grade students in the sense of discovering what the language of slang represents in the identity formation of the same, in this understanding with the gíric language under the bias of the variational sociolinguistics. In this section, the research continues to be of an exploratory, descriptive and case study character, with the analysis of the data in the sociolinguistic conception, under the vision of Fernando Tarallo (2007), among other researchers. In this premise, from others such as Marcos Bagno (2006), Bortoni-Ricardo (2005), William Labov (2008). For analysis discursive, the study had as referent the description of the data in line French, under the thought of Mikhail Bakhtin (1981, 2000), among other authors who were part of the proposal of analysis discursive of the study. Through this scope, the study defined the three chapters in the following propositions: in the first chapter he brought some concepts on the importance of linguistic and sociolinguistic studies, and the importance for the study of the Portuguese language; the second chapter deals with the methodologies used for the progress of the research, as well as data about the corpus and the locus of the research, such as the profile of the subjects belonging to this studied speech community. The third and final chapter presents the results obtained from the discourses that permeated the research, being these teachers and students. After these descriptions, it was possible to conclude by means of the study carried out by the various authors that the communities of speakers, students and teachers enrich teaching and learning from an exchange and other languages, other discourses, new knowledge, consisting of other representations.

**Keywords:** Language. Speech. Identity and Slang. Variation.

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> - Dados sobre o uso de gírias (faixa etária, etnia, sexo, alunos) .....	64
<b>Gráfico 2</b> - Dados sobre o uso de gírias (faixa etária, etnia, sexo, alunos) .....	65
<b>Gráfico 3</b> - Dados sobre o uso de gírias (faixa etária, etnia, sexo, alunos) .....	66
<b>Gráfico 4</b> - Dados sobre o uso de gírias (faixa etária, etnia, sexo, alunos) .....	67
<b>Gráfico 5</b> - Dados sobre o uso de gírias (faixa etária, etnia, sexo, alunos) .....	68
<b>Gráfico 6</b> - Dados sobre o uso de gírias (faixa etária, etnia, sexo, alunos) .....	69
<b>Gráfico 7</b> - Dados sobre o uso de gírias (faixa etária, etnia, sexo, alunos) .....	70
<b>Gráfico 8</b> - Dados sobre o uso de gírias (faixa etária, etnia, sexo, alunos) .....	71
<b>Gráfico 9</b> - Dados sobre o uso de gírias pelos alunos e prejuízos para aprendizagem .....	76
<b>Gráfico10</b> - Dados sobre o uso de gírias pelos professores e interação em sala de aula .....	77
<b>Gráfico 11</b> - Dados sobre o preconceito com a linguagem da gíria usada pelos alunos .....	78
<b>Gráfico 12</b> - Dados sobre o uso da gíria na sala de aula e possíveis contribuições para outras aprendizagens .....	79

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1-</b> Perfil dos sujeitos da pesquisa ( alunos) .....	56
<b>Quadro 2-</b> Perfil dos sujeitos da pesquisa (professores).....	76
<b>Quadro 3-</b> Perfil dos sujeitos da pesquisa e uso de gírias de acordo com sexo.....	85
<b>Quadro 4-</b> Perfil dos sujeitos da pesquisa e uso de gírias de acordo com idade.....	87
<b>Quadro 5-</b> Normas para transcrição de entrevistas.....	110

## LISTA DE ABREVIATURAS

<b>a.C.</b>	antes de Cristo
<b>DVDs</b>	Discos Digitais Versáteis (discos com capacidade de gravar)
<b>EF</b>	Ensino Fundamental
<b>FIAB</b>	Federação Internacional de Associações de Bibliotecários
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>LDB</b>	Lei de Diretrizes e Base da Educação
<b>MS</b>	Mato Grosso do Sul
<b>NURC/SP</b>	Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo
<b>PCN</b>	Parâmetros Curriculares Nacionais
<b>PPP</b>	Projeto Político Pedagógico
<b>SVO</b>	Sujeito, Verbo e Objeto
<b>UEMS</b>	Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
<b>UFMS</b>	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
<b>UNESCO</b>	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
<b>UNESP</b>	Universidade Estadual Paulista

## SUMÁRIO

Resumo	
Abstract	
Lista de Gráficos	
Lista de Quadros	
Lista de Abreviaturas	
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO 1 - APORTE TEÓRICO: LINGUAGEM, IDENTIDADE E GÍRIAS</b>	<b>18</b>
1.1 Os estudos linguísticos, sociolinguísticos e sua importância para a língua portuguesa	18
1.2 A problemática das identidades do sujeito e o uso de gírias	26
1.3 Língua, contexto discursivo e identidades do falante no uso de gírias e possibilidades de aprendizagem nas aulas de língua portuguesa	33
1.4 Discurso, dialogismo e gírias: o discurso próprio e o do outro	39
<b>CAPÍTULO 2 – CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA</b>	<b>45</b>
2.1 Metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa	45
2.1.1 Etapas de realização da pesquisa	47
2.1.2 Objetivos da pesquisa	47
2.1.3 Justificativas da pesquisa	48
2.1.4 Hipóteses levantadas para a pesquisa	49
2.1.5 Perfil e seleção do <i>locus</i> da pesquisa (biblioteca de escola pública)	50
2.1.6 Perfil dos sujeitos da pesquisa (alunos do 8º ano)	53
2.1.7 Realização das entrevistas	59
<b>CAPÍTULO 3- ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b>	<b>62</b>
3.1 Resultado geral do uso de gírias no discurso dos alunos	62
3.2 Discussão sobre os dados	71
3.3 Percepções de professores e alunos quanto ao uso de gírias na sala de aula	75
3.4 Discussões das percepções de professores e alunos quanto ao uso de gírias em sala	80
3.5 Influência do sexo nas gírias: quem usou mais homens ou mulheres	83
3.6 A gíria como fator etário: o uso de gírias e a faixa etária do aluno	86
3.7 O uso da gíria de acordo com a etnia do aluno	88
3.8 Análises das expressões gíricas encontradas no <i>corpus</i> da pesquisa	89
3.9 Glossário linguístico-explicativo de expressões gíricas usadas pelos sujeitos	92

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>96</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>101</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>106</b>
Ficha Social dos Alunos.....	106
Ficha Social dos Professores.....	107
Modelo de Questionário para os Professores.....	108
Modelo de Questionário para os alunos.....	109
Quadro de Normas para Transcrição.....	110
Amostragem de Entrevista com Informantes.....	111

## INTRODUÇÃO

Este estudo se insere na área de concentração: Linguagem, Língua e Literatura, na linha de pesquisa da Sociolinguística, do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Campo Grande-MS.

Ao pensar em um estudo que contemplasse a linha de pesquisa do Programa, na qual contribuísse para a compreensão de variações linguísticas ocorridas no português falado em diferentes regiões do país e, em nosso caso especial, a gíria no contexto escolar e o que esta linguagem representa para um grupo de alunos do oitavo ano de uma escola pública selecionada para o estudo por meio de discursos produzidos por essa comunidade, foi trabalhado a gíria, além das variadas identidades sociais e discursivas na fala desses alunos, com relação ao uso da gíria, foi proposto este estudo intitulado “Identidade e representação: uma análise discursiva do uso de gíria no viés da sociolinguística variacionista”, para dar conta de particularidades do falar desses alunos no contexto de uma escola municipal de Naviraí-MS.

Nessa perspectiva é que se inseriu a temática do estudo proposto e para isso delimitou-se o tema já referenciado, buscando corresponder à problemática que instigou o estudo de que a linguagem da gíria seria um discurso próprio de um determinado grupo de falantes.

Em virtude desses posicionamentos e sustentados por hipóteses de pesquisa, pode se definir os objetivos gerais e específicos, sendo que o geral visa identificar possíveis contribuições do uso da linguagem da gíria, abstendo-se de preconceitos e com possibilidades de ser considerada uma nova prática didática o uso da língua portuguesa falada pela comunidade alvo. Já com relação aos objetivos específicos, procura-se analisar as principais gírias usadas pelo grupo de alunos do oitavo ano do ensino fundamental, no sentido de descobrir o que a linguagem da gíria representa em sua formação identitária e linguística, uma vez que se analisa a linguagem gírica no viés da sociolinguística variacionista, que entende a variação como um fenômeno linguístico inerente a todas as línguas vivas e em processo de transformação.

Partindo desse pressuposto e diante dos autores pesquisados, abstendo-se de ser considerada uma linguagem cujo estereótipo lhe confere característica de ser uma língua de comunidades ou grupos seletos, pode-se inferir mediante a hipótese que deu consistência ao desenvolvimento do estudo, que a linguagem da gíria não é uma língua falada por um grupo determinado de usuários, mas, que desconsiderando tais preconceitos, vem se infiltrando em

outros discursos e entre outros espaços linguísticos, como será possível verificar no decorrer do presente estudo.

Nesse sentido, a pesquisa fundamenta-se nos pressupostos teórico-metodológicos de autores dos estudos da linguagem, dos estudos sociolinguísticos, de cultura e identidade como: Preti (2006), Cherry (2005), Tarallo (2007), Calvet (2015), Bagno (2006), Labov (1972), Bortoni-Ricardo (2005), Hall (2010, 2016) entre outros que poderão ser consultados ao longo da pesquisa, no sentido de apresentar novos dados e novos resultados acerca dos conceitos e dos assuntos propostos.

Assim, seguindo a linha da análise do discurso de Linha Francesa que trata da Variação Linguística na concepção Bakhtiniana (1981, 2000), e por meio dos estudos Variacionista na perspectiva laboviana (1972, 2008), pode-se inferir outros discursos a partir da proposta do uso da linguagem da gíria e o que esta representa para a comunidade de falante alvo da pesquisa.

Em função desses argumentos buscou-se reafirmar conceitos a respeito da historiografia Literária da Língua Portuguesa, e em que os estudos Sociolinguísticos podem contribuir para esta evolução da língua tida, pelos autores pesquisados, como algo comum e inerente às línguas vivas e em constante processo de transformação no tempo e no espaço (LUCHESE, 2015).

Partindo desse pensamento Luchesi (2015) afirma que a historiografia e o início da língua portuguesa, não foram acontecimentos imediatistas, como se a língua já estivesse pronta e acabada, mas, contradizendo tais aceções, esta resultou da mistura de *raças, povos, línguas e outras variações linguísticas*, quando da formação da língua.

Corroborando os estudos de Luchesi (2015), o primeiro capítulo desse estudo traz orientações que postulam o surgimento da língua, o que ela representa nas múltiplas identidades dos sujeitos falantes dessa pesquisa, além da sua importância para o ensino e aprendizagem de língua portuguesa, passando pelo estudo do discurso, dialogismo e do uso de gírias como uma forma alternativa de comunicação. Enveredando-se pelos mesmos caminhos, o segundo capítulo enriquece a temática com dados acerca da comunidade investigada, como definição do *corpus* da pesquisa, constituído pela fala de alunos e professores, além do *locus* da pesquisa, que foi o espaço da biblioteca escolar de uma escola municipal de Naviraí-MS, objetivos, justificativas e hipóteses da pesquisa. Levantamento dos dados a partir do *locus* e metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa.

O terceiro capítulo apresentou o que pode ser coletado mediante os resultados dos questionamentos propostos. A discursividade permeada nas indagações e os resultados



obtidos do estudo, além do levantamento de dados apresentados em cada capítulo, resultados estes obtidos por meio de um questionário com oito perguntas discursivas para os alunos, e outro questionário com quatro questões discursivas para professores do ensino fundamental. Vale ressaltar que os resultados do uso de gírias pelos alunos do 8º ano do ensino fundamental, sujeitos do nosso estudo, foram apresentados a partir de quadros e gráficos para melhor compreensão e visualização dos percentuais de uso.

Com os objetivos concretizados, constatou-se que a linguagem da gíria, não foi um vocabulário presente apenas na linguagem de alguns grupos de falantes, mas que vem ocupando o seu espaço nos muitos discursos, distintamente de *raças, classes, sexos, idade ou variações*. Diante dessas prerrogativas, seguem no primeiro capítulo as considerações a respeito de Linguagem, Identidade e Gírias, e a importância de contextualizar os dados e os avanços alcançados na evolução dos estudos linguísticos e sociolinguísticos nos subtópicos que embasaram o referido capítulo pesquisado.

## **CAPÍTULO 1 - APORTE TEÓRICO: LINGUAGEM, IDENTIDADE E GÍRIAS**

Os estudos Sociolinguísticos na atualidade buscam identificar o surgimento de outras línguas com o objetivo de elucidar os muitos mitos que a permeiam, na qual se fundamenta as identidades sociais e linguísticas dos sujeitos. Nesses termos, denota-se como a história demonstra que a função identitária da língua não consiste apenas em ligar fatos em meio à comunidade humana, sejam elas representadas como tribos, nações, país e etnias, mas, o papel conferido ao outro, preenche um determinado contexto, sendo primordial na definição da identidade do próprio sujeito, e resulta que a língua do outro mantêm função primordial no domínio discursivo, considerada como elemento de identidade coletiva (TRUDGILL, 1979).

Partindo desse pensamento, consiste a apresentação da temática proposta neste capítulo, na qual se busca contextualizar a respeito da historiografia da linguagem, língua, linguística e sociolinguística e a evolução da língua portuguesa para atender aos falantes no processo da comunicação, Teyssier (1982). É importante salientar que o presente estudo traz informações acerca de tais concepções, não no sentido de confundir os leitores, mas para demonstrar a revelância dos estudos e das correntes linguísticas nos estudos de linguagem e de variação e mudança linguística.

### **1.1 Os estudos linguísticos, sociolinguísticos e sua importância para o ensino da língua portuguesa**

Para Saussure (2006), as questões linguísticas são de interesse de todos, mas, a sua maior importância se pauta nos aspectos culturais que se manifestam na vida das pessoas e seu convívio social, formalizando-se como um elo importante que qualquer outra manifestação. Nesse sentido, seria inaceitável que esta ciência fosse objeto de estudo especificamente de alguns, pois toda pessoa dela se ocupa, pouco ou muito, e todo objeto da Linguística se resume em analisar e estudar as línguas e a linguagem, além de suas definições e manifestações no dia a dia do sujeito falante. Uma possui um lado que é social, e outro individual. A língua se formaliza em um todo com uma ordem natural na coletividade, para atender às necessidades dos falantes no processo da comunicação linguística.

Do ponto de vista dos conceitos Chomskyanos (1998), o estudo da linguagem é analisado como um dos campos mais antigos dessa ciência, e ao longo dos tempos ela vem estabelecendo outros encantos a pesquisadores e estudiosos dessa ciência.

Na teoria de Chomsky, por exemplo, a linguagem é vista como uma característica exclusiva da espécie humana, uma vez que ao nascer o ser humano já vem com uma capacidade inata para a aprendizagem e aquisição de línguas.

Para outros estudiosos como França *et alii* (2016), em meio a estes questionamentos, pode se constatar que a Linguística em si se preocupou em estudar a ordem da linguagem, como as características humanas e as diferenças que a linguagem exerce em outros sistemas de comunicação. Assim, faz-se necessário estudar as línguas sem menosprezar nenhuma de suas manifestações para evidenciar o que cada uma delas representa em cada comunidade de fala.

De acordo com França *et alii* (2016), todos os elementos que compõem a língua e, por consequência, a linguagem humana, são recursos dos quais a língua se utiliza para enumerar a imensa gama de vocabulários existentes na língua. Entende-se então que a *Linguística*, mesmo antes de ser considerada como estudo das línguas, é o estudo da *Faculdade da Linguagem* por excelência, e que possibilita a toda espécie humana adquirir uma língua nativa e dele fazer uso no processo da interação linguística.

Para França *et alii* (2016) as línguas, nessa dimensão e construção hierárquica, também variam nos mais diversos grupos e espaços sociais. Assim, França ressalta a partir dos estudos de Labov (1962) foi possível detectar como a linguagem utilizada por diferentes grupos de falantes tem características diferentes de acordo com a faixa etária, situação econômica e escolar, sexo, profissão entre outros fatores, pois a fala de uma pessoa jovem é diferente de uma pessoa adulta, a fala de um homem é diferente da fala de uma mulher. Nesse entendimento, considera-se que as línguas, sejam elas naturais ou não, são analisadas do ponto de vista estrutural, social e linguística.

Na concepção de França, Maia e Ferrari (2016) as línguas e suas respectivas variações foram se estabelecendo por fatores *históricos, geográficos, cognitivos e socioculturais*. Assim, foi a partir da Sociolinguística que os estudos relacionados à língua e à sociedade se formalizaram. Na descrição destes autores, esse estudo teve início a partir da reunião de um grupo de linguistas na Califórnia em 1964. Eles aplicaram a atenção em investigar as relações interligadas com as estruturas linguísticas e o meio social onde o falante está inserido.

Diante desse contexto de estudos linguísticos, Labov propôs chamar atenção para outras formas de conceber o estudo da língua e da linguagem na sociedade, inovando com aparatos tecnológicos como: gravadores, computadores, entre outros, fazendo com que se iniciassem um novo marco em termos de pesquisas voltadas para as variações linguísticas e o contexto de uso da língua.

Assim, a partir do surgimento da sociolinguística, esse novo ramo das ciências linguísticas se ocupou em analisar a língua sobre a vertente da teoria *Variacionista*, que propõe mudanças, investigando as estruturas da língua, além de explicar os motivos que levou ela a ocorrer em uma língua específica em um dado momento como considerou França (2016).

Nesse sentido, Tarallo (2007) considera as variações e mudanças que ocorreram e ocorrem a todo o momento na língua, um fenômeno vivo em constante processo de transformação, uma vez que são para facilitar a comunicação dos falantes entre os demais membros da sociedade ou da comunidade de fala onde estão inseridos.

No entendimento de Paul Teyssier (1982) existe hoje, no Brasil, uma diversidade geográfica e muitos são os estudos da língua e dos vários dialetos brasileiros, para mostrar que as diferenças dialetais existentes no português do Brasil, são menos geográficas do que sociocultural, na qual se percebe uma diferença na fala de um determinado lugar para outro, entre um indivíduo alfabetizado e outro analfabeto, entre brasileiros com um mesmo nível cultural procedentes de regiões distantes umas das outras.

Desse modo, verifica-se uma série de variações na fala do brasileiro, com gradações entre um registro oficial e livre, em que o uso de gírias é propenso às camadas menos favorecidas da sociedade e aos falares regionais e rurais. Sobre esse entendimento Bortoni-Ricardo (2004) afirma que em toda comunidade de fala, são muitas as variedades regionais que se observa no linguajar dos falantes e que essa diversidade no falar, aparenta também prestígio com relação às regiões com maior poder aquisitivo.

Já para Calvet (2002) a língua está recoberta de estereótipos, e na mesma medida que o seu uso varia geograficamente, social e na história, a norma ou fala considerada espontânea, varia na mesma proporção, ou seja, não se tem as mesmas atitudes linguísticas na burguesia ou na classe operária, em Londres ou na Escócia, hoje ou em cem anos atrás (CALVET, 2002, p.60).

No conceito de Yonne e Callou (2004), a diversidade que há na língua apresenta pontos culturais e pluralidades diversas, em que não se pode restringir apenas a uma forma linguística única, pois datam de períodos coloniais e a consequência destes períodos, surtiu efeito para o estudo da língua na vertente heterogênea. Sendo assim, uma mesma região não pode apresentar uma mesma identidade cultural no seu processo linguístico, posto que esta região, sendo povoada no século XVIII no período colonial, teve uma mistura de raças miscigenadas, resultando em uma distribuição de povos, na qual predominou uma concentração linguística, racial e étnica, levando à diversidade sócio-linguístico e cultural.

Para as autoras (*op.cit.*), a hegemonia da Língua Portuguesa, não dependeu apenas de fatores linguísticos, mas também de fatores históricos e culturais, ocorrendo uma distinção entre o português Padrão, que passou a ser considerado como a norma para o bem falar e escrever corretamente. Nesta vertente, não resta dúvida, de que o estágio da história da colonização do Brasil, refletiu na diversidade linguística brasileira e que, aos poucos, está sendo reconhecida. Para Yonne e Callou (2004), esta independência da língua evidenciou a partir de 1892, abrindo brecha para o estudo da língua na sua diversidade étnico-linguística e cultural.

Observa-se então que o preconceito linguístico, em meio à sociedade, ainda é difícil de ser ultrapassado, já que existe uma pressão social manifestada através dos meios de comunicação. Nestes termos, a Sociolinguística, que se objetiva estudar a língua em meio aos fatores sociais, pressupõe mudanças, que ocorreram no passado e que se mantêm no presente, no sistema linguístico, para atender aos falantes no processo da comunicação linguístico, de forma a facilitar a interação entre os membros pertencentes a uma dada comunidade de fala (BUENO; SILVA, 2012).

Compreende-se que o uso da língua, está envolto aos aspectos ideológicos e o preconceito que existe em uma determinada variedade, é mais do ponto social, religioso e o racial do que propriamente linguístico (BAGNO, 2007). Diante disso acredita-se que seria necessária uma política cultural que abrangesse e igualasse todas as classes e grupos, em que se pudesse reconhecer a diversidade, possibilitando aos usuários da língua, as mesmas oportunidades para todos.

Acerca desse assunto, Luchesi (2015) afirma que o Brasil é considerado um dos países com mais desigualdades sociais e a exploração trabalhista dividiu a sociedade brasileira em dois pólos, um de privilégios, e o outro em que vivem as pessoas, no abandono e na pobreza, sem alcançar os direitos básicos e sociais. Esta desigualdade social corrompeu a sociedade gerando um alto índice de criminalidade, representado por uma população que vive às margens da extrema pobreza, e sem nenhuma perspectiva de vida.

No dizer de Luchesi (2015), essa dicotomia social tem reflexos na linguagem. Para ele, todo reflexo de pobreza fez parte de um passado histórico, permeado de uma base que a colônia portuguesa cuidou em transferir para o Brasil, por meio do processo de colonização e da vinda de escravos para o País. Com a inserção deste processo migratório, outras características linguísticas foram se agrupando às línguas já existentes, resultando na junção da língua dos africanos com a mescla de línguas faladas pelos indígenas nativos, entre outras manifestações linguísticas. Em meio a este contingente linguístico, outras marcas linguísticas

foram se firmando e a língua, a princípio, falada por estes povos, foi perdendo forças e se adaptando à linguagem do colonizador.

Para Luchesi (2015), os questionamentos em torno das questões linguísticas no Brasil desde a sua formação, foram motivos de críticas e indagações. Apenas em 1822, as manifestações culturais e linguísticas do país, deram um salto, conjecturando o índio como uma das premissas básicas do símbolo de nacionalidade. Conforme o pesquisador, os escritores brasileiros em seus escritos, cuidaram em traduzir em suas temáticas autorais, a mistura dessas línguas resultantes do período colonial, muitas vezes incompreendidas pelos autores daquele século, nesta ocorrência, com os críticos portugueses do período.

No entendimento de Luchesi, mesmo assim a linguagem brasileira não encontrou seu próprio espaço, pois era considerada pelos europeus como imprópria, desprovida dos cânones portugueses, obedecendo à antiga ordem colonial. Apenas no século XIX, e início do século XX, é que a linguagem brasileira ganhou uma nova expressividade, pois por meio de pronunciamentos dos escritores da época, que criticavam a mistura de raças e línguas, começaram a vislumbrar novos direcionamentos para a formação da língua do povo brasileiro. Segundo Luchesi, até mesmo os que consideravam a linguagem das classes populares infiltradas na língua brasileira, rejeitaram esta adição dos negros e mulatos. Com isso o autor traz as seguintes considerações:

A adoção de um modelo adventício de correção gramatical criou uma norma de referência linguística artificial e estranha aos hábitos linguísticos mesmo dos brasileiros letrados, o que teve nefastas consequências até os dias de hoje, não apenas para o ensino de Língua português, mas também para a autoestima do povo brasileiro. É generalizado o sentimento de insegurança linguística que aflige todos os brasileiros, mesmo os mais escolarizados. É comum ouvir afirmações do tipo “o português é uma língua difícil” ou “o brasileiro não sabe falar português”. E não poderia ser diferente, já que a tradição gramatical no Brasil exige que se escreva, ou até mesmo se fale com a sintaxe portuguesa-o que é impraticável, porque a língua não parou de mudar, tanto em Portugal quanto no Brasil, em processo que, por vezes, assumiu direções distintas, ou mesmo contrárias, em cada um dos lados do Atlântico. (LUCHESEI, 2015, p.24).

Denota-se então que o contexto histórico da linguagem brasileira é permeado de estereótipos e ideologias aparentes na língua e nos discursos da população. Sob o enfoque de Luchesi (2015), apenas a partir dos estudos Sociolinguísticos reafirmando-se como uma ciência da linguagem na década de 1960, com Willian Labov, que outros estudos a respeito da língua começaram a despontar.

Nesse contexto, as pesquisas Sociolinguísticas foram contrárias nas muitas escolas que já se manifestavam em estudar a linguagem e as suas ambivalências. Ainda, conforme Luchesi (2015), a Sociolinguística se opôs, em um primeiro momento, frente aos estudos estruturalistas Saussurianos, que conceituava a língua como objeto específico da Linguística Moderna, imune a outros fatores sociais.

Outra oposição da Sociolinguística ocorreu em contrapartida aos estudos Gerativos Transformacionais de Chomsky, que fundamentou os seus estudos na linguagem ideal de um falante que possuiu a competência Linguística de certa forma homogênea. Estas contradições da Sociolinguística pautaram-se em princípios que direcionaram os estudos da língua no mundo.

Para Luchesi, a história da língua ultrapassou dois mil anos, e vem sendo objeto de estudo e reflexão para muitos estudiosos, filósofos, gramáticos, filólogos e linguistas. Nesta vertente, a língua e os estudos linguísticos estabeleceram uma contradição entre o falar e saber uma língua. Estas inscrições corromperam o saber linguístico, surgindo outras pressões e adaptações tanto na fala como na escrita.

Destas mudanças rompeu-se tudo aquilo que fora constituído como um sistema linguístico definido, denotando-se a definição do termo variação linguística que solidifica as mudanças linguísticas. No dizer de Luchesi, a partir destas rupturas, os estudos estruturalistas e gerativistas não conseguiram definir uma nomenclatura para estas variações das mudanças da língua. Assim, em meio a estas crises linguísticas, a Sociolinguística se concretizou como um estudo que abriu novos horizontes e outras perspectivas para o estudo e objeto Linguístico.

Conforme o autor, para fundamentar o estudo Sociolinguístico, foi necessário desenvolver uma base empírica analisando as mudanças linguísticas por meio dos processos de variação manifestadas na língua. Estas mudanças realizadas pela Sociolinguística, na concepção dos estudos Linguísticos e na visão de outros estudiosos, foram consideradas modestas, visto que os estudos Sociolinguísticos ainda são permeados de restrições e, às vezes, até mesmo de certos estereótipos.

Partindo dessa premissa, há uma implicação de mudanças no plano da linguagem. Para Luchesi (2015) há uma inversão de valores em termos linguísticos, já que nas grandes cidades, migrantes rurais mantêm a linguagem internalizada da zona rural, na medida em que acometem influências culturais, sociais e linguísticas dos meios de comunicação de massa. A sociedade brasileira contemporânea impregnada de cultura imediata, que traduz outros valores de padrões e comportamentos linguísticos, realiza a sua homogeneização e daí surge

os pré-conceitos, ou seja, conceitos pré-fabricados sobre uma forma diferente de usar a língua em diferentes contextos, dentro de uma mesma sociedade.

Denota-se então que nestes processos de homogeneização, há um achegamento da fala das classes consideradas baixa, com a fala da classe culta no dizer de Luchesi (2015), na qual se observa um nivelamento linguístico. Entende-se que os resultados obtidos nos estudos Sociolinguísticos e pormenores das variáveis existentes no português brasileiro, forneceram fundamentos e uma melhor verificação e interpretação dos estudos sociolinguísticos do País, resultando nas muitas especulações na área da Sociolinguística.

Nas considerações de Monteiro (2000), por exemplo, incorre que o termo Sociolinguística, surgiu em (1964), em um congresso na Universidade da Califórnia, com William Bright. Para Bright, a Sociolinguística deveria estudar as relações existentes entre as variações linguísticas em uma comunidade na sua diversificada estrutura social, com vistas a atender o falante no processo da interação comunicacional.

Consolida-se que as primeiras instâncias para definir o objeto de estudo da Sociolinguística, não foram proveitosas, uma vez que essa disciplina foi se estruturando em meio à desestabilização por não possuir rigor teórico cuja desconfiança dos linguistas do período, já fazia parte de algumas escolas e de algumas correntes linguísticas. Conforme o autor, mesmo sem alcançar a efetivação desta ciência, a inserção da Sociolinguística como um dos campos de unificação de língua e sociedade aconteceu, com Bright. No dizer de Monteiro (2000), Bright inovou seu pensamento propondo ideias a respeito da ligação entre línguas e sociedade, afirmando e acreditando que o objeto de estudo da Sociolinguística é a diversidade linguística.

Para Monteiro (2000), Bright, em seus estudos, buscou estabelecer alargamentos, em que considerou a diversidade como a mais relevante, que foi analisada sob três vertentes: *a identidade social do emissor, a identidade social do receptor, e as expectativas do momento discursivo*. Mas, de acordo com Monteiro (2000), estas inferências a respeito da sociolinguística, foram reforçadas apenas a partir dos estudos de Labov que deram início aos aspectos da então teoria da variação linguística. Outrora, até mesmo Labov não adotava uma postura real diante da realidade que despontava nos estudos sociolinguísticos, visto que os demais linguistas se ocupavam em analisar a língua com os próprios *Idioletos*<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> *Idioleto*: [Do Inglês, *idiolect*.] Substantivo masculino. Conjunto de características específicas das línguas próprias de um único indivíduo e consideradas num dado momento.



Partindo da perspectiva de Bortoni-Ricardo (2014), a Sociolinguística, como uma ciência autônoma, já se reafirmava no início do século XX, mesmo havendo outros linguistas, que antes de 1960, já desenvolviam seus estudos voltados à variação linguística ou Sociolinguística, como Meillet (1866,1936) e Bakhtin (1895,1975) que já faziam parte do Circulo Linguístico de Praga. Neste ínterim, foram se consolidando os fundamentos da Sociolinguística como uma ciência direcionada, e com prioridades em descrever os fenômenos dos processos de variação e mudanças pertencentes à língua, se expandindo para outras dimensões da linguagem humana, como conceitua Bortoni-Ricardo (2014) quando considerou que:

Desde meados dos anos de 1960, quando o termo Sociolinguística apenas começava a ser aceito, essa disciplina vem ampliando seus objetivos iniciais de investigação, muito além da explicação dos processos de mudança e difusão linguísticos. Na atualidade, especialmente durante a última década, converteu-se em uma disciplina central, preocupada com todos os aspectos da comunicação verbal nas sociedades humanas. Em particular, com as formas como a comunicação influem e refletem as relações de poder e dominação, com o papel que a linguagem joga na formação e perpetuação de instituições sociais, assim como, com a transmissão da cultura. (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 13).

Em meio a estes conceitos, a Sociolinguística se ocupa de investigar uma comunidade de fala em seu aspecto variacionista, agregando outros valores como os *dialetos*, *etnia*, *idade* entre outros fatores da linguagem que podem influenciar o uso de uma determinada variável na sociedade. Discorre-se que foi Labov (1970), um dos estudiosos que se ocupou em estudar a linguagem no contexto social. Ao analisar, em suas pesquisas, diferentes grupos de falantes no viés da vertente social. Logo, a Sociolinguística analisa a fala em sua variação e na sua diversidade. Ela busca realizar o estudo com uma visão *diatópica e diacrônica*, além de estudar a comunidade de fala por meio da *classe social*, *idade*, *sexo*, entre outras variantes.

No dizer de Labov (2008), quando se trata de analisar a linguagem no campo linguístico e os fatores sociais que a envolve é pertinente considerar a evolução linguística sem estimar o elevado contato entre os valores sociais e como a língua está estruturada. Para o autor, quando se propõe em atribuir valores sociais, estes são ligados a regras linguísticas. Com este entendimento, é visível entre os sujeitos falantes que estes não aceitam de imediato que dicotomias distintas tenham a mesma semelhança, mas, que persiste uma aptidão em somar diferentes significados a elas.

Na descrição de Preti (1982), as variações referentes ao uso da linguagem pelo mesmo sujeito falante variam de acordo com a situação, em uma dicotomia que está relacionada com

o nível de fala ou registro formal utilizado em situações cuja formalidade está presente na linguagem culta e registro de falas de ordem coloquial, usadas nas ocasiões com maior índice de intimidade entre os sujeitos falantes, com características e saliência no vocabulário da linguagem popular, no uso de gírias, entre outras expressões de ordem ou natureza afetiva, como se verifica ao longo dessa pesquisa sobre o uso de gírias por alunos do 8º ano do ensino fundamental de uma escola municipal de Naviraí-MS.

## **1.2 A problemática das identidades do sujeito e o uso de gírias**

Os indivíduos estão sempre em crise entre reafirmar uma identidade estável ou as alterações que outras experiências que a linguagem lhe proporciona. Compreende-se que todas as línguas variam, e com isso sabe-se que a variedade linguística é o reflexo da variedade social e como tal em todas as sociedades existem diferenças que se manifestam na fala dos sujeitos com classes, idades, sexo e etnias diferentes, o que resulta em outras identidades sociais. Entende-se que a variação linguística pode ocorrer em qualquer nível da linguagem, manifestando-se no léxico, na fonologia e morfossintaxe. Neste parâmetro é notável o uso dessas variações presentes justamente no campo lexical, como a linguagem das gírias, que são itens lexicais informais e efêmera no tempo e incrustada em grupos sociais.

Para Preti (2006), o tema da gíria teve projeção em meio aos estudos do léxico da língua, devido ao crescimento do referido vocabulário na atualidade, especificamente no aspecto urbano. O surgimento desta língua imbuu-se como um fenômeno de ordem social, não sendo exclusividade apenas de brasileiros, mas cresceu em consequência do fortalecimento das ordens democráticas da sociedade moderna, em todo contexto mundial e surtindo efeito de amenizar os preconceitos contrários à linguagem popular falada por pessoas de menor poder aquisitivo.

No entendimento do autor, todo interesse dos estudos sobre a língua falada nos últimos tempos se manifestou e se desenvolveu devido a muitas contribuições dentre elas a da análise do Discurso, da análise da Conversação e da Sociolinguística Interacional, que se formalizou e despertou o interesse dos estudiosos da língua e do estudo das linguagens, inclusive da gíria. De acordo com Preti (2006), mesmo este interesse sendo considerado uma inovação, o vocabulário da gíria foi uma linguagem que se falou em outros tempos e por outros povos, quando traduzia o sentido de linguagem de determinado grupo social.

Ainda segundo Preti (2006) a gíria tomou vulto no século XVIII, devido à poesia de temática chula, invadindo o teatro, a canção popular e o romance que trouxe como escopo a

sociedade marginalizada por meio dos criminosos e mendigos com sua organização, costumes e linguagens. Outra definição para a gíria, na concepção de Preti (2006), ocorreu no mesmo século XV, com os povos italianos, que uniam os seus dialetos aos da Península. Conforme o autor, apenas na Espanha esta expressividade teve início com atraso, surgindo no século XVI, com características da gíria, direcionadas às profissões.

Para Preti (2006), é a partir da evolução do século XX, que a gíria vai se incorporando e ganhando outros colaboradores para que esta linguagem fizesse parte da história do povo brasileiro, com a contribuição do filólogo Antenor Nascentes com a obra *A Gíria brasileira* (1953) e Viotti, com *O Dicionário da Gíria brasileira* (1945) descrevendo-a como uma linguagem específica para uso de determinado grupo.

Sem a preocupação estética da linguagem, a mesma é isenta da preocupação lexical, até mesmo quando se propõe a falar do vocabulário em que é comum a expressão “*linguajar*”. Assim, a partir da década de sessenta, outros vocabulários vão se constituindo, e desta expansão o uso das gírias, que estariam presentes nas letras de músicas, na imprensa, rádio, televisão entre outras.

Diante desse contexto, é possível inferir que é constante o interesse de estudiosos pela linguagem da gíria e distingue-se em recolher os mais diversificados vocabulários presentes na linguagem brasileira, cujos estudos são despojados de preconceitos, consequências das novas ciências linguísticas, como a Sociolinguística que estuda os dialetos sociais e as suas variações. Em meio a estas inserções e as obras que se ocupam em caracterizar a linguagem da gíria, para Preti (2006), o grande entrave consiste em atribuir critérios que contribua para a formação do léxico.

Para esse estudioso, os dicionários da língua estabelecem uma linguagem culta como firmamento para a orientação de outras variantes lexicais, que dizem respeito aos muitos níveis socioculturais dos falantes, em que os verbetes são desprezados e substituídos por outros significados distantes dos usos das variantes com uma linguagem comum.

Ainda segundo Preti (2006), esses trabalhos lexicográficos considerados menos importantes também trazem contribuição para o conhecimento dos aspectos culturais e populares e da caracterização da linguagem dos estudantes, dos grupos musicais, da malandragem, dos esportes de massa, entre outros pertencentes aos grupos sociais reclusos, e, entre outros nivelamentos como conceituados nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN - BRASIL, 1990), que afirmam que os alunos do ensino fundamental na faixa etária de idade entre os onze aos quinze anos, alguns com idade um pouco avançada devido às dificuldades que enfrentam. De acordo com os PCN, este momento da vida para darem continuidade a seus

estudos é marcado pelo desenvolvimento e pelo processo de constituição da identidade, em que se avistam transformações: *corporais, emocionais, cognitivas e socioculturais*.

Estas mudanças ocasionadas na adolescência provocam desajustes em seus comportamentos. Mudanças que acontecem devido à necessidade de remodelar a sua autoimagem, visto que aquela que trazia consigo ao longo da infância, sofreu inferências que variam de cultura para cultura e novas relações afetivas que passam a acontecer em suas vidas. E, em meio essas disfunções emocionais, acarretam no adolescente, a busca por outras referências, outros valores, compreensão e experiências, além de outras linguagens.

Do ponto de vista linguístico, as gírias se caracterizaram pela sua expressividade em certos grupos sociais, uma vez que é por meio da linguagem que se identificaram os sujeitos ou grupos com idades e comportamentos do indivíduo. Por isso, identificar um indivíduo ou um grupo por meio da linguagem é associar estes sujeitos ao meio em que está inserido e que convivem, já que a formação identitária é condicionada por fatores variados como: *sociológicos, psicológicos, cognitivos, discursivos e culturais*.

Conforme os Parâmetros Curriculares, esta busca de conhecer e reinterpretar o mundo a seu redor, é o que constitui uma visão dos espaços de convivência e socialização de agregadas questões de gênero, etnia, origem e outras possibilidades sociais, em que há a rediscussão de valores, reinterpretados que passam a constituir sua nova identidade. (BRASIL, 1990, p.46). Sob esta ótica, percebe-se que a formação dos adolescentes condiz com autonomia nas decisões tomadas e outros desempenhos nas suas atividades diárias.

Nesta vertente, conforme os PCN (BRASIL, 1990), com esta nova percepção da realidade aparente e com capacidade de relacionar os direitos, aos deveres sociais, resultam na responsabilidade de tornar o indivíduo responsável pelos seus atos, na constituição de outros valores e de cidadania. Ainda sob o enfoque dos Parâmetros, observa-se um processo de descontinuidade entre a representação da idade adulta e a da criança, voltados ao alcance do ser independente e autônomo.

Nessa dicotomia do universo infantil para a fase adulta, percebe-se que, em meio a esta realidade, os adolescentes se encontram em conflitos, pois estão caminhando para outra fase da vida. Estes conflitos permeiam a vida dos adolescentes e caracterizam-se por fatores como: condição social, devido às exigências familiares e pela influência que a mídia exerce na vida dos adolescentes.

Estas transformações acarretam fatores e articula-se com o desenvolvimento cognitivo dos sujeitos, pois na adolescência há várias implicações de como raciocinar, organizar, dar a sua opinião, ter a capacidade de levantar hipóteses, investigar, analisar, ter um raciocínio mais

formal, com a possibilidade de constituir conceitos. Outra consideração sobre os adolescentes de acordo com os PCN é que estes trazem consigo um tipo de comportamento e valores que os situam como nova identidade indentitária, o lugar que ocupam na sociedade, as relações que se firmam a partir da realidade dos adultos.

Neste sentido, percebe-se esta repercussão manifestada em sua linguagem com características próprias, modismos, vocabulários específicos e outras maneiras de expressar. São exemplos desses falares: as falas das tribos, grupos de adolescentes formados em função de uma atividade (*surfistas, skatistas, funkeiros entre outros*). Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais, estas inferências são observáveis, pois:

É possível, assim falar em uma linguagem de adolescentes, se entender por isso não uma língua diferente, mas um jargão, um estilo, uma forma de expressão. Tal linguagem é apropriada e explorada pela mídia, nas propagandas voltadas para jovens em programas televisivos específicos, na fala de disc-jóqueis, nos suplementos de jornais, revistas e nos textos paradidáticos e de ficção para adolescentes. (BRASIL, 1990, p.47).

Quando se busca definir a representação do adolescente na sociedade por múltiplas mudanças, realiza-se a constituição de outras significações, e a partir destas realidades sociais e marcas identificadas tornam-se parâmetros para a constituição dos sujeitos.

Nas considerações de Hall (2016), sendo a linguagem um sistema de representação, ela está envolvida em um processo que vai se construindo e dando sentido aos eventos da fala. Esse sentido traduzido na linguagem e interligado com outros conceitos, como as palavras, os sons ou imagens, que se concretiza nos signos com outras representações, resultando nos sistemas de significados presentes em outras culturas. Com esse entendimento o estudioso considera que:

É assim, portanto que você dá sentido às coisas por meio da linguagem. É assim que você “toma sentido” das pessoas, dos objetos e acontecimentos, e é capaz de expressar um pensamento complexo sobre coisas para outras pessoas, ou de se comunicar a respeito delas pela linguagem de modo que outros seres humanos são capazes de entender. (HALL, 2016, p.34).

Assim, conforme Hall, mesmo as pessoas pertencendo a uma mesma cultura, elas também necessitam compartilhar as mesmas semelhanças e capacidade de interpretar os signos de uma linguagem, pois dessa forma, os sentidos são efetivados entre os sujeitos.

Os estudos Saussurianos estruturalistas [1916] (2006) já instigavam que nenhum sujeito é autor das suas próprias afirmações, mesmo estas sendo manifestadas pela língua. De acordo com o autor, os significados das palavras não são fixos em um relacionamento de um com o

outro. O significado acontece a partir das relações de semelhança e distinção que os discursos apresentam no código linguístico, e cada ato discursivo se identifica.

Para Saussure [1916] (2006), toda essa transformação na linguagem comportou uma dicotomia, que analisava os fatos da linguagem de modo síncronico e diacrônico. Para ele a sincronia, consistia estabelecer a ordem e o princípio de regularidade. No sentido diacrônico, o estudioso considerou um fator dinâmico, na qual um efeito é produzido, e disso resulta uma mudança para uma coisa executada. Na concepção de Saussure, todo mecanismo linguístico está envolto às noções e concepções de identidade e as diferenças, não são mais que a contraparte da identidade do sujeito, ou seja, o problema das identidades se encontra, pois, em toda parte, inclusive na linguagem.

De acordo com Hall (2010) uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (*de classe*) para uma política de *diferença*. Ainda sob a visão do autor, a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia.

Nos postulamentos de Dino Preti (1984), considerada como um modo próprio da comunidade humana, a comunidade se encontra com comportamentos que consiste em ideais, denunciados pelos falantes, para comunicar e transferir informações acessíveis para a vida em comum. No sentido de que a sociedade se ocupa de cuidar do uso, mudando-a em lei linguística, conservada e admitida pela tradição por meio de outras gerações, constituindo como a norma linguística, já que as normas linguísticas movem os indivíduos para que tenham um mesmo pensamento, no contexto da comunidade em que residem. Para o autor, mesmo a fala sendo um ato individual, este mecanismo têm tendências diversas, visto que estas normas expressivas atrapalham a comunicação que acontece de forma não comum ao uso.

Denota-se então um repúdio às expressões manifestadas mediante a escolha da linguagem, visto que na linguagem cada ato linguístico tem como supremacia explicar cada coisa de um só jeito. No pensamento de Preti (1984), todo condicionamento na linguagem se realiza e está em junção com a classe social e cultural dos sujeitos, cujas ocorrências, no plano da linguagem, acontecem tanto no plano diastrático (sócio cultural) e no diatópico, no conceito geográfico, inseridos e perpassados pelos meios de comunicação de massa, que destinam ensinamentos, de maneira igualitária, alcançando as mais longínquas comunidades e os ambientes rurais com as normas linguísticas dos grandes centros urbanos.

Para o autor, esses vocabulários típicos têm tratamentos específicos para instigar um público alvo. Assim, os meios de comunicação que destinam ensinamentos de maneira igualitária, alcançam as mais longínquas comunidades e os ambientes rurais com as normas linguísticas dos grandes centros urbanos.

Em meio às incursões determinados grupos buscam o isolamento, colhendo uma linguagem específica contrária ao uso comum. De acordo com Preti (1984), tal condicionamento linguístico é originário do próprio comportamento social, sendo considerado de uso particular por certos grupos sociais. O aparecimento dessa linguagem específica atenderá aos anseios do grupo, mas, também servirá a outras finalidades, como ao anseio de ser compreendido apenas pelos sujeitos do próprio grupo, sendo insento pelos outros da comunidade.

Denota-se que no instante em que essa linguagem específica se apresenta ao grupo como algo que busca a sua autoafirmação e a sua busca pessoal, pela sua originalidade no sujeito, ela se torna um signo de grupo. Estas marcas linguísticas se manifestaram na década dos anos sessenta, representadas na linguagem usada pelos “*hippies*” oposta à linguagem da época, e outras linguagens utilizadas por estudantes das maiores universidades, como a dos militares, dos marginais, dos vendedores autônomos, entre outras.

Esta oposição ao uso provocou múltiplas reações na comunidade, visto que burlava os padrões linguísticos, opondo-se à prática, estabelecida pelas escolas. A segunda oposição ocorreu devido à curiosidade, visto que a ruptura das regras sociais causou um encantamento, e a restrição ao uso reafirma costumes, ação e atividades contrárias. Sob estes conceitos, de acordo com Preti (1984), é que se constituiu a caracterização da gíria, como um marco linguístico e social de determinado grupo, principalmente de grupos marginalizados.

Analisada sob o aspecto de possuir um vocabulário específico, a gíria apareceu como um signo de grupo, no começo secretamente sob o poder de uma comunidade específica, como a gíria dos marginais ou da polícia, dos estudantes, ou outros grupos, ou profissões. No entendimento de Preti, quanto mais unidos forem os membros pertencentes ao grupo, na mesma proporção a gíria se firmará como um elo, e o que as identificará distinguindo o falante na sociedade e conservando-a como modelo, e se autoafirmando para a comunicação.

O autor reafirma ainda que a partir do momento em que a linguagem se torna vulgar, a própria comunidade a considera como a uma gíria comum, de uso geral e não distinto, desaparecendo em contraste com os dialetos da camada social popular, inexistindo como signo grupal, no sentido de dificultar a distinção entre o vocabulário gírio e popular. O autor conceitua que a chamada gíria jovem se formalizou por meio de um signo grupal representado

na sociedade moderna, em que o jovem já fazia parte de uma classe social, não representando apenas mais uma faixa etária da população, mas um público que ao longo dos anos vem estabelecendo-a como uma linguagem que demonstra a fidelidade dos sujeitos e conflitos de gerações.

Para Preti (1984) este reflexo da linguagem da gíria já está sendo empregado em outras classes e grupos de pessoas consideradas intelectuais. Nesta vertente os universitários também sucumbem ao uso do fenômeno linguístico dito gíria, cujos anos setenta foram representantes do uso de gírias consideradas como um signo de agressividade em que *bicho* referia-se a amigo, colega, cara, e *coroa* para pessoas mais idosas, utilizadas até os dias atuais, e a gíria *quadrado*, substituindo os adjetivos de uma pessoa conservadora, *mina* para namorada, linguagem esta utilizada pelos grupos de marginais da prostituição.

Sendo assim, há uma inversão na linguagem e nos valores linguísticos, pois devido ao uso a linguagem gírica apresenta uma linguagem efêmera uma vez que ela tem tempo transitório. Denota-se assim, que a gíria pode ser considerada como meios que os sujeitos dos grupos encontram para se defender, e estes mecanismos de defesa refletem na linguagem ou signo que o grupo utiliza no dia a dia. No dizer de Preti (1984), quando os sujeitos insistem em usar a linguagem da gíria com outro indivíduo que possui mais formalidade com a linguagem, está reafirmando o seu signo de grupo.

Nos grandes centros, a gíria se caracterizou pela pressa manifestada no processo comunicativo das pessoas. Estes se utilizam de siglas de gírias frequentes nos discursos, para expressar uma linguagem obscena. Neste seguimento e de acordo com o autor, outras manifestações ocorreram, substituindo os termos determinados pelos determinantes, resultando uma hostilidade a maneira convencional de falar, como no uso das gírias neste exemplo: *corta essa, já era, não estou a fim de, estar por dentro ou por fora, ô meu, estou na minha e você na sua*, entre outras.

Preti (1984) considera desnecessário tentar impedir o tempo de duração da gíria e da linguagem nos grupos sociais, buscar igualar os níveis de linguagem em um único padrão. Para ele, o que seria essencial como processo mediador escolar, poderia proporcionar aos sujeitos falantes das diversas classes sociais a tomada de consciência da realidade linguística presente nos dialetos sociais, e dos diversos níveis de linguagem, que pudesse se adequar às normas linguísticas, sendo estas: *culta, comum, popular*, mediante os múltiplos fatores sócio-culturais que atuam na língua. Preti (1984) considera que:



O certo é que independente de leis e decretos reguladores da boa linguagem ou de quaisquer campanhas moralizadoras, independente da ação dos meios de comunicação de massa, nivelando as variações pela norma comum, ou da imposição do dialeto culto pela escola, a gíria, esse vocabulário parasita, continuará como elemento diferenciador e catártico, a que certos grupos (e, afinal, as camadas mais diversas da população) jamais renunciariam, sob pena de perderem uma das formas mais eficientes de marcarem sua presença na grande comunidade. (PRETI, 1984, p.8).

Observa-se assim, que ao buscar caracterizar a significância do termo gíria, estudá-la é ir ao mais ínfimo do uso nos grupos sociais, para abstrair outras implicações para o ensino da língua portuguesa e outras práticas docentes em sala de aula.

### **1.3 Língua, contexto discursivo, identidades do falante no uso de gírias e possibilidades de aprendizagem nas aulas de língua portuguesa**

O conhecimento atualmente recomenda uma revisão de outras metodologias, visto que em virtude de necessidades para o ensino e aprendizagem da língua portuguesa, outras teorias e práticas precisam ser difundidas, já que os métodos que ora vêm sendo utilizados pela maioria dos educadores se fundem e carecem de outras práticas importantes para auxiliar na aprendizagem do conhecimento. Diante desses desafios, os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1990), busca reorientar e reestruturar o ensino da língua em virtude da demanda de alunos de diversas classes sociais e diferentes níveis de aprendizagem.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1990), os sujeitos do aprendizado passam por necessidades de reconstrução de sua identidade, direcionamento importante na construção de sua autonomia, pois lhes possibilita uma visão de interpretação e enfrentamento dos problemas a partir do reconhecimento da linguagem por eles utilizada e o lugar que estes ocupam no contexto social, bem como na organização do discurso.

No entendimento de Chiappini (1993), ser um sujeito em discurso é dar ao enunciado produzido a importância que o identifica e lhe confere uma identidade específica. Nestes termos, o discurso produzido tornar-se único, tendo em vista o contexto realizado e o interlocutor envolvido no processo. Ainda de acordo com a estudiosa, o indivíduo forçado aos mecanismos do meio social, assimila certas tendências que cristalizam a sua linguagem. Para ela o poder dos estereótipos está em fazer com que os indivíduos não só agreguem outros códigos sociais, mas dentro desse contexto lhes são conferidas outras identidades.

Assim, mais uma vez os estudos Sociolinguísticos reafirmam que a função indentitária das línguas, e o que esta representa como função, é que o caracterizam as diversas denominações de línguas, dialetos, socioletos, variantes e outros patuás. Os autores

consideram e avistam uma barreira ao relacionar estas características como naturais, visto que de um lado persiste o resultado de um produto cultural e, por outros, fatores que são da natureza humana. Outra distinção é a questão ideológica desta ciência, no momento em que se transforma e, desta mudança, se firma como identidade do sujeito e da comunidade a que este pertence.

Diante do exposto, estas mudanças se efetivam por meio de representações, de si ou do outro. Conforme os autores Monica Maria (2009), é neste espaço identitário, de uso da língua, que a Sociolinguística, através dos contatos e conflitos aparentes, se tornou uma ciência interdisciplinar, devido às muitas solitudes que as variadas especificidades das línguas assumem, mediante as suas representações. Nesta premissa, de acordo com Monica Maria (2009), ao relacionar as significâncias a respeito da língua, esta incita interpretações díspares, que sustentam ideologias resultantes de adversidades, no sentido de instalar o sujeito na sociedade, para constituir outros mitos identitários.

Insistindo na concepção de Preti (1984), pois para ele toda manifestação de ações linguísticas do falante, distante de ser considerada problemática própria do indivíduo, antecede uma tomada de ação linguística de classe, que seleciona uma linguagem específica para uma determinada situação. A impressão inicial constatada é que a língua considerada como instrumento cultural da população, não existe distante de certa cultura ou civilização, e a separação dos níveis de fala e os seus registros estão ligados a princípios culturais. Mas, outrora na concepção do autor, nem sempre estas variações linguísticas estão unidas em uma comunidade de fala específica, já que consciente ou inconsciente o falante busca adequar a sua linguagem às diversas instâncias que a vida lhe concede.

Nestes termos, observa-se o uso de formas linguísticas e vocabulário padrão, como a linguagem de pessoas com mais instrução para ocasiões que precisam de mais formalidades, ou de registros com a linguagem coloquial manifestada a partir de dialetos populares. Podendo ser ancorada sob o aspecto do registro comum, com a mediação de dialeto social comum, resultado da junção do padrão com o popular, pela necessidade de formalidade na língua utilizada nas convenções do dia a dia do falante.

No entendimento do autor, a Sociolinguística com o intuito de estudar estas camadas da língua no contexto social, considera que a linguagem, na maioria das vezes, não está sob a mesma condição na cultura do sujeito falante ou a sua expressividade própria de uso no cotidiano. No dizer de Preti (1984), um sujeito pode aderir a um comportamento de certo grupo, não por não conhecer a norma padrão, nem por resultar a falta de possibilidades de uso, e sim por ter estas atitudes linguísticas apresentadas conscientemente.

Esta ação do sujeito o une a um referido grupo cuja linguagem pode ser manifestada nas classes sociais mais restritas, como é o caso da gíria que já foi considerada linguagem marginal. Estes sujeitos falantes pertencentes a estes grupos exercitam um sentimento de apego à maneira de falar, como marcas de sua identidade.

Sob a égide de Preti (1984), o morador da zona rural ou das pequenas cidades interioranas, não estaria apto à representação das transformações da língua, mesmo em meio às inserções culturais e outras influências provindas dos grandes centros urbanos. Este sujeito considerado como um falante ideal da língua, mesmo não fazendo parte desta comunidade, usaria a norma padrão obedecendo aos preceitos do uso, mas não se manteria imunes às influências de outras linguagens, como a popular ou o uso da gíria, por exemplo.

Nessa explicação conceitua-se que o estudo e o estabelecimento de uma linguagem padrão pode ser divulgado *nas escolas, nos meios de comunicação de massa, na publicidade e propaganda, com o objetivo cultural de levar ao povo a consciência da adequação linguística do contexto da vida diária* (PRETI, 1984, p.85). Neste sentido, a linguagem da gíria, apresenta-se como vocabulário ligado à linguagem corrente, sendo manifestada nas mais distintas ocasiões e pelos mais diferentes modelos sociais de sujeitos falantes.

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1990), nas manifestações do ensino da língua, a intervenção do docente é fundamental para mostrar ao aluno o papel importante da interlocução, considerando a realidade do discurso do outro mesmo concordando ou discordando, já que a opinião do outro apresenta outras perspectivas de análise e leva-o a refletir acerca de suas próprias análises. Ao considerar o que o outro diz (*professor*), ele demonstra uma consideração pelo dizer do outro, (*aluno*).

Nesse sentido, a escola deve garantir que a sala de aula seja o espaço em que os sujeitos tenham a palavra reconhecida como legítima, e estas palavras encontrem, no discurso do outro, ressonâncias do seu próprio discurso, para possibilitar contatos efetivos diferenciados, em que o diferente não possa ser considerado nem melhor e nem pior, mas, apenas diferente, na possibilidade de reinterpretar a realidade que aparenta em um ambiente de constituição dos sujeitos (BRASIL, 1990, p.48).

O papel do professor, neste contexto, é de mediador que possibilita aos alunos organizar ações em que o contato crítico e reflexivo com as diferenças implícitas nas práticas de linguagem como os aspectos relacionados aos valores, às intenções e aos preconceitos que circulam possam ser banidos.

Ainda sob a concepção dos PCN (1990), cabe ao professor organizar o ensino com medidas que possam aferir a competência discursiva de seus alunos, elaborando o seu

trabalho não apenas para um aluno ideal, mas para todos os alunos da(s) turmas, de forma que possa contemplar todos os envolvidos no aprendizado em sala de aula. Nesta vertente, pode-se considerar que a boa condição de aprendizagem é aquela que possui novos conteúdos e outras possibilidades de aprofundar os conteúdos já apresentados e formalizados.

De acordo com Preti (2006), o estudo da linguagem padrão não fixa uma abordagem valorativa para esta variante. O que se analisa são quais medidas estabelecer para que esta norma venha representar o seu ofício no seio social. Quando a linguagem é analisada sobre este estigma de prestígio social, ela reafirma a marca identitária do sujeito falante com expressividade em certos grupos sociais, sendo estes representados pelas vestimentas correspondendo a índices de valores sociais, que são caracterizados pela comunidade.

No dizer do autor, assim como na sociedade, fatos relacionados à vestimenta traduzem aspectos de níveis sociais. E com a língua acontece coisa semelhante, ou seja, atitudes para com os falantes com juízos de valor, analisando e dando à linguagem um padrão ideal, considerando esta ou aquela como inferior ou superior. Na concepção de Preti (2006), estas inferências não padronizadas repercutem naquele falante que não escreve e não se comunica com precisão, uma vez que, as ações direcionadas à linguagem padrão são consideradas ideais por uma massa da sociedade e pelos meios de comunicação, inclusive a escola.

Por outro lado, convém ressaltar que distante desta forma ideal persiste outra realidade em que outros sujeitos praticam esta linguagem seja oralmente ou expressa pela escrita. Sob o ponto de vista da oralidade, denota-se certo distanciamento, visto que se pode considerar a dicotomia entre o dialeto social, considerado como padrão, e outro popular não padrão. Conforme o autor, o realizado de maneira padrão se direciona para os falantes com maior nível de escolaridade, e já o falado sem a norma padrão seria a linguagem dos falantes com menor grau de escolaridade, menos cobrado pela sociedade, conforme Preti (2006).

Estas dicotomias linguísticas não estão distantes umas das outras, pois o meio e o convívio social é que permitem aos falantes as diversas atividades, o uso de outros dialetos/variações para falar, nos diversos ambientes sociais, variando a linguagem em função da necessidade do contexto e do convívio. Para o autor, são estes falantes que são capacitados para exercitar a linguagem de acordo com a variedade de uso da língua, sejam estas internalizadas pelas regras normativas da gramática, ou de acordo com a interação com os interlocutores.

Na sociedade brasileira, por meio das transformações que vem ocorrendo, é visível a aceitação da linguagem popular manifestada pelos usuários da língua, como vocabulários gíricos, por exemplo, que segundos estudiosos da língua, estas transformações não podem ser

analisadas como uma linguagem decadente, contrária a este pensamento observa-se o reflexo das estruturas sociais (PRETI, 2006, p.15) agindo no sistema linguístico.

Preti acredita que a escola escancarou as portas para uma linguagem sem entraves transparentes no uso, diferente do invicto uso gramatical que se manifestou na atual sociedade. Nas considerações do autor, são visíveis as mudanças nos estudos da língua falada no universo, bem como as inferências dos estudos linguísticos. Observa-se então que a língua falada vem sendo investigada em meio às múltiplas vertentes para responder às necessidades e a demanda da escrita, ou à demanda de uso da língua nas mais distintas circunstâncias de uso dentro de uma comunidade de fala (LABOV, 2008).

Com esta atenção voltada à escrita, estudiosos e linguistas se aplicam em analisar a língua escrita não mais permeada de erros, mas como um modelo de língua que possui os seus meios próprios para reagir. De acordo com Preti (2006), os estudos investigam como os falantes se relacionam na conversação, e como disputam o poder da palavra, além de desenvolver recortes discursivos de como ajustar a palavra; como estabelecer ou subtrair momentos de fala, desenvolver ou desprezar modelos sintáticos e porque o realiza e como se gasta demasiadamente das repetições, para descansar a extensão de informações do discurso, corrigir e, na mesma proporção, buscar outras vozes, para firmar o interlocutor ou contrair a sua linguagem no momento exato da enunciação.

Considerar tal pressuposto é aceitar que os falantes da norma padrão se tornassem os interlocutores menos aceitos no ato da conversação, já que a fala considerada natural deixaria de apresentar as normas basilares para a eficácia da interação verbal. Assim, a sala de aula precisa proporcionar ao professor a possível variação de diálogo, no sentido de utilizar-se dos diferentes recursos da língua, do coloquial ao padrão, sem abstrair suas características educativas. Ao propor aos alunos que o falante culto é aquele que considera que há variedades para praticar a linguagem, está evidenciando a concordância de situações diversificadas para a interação da linguagem. São estas medidas que afetam a presença de rupturas com o grau de escolaridade do falante, e a sua idealização linguística, nas ocasiões com menor formalidade, como afirma Preti, ao considerar que:

O falante culto deve ser um poliglota da própria língua, e nesta inserção deve saber falar para uma criança, a um adulto, a um analfabeto, a um interlocutor culto, a um político seletivo ou a um grupo de negócio ou ainda, a um conjunto de amigos numa reunião informal. A sua linguagem com essa variedade de situações não poderia ser sempre a mesma. (PRETI, 2006, *apud*, BECHARA, 1985, p.13).

No dizer de Preti, um professor de Português tem o dever de apresentar aos alunos as variações características da língua oral para que estes, na sua concepção discursiva e nos seus atos de conversação, possam fazer uso da variedade linguística que melhor representa o ato de fala, naquele contexto linguístico.

Assim, é possível inferir que a linguagem expressada com naturalidade no cotidiano da vida, a gíria se formalizou como um meio comum para que as pessoas possam se aproximar umas às outras, mantendo uma ligação do locutor com o interlocutor, rompendo as barreiras de formalidade, possibilitando um interagir em que o sujeito possa se aproximar e defender seus interesses, seus pontos de vista e os das pessoas ao seu entorno.

Para Marcuschi (1986), ao começar uma interação significa, em primeira instância, permitir um acontecimento em que muitas expectativas serão alavancadas. Conforme Marcuschi, em dados momentos da conversação, o sujeito pressupõe que o outro esteja de comum acordo com o assunto proposto. E para desenvolver e equilibrar este ato linguístico os sujeitos precisam estar atentos aos condicionamentos linguísticos como gestos, olhares, movimentos do corpo, entre outros.

Nesse sentido, cabe à escola, o papel de ensinar o uso e as múltiplas variações na linguagem, sem excluir e nem menosprezar nenhuma, mesmo a linguagem da gíria, já que ambas obedecem a alguma tarefa na fala dos sujeitos nas diversas ocasiões em que estão envolvidos e nas diferentes circunstâncias de fala, Lemle (1978). Ainda sob as considerações de Preti (2006), estas inscrições da linguagem da gíria que aparentam simplicidade, são contrárias às concepções e aos lugares que são comuns ao uso da gíria.

Sob a inscrição de Görski e Coelho (2006), ao considerar as postulações apresentadas nos PCN, é necessário considerar outras contribuições e outras propostas para o ensino e a prática da Língua Portuguesa em sala de aula na escola. No dizer das autoras, sob a luz da Sociolinguística, o ensino e aprendizagem rejeitam uma comunidade de fala homogênea e considera a existência de comunidades de falantes e ouvintes, que não possuem a mesma maneira de falar nas mais diferentes situações. É necessário que o professor de Língua Portuguesa saiba direcionar os alunos, para a formação de um sujeito cidadão. E, para que isso ocorra, a escola precisa dispor de condições que capacite o aluno a:

Ler e escrever conforme seus propósitos e demandas sociais expressarem-se adequadamente em situações de interação oral diferentes daquelas próprias de seu universo imediato; refletir sobre os fenômenos da linguagem, particularmente os que tocam a questão da variedade linguística, combatendo a estigmatização, discriminação e preconceitos relativos ao uso da língua. (BRASIL, 1998, p.59).

Para isso, a mediação do professor é essencial para demonstrar o valor linguístico no fala do outro, e só assim pode considerar e valorizar o que o outro representa, em cada local na qual cada sujeito tenha a primazia, e o direito à palavra seja reconhecido como legítimo, no sentido de encontrar ressonância na interação com o outro.

Ao considerar estas inferências sob as perspectivas dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), que afirmam que por meio destes contatos inauguram um local de reflexão, para evidenciar contatos e opiniões distintas. Mesmo em meio a conflitos externos, o espaço é permeado pelo diferente.

Para Bortoni-Ricardo (2005) a escola é programada para ensinar a língua que possui maior predominância e, assim, tudo o que separa este signo linguístico, é considerado como inválido, e deve ser excluído. Nesta concepção, o ensino sistematizado da língua é uma imposição. Na opinião de Bortoni-Ricardo, o ensino da língua, analisada como a norma padrão pela maioria da população cuja língua materna é o contexto familiar, e as variedades desta língua, tem matizes negativas que trouxeram consequências aos educandos como: *o desrespeito, e o que estes agregam como cultura linguística própria, contribuí para um reflexo de insegurança no aprendizado.*

Ainda de acordo com Bortoni-Ricardo, (2005) a escola não deve ser indiferente a estes aspectos Sociolinguísticos, pois professores e alunos precisam conscientizar-se de que há múltiplas formas que difere um falar do outro, para se dizer a mesma coisa, Tarallo (2007). E que esta dicotomia linguística, na mesma medida em que comunica, é observada de forma diferente pela sociedade e pela comunidade escolar, lembrando que é função da escola ensinar a modalidade padrão da língua sem menosprezar as variantes que o aluno traz do seu meio social e dar suporte para que ele utilize uma modalidade ou segundo as circunstâncias (LEMLE, 1978).

#### **1.4 Discurso, dialogismo e gírias: o discurso próprio e o do outro**

De acordo com Mikhail Bakhtin (1997), a realização da língua se efetiva por meio dos enunciados, sejam estes orais ou escritos de forma concreta e única, estabelecida pelos membros dos diferentes campos e atividades humanas. Estes enunciados mostram as respectivas finalidades como a temática, ou o estilo da linguagem, com uma estrutura organizacional permeada de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais.

A estes elementos linguístico estão ligados os enunciados que obedecem a uma determinada ordem no contexto comunicacional. No conceito do autor, todo enunciado é particular e individual, mas, os espaços ocupados pela língua determinam enunciados

estáveis, que se caracterizam como gêneros do discurso, que Bakhtin (1997) classifica como gêneros primários e secundários, sendo simples para o primário, e complexos para o secundário.

Nos gêneros primários, estes são representados pelo diálogo cotidiano, como o da carta ou do romance. O secundário se forma nos gêneros publicitários, nas pesquisas científicas de todos os tipos, resultando das condições de convívio mais complexo.

Para Bakhtin (1997), todo enunciado oral ou escrito, primário ou secundário, e toda comunicação discursiva, revela a individualidade do falante, e de quem escreve. Os enunciados e os gêneros discursivos estão unidos entre si, com a história da sociedade e da linguagem.

Já no entendimento de Travaglia (2009), discurso manifesta-se em toda atividade comunicativa de um locutor no contexto de determinada comunicação, somando não apenas os enunciados realizados em alguma situação do discurso, mas em todo o fazer da enunciação. Para o autor, o discurso é vislumbrado como uma ação que produz um resultado da atitude entre os sujeitos interlocutores, da junção dos enunciados realizados pelos sujeitos no fazer enunciativo, que é modulado por atitudes e ideologias que estabelecem regras linguísticas, utilidade e funcionamento da língua. Nesse sentido, busca-se no uso da gíria um discurso característico dos alunos pesquisados no presente estudo.

Conforme Travaglia (2009), quando usamos a língua para o processo de comunicação, há uma ação sobre o enunciado do outro, em que estas tomadas de atitudes não são únicas, e sim realizadas em um processo de interação, com causa efetiva, em consonância com os sujeitos interlocutores. No dizer do autor, é esse sentido que a teoria do discurso considera o exterior no extrato social, por meio do realizar histórico da comunidade, que determina as etapas semânticas e os procedimentos permeados de significados.

Para Preti (2006), a linguagem sejam elas de grupos ou não, está permeada de gírias, para funcionar como um processo de divulgação com os mais diversos interesses, sociais, econômicos, religiosos entre outros. De acordo com o autor, esta interação verbal entre os sujeitos, na maioria das vezes, não se apercebem no uso dos vocabulários gírios. Estas interações apenas são visíveis nos pressupostos da linguagem oral, e no cotidiano diário, sendo captadas até mesmo nas suas distinções mais tensas, em entrevistas e aulas, como é possível verificar a partir do nosso *corpus* de pesquisa que analisa o uso de gírias por vinte e quatro alunos do 8º ano do ensino fundamental de uma escola municipal de Naviraí-MS.



A gíria se firmou como um mecanismo de ligação entre os interlocutores, para formatar uma cisão, e de certa forma impor uma interação mais achegada aos interesses do ouvinte.

Para Bakhtin (1981, p.23) estas manifestações dos discursos, que são pronunciadas ou ouvidas, agradáveis ou desagradáveis, podem ser analisadas nesta concepção “A palavra está sempre carregada de conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos aquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida”.

Denota-se, que para os sujeitos falantes da língua, e na sua consciência, ela não é vista como um sistema que acrescenta regras que a normalizam, pois o sistema linguístico não faz parte da consciência do sujeito que dialoga, e esta não faz parte de sua prática de comunicação social. Em outro pensamento Bakhtin trouxe as seguintes considerações:

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos. E servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. E, portanto claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas mais efêmeras das mudanças sociais. (BAKHTIN, 1981, p.28).

Para Bakhtin (1981), quando os signos manifestam certo domínio na perspectiva ideológica estão impregnados de distinções, sendo representados no campo religioso, nas formas científicas, jurídicas, entre outras instâncias. E se materializam, de acordo com a necessidade ideológica, e com a sua própria maneira de direcionar para as realidades instantes, se adequando ao momento presente.

Nas considerações de Preti (2006), quando o uso da gíria se caracteriza pelos signos, tem a sua representatividade envolvida na sua posição moral, nas suas caracterizações físicas, no seu vestuário e na sua linguagem. Estes signos, sendo representados pelo grupo. São mutações que buscam reafirmar a identidade do sujeito, opondo-se aos procedimentos subjugando aos padrões da sociedade moderna.

Bakhtin (1981) considera ainda que o signo ou a palavra, como todo produto essencial da comunicação, é espaço de conversação e de manifestações discursivas. A partir desta

inferência e consciência do papel que a palavra efetiva, predomina como um elo que transcende e acompanha todo fluir ideológico.

Nesta vertente, todos os mecanismos de interpretação dos fenômenos ideológicos representados nos comportamentos humanos, não se realizam mediante a junção do discurso interior. Na concepção do autor, todas as realizações da existência ideológica, revestem-se no discurso e não podem ser separadas ou isoladas do discurso.

Seguindo o pensamento de Preti (2006), que considera que a linguagem da gíria, nas manifestações da linguagem, pode servir como uma alavanca de ação que os sujeitos se apossam como um meio de gratificação, de purificação social, nas quais os sujeitos do discurso buscam por meio da gíria, maneiras de aliviar o sentimento de ira e desalento com as injustiças sociais. Com estes sentimentos exteriorizados, o senso de humor, a ironia, as ocasiões de agressividade, a malícia e suas imagens, o sistema que se opõe ao todo que retorna os valores consolidados pela sociedade, e os tabus morais que mantêm a tradição, os mesmos através dos discursos e pela irreverência, demarcam uma aproximação entre os sujeitos interlocutores, facilitando os momentos de comunicação.

São nestes momentos, que os falantes de outras faixas etárias, como alguns idosos, por exemplo, estão se acostumando a usar vocabulários gíricos, em suas situações de interação. Isto ocorreu devido à migração do vocabulário gírico, não mais como uma visão reduzida aos limites de certos grupos, e sim pela dispersão da linguagem comum em torno da sociedade, fazendo com que o falante a utilize mesmo inconsciente, sem perceber que a palavra que está sendo usada pertence ao vocabulário da linguagem da gíria.

Lima (2006) salienta que os significados se constroem ao longo da história, tanto na sociedade como no indivíduo, que estão em constante transformação trazendo à tona outro aspecto da questão, que é o sentido. Este sentido, diz respeito ao significado da palavra para cada indivíduo, ligado ao contexto de uso e às vivências pessoais e afetivas do falante, como explicitado por Luria ao conceituar que:

A mesma palavra possui um significado, formado objetivamente ao longo da história e que em forma potencial, se conserva para todas as pessoas, refletindo as coisas com diferente profundidade e amplitude. Porém, junto com o significado, cada palavra tem um sentido, que entendemos como a separação neste significado, daqueles aspectos ligados á situação dada e com as vivências afetivas do sujeito. (LURIA, 1987, p.45).

E nesse sentido se transforma, mesmo quando finaliza um enunciado ou um discurso. Já Martelotta (2011), considera que há uma ligação da língua e do sujeito que a utiliza no

sentido geral da comunicação, e esta manifestação está impregnada de características pragmáticas e discursivas. Para o autor, não se pode separar a língua dos sujeitos que a utilizam, mas considerá-la com esta distinção sugere-se que:

Nessa visão, não faz sentido uma separação categórica entre competência e desempenho: os eventos de uso dirigem a formação e o funcionamento do sistema linguístico interno do falante, cuja estrutura não se separa do processamento mental que ocorre no uso que faz da língua. (MARTELOTTA, 2011, p.56).

A palavra por si só, não representa apenas um conceito, mas ao estar interligada com um acontecimento discursivo do contexto, direciona para outras suposições e deduções. Para Sobral *et alii* (2015) a ação do sujeito no discurso só se realiza pela ligação entre o usuário da língua e o seu modelo discursivo. E assim, ao sujeito falante não pertence à primazia do discurso, já que a sua posição no discurso é marcada de modo pessoal e social pela ideologia imperante. De acordo com os autores, no que direciona a sua impessoalidade, este está dotado mesmo de maneira inconsciente no seu fazer social, ladeado por processos ideológicos. E neste fazer ideológico, o sujeito em seu discurso, não tem consciência desse acontecimento que o envolve, e nesta ação, considera a primazia do seu discurso um empoderamento do que realiza nas atividades discursivas. Nesta concepção, atrai características ilusórias, aceitando o seu discurso como único, mas que na realidade nutriu-se de outros sentidos já existentes que lhe traz efeito de sentido.

Insistindo com as deduções de Preti (1984), que considera que o sujeito ao fazer uso da linguagem da gíria, por sua própria natureza, busca desprezar essa condição, e nesta premissa acaba por negar linguisticamente a verdadeira língua e a busca do uso de uma linguagem específica que se opõe ao uso, provocando reações contrárias na comunidade de falantes, já que abstém se dos padrões e das normas linguísticas estabelecidas pela tradição escolar. A segunda instância se volta para algo curioso, visto que as atitudes sociais aparentes provocam admiração, e o uso direcionado a certo grupo, estabelece hábitos, ações, e outras atividades muitas vezes contraditórias.

Ao fazer uso da linguagem gírica o sujeito do discurso, restringe-se às mudanças dos significados, por meio de moldes metafóricos. Na concepção de Coracini (2007) cada discurso tem um papel social certo no contexto da sociedade, e são discursos que se manifestam pela linguagem verbal e se realizam nas ações das falas individualizadas.

Ainda para Coracini (2007), quando se busca reconhecer o processo de identidade por meio do discurso, este entender se realiza por si e pelos outros, no sentido de considerar o

discurso próprio e do outro. Com estas considerações, a importância se eleva à custa da identidade do sujeito, como resultado das múltiplas significações estabelecidas pela indiferença do estar no outro.

Para Preti, é necessário que outros vocabulários sejam aprimorados, como junção da linguagem da gíria aos vocábulos padrão, utilizando outras variantes do discurso, pois todas elas, mesmo as mais populares, precisam ser parte de todo saber linguístico.

Em suma, na concepção de Preti (2006), a linguagem da gíria foi um acontecimento de estudos tipicamente Sociolinguísticos, pois foi resultado dos níveis lexicais observados estrutural e socialmente, e a sua utilização foi permissível, pois permitiu aos seus usuários um apegamento ao grupo, rompendo formalidades, favorecendo a interação, nas quais os sujeitos interlocutores se identificaram pelo humor, irreverência e outros discursos que se realizaram no momento da interação linguística (PRETI, 2006, p.111).

Os estudos que instigam levantamentos a respeito da língua e linguagem perduram há séculos. E essas investigações sobrepostas com a evolução das línguas que vem surgindo e ocupando outros meios de pesquisa, concerne ao pesquisador através dos variados autores descobrir como a língua sofreu transformações que não a torna uma modalidade estática, mas, que se reafirma a partir do momento que novos pesquisadores buscam dar a essa ciência outros significados.

No caso da linguagem da gíria, foi passível ao estudo, na qual através dos teóricos estudados e interpretados, trazem uma abordagem discursiva e variacionista, em que se pode observar que mesmo em cada teoria sobre a ciência da linguagem, os autores buscaram em suas interpretações afirmar que todo fazer linguístico, bem como todo ato de conversação somente se realiza a partir da premissa de que a fala, e só produz o seu efeito de comunicação, quando essas interações buscam comunicar algo.

Diante desse estudo sobre a linguagem da gíria com um grupo de adolescentes, constatamos que a linguagem mesmo sendo realizada a partir de outros discursos que não seguem um padrão considerado como norma, mas, que em meio aos muitos signos linguísticos, com variações nos seus aspectos morfológicos e diastráticos, foram capazes de realizar a comunicação, e que sendo analisada sob outro viés (sociolinguísticos e discursivos), adequaram-se em outros ambientes, (escola), efetivando a sua real função que foi a de comunicar (FREITAS, 2019, p.44).

## CAPÍTULO 2 – CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

O presente capítulo apresenta os procedimentos metodológicos e as etapas de desenvolvimento do estudo. Neste seguimento, de acordo com Monteiro (2000), distintas de outras correntes linguísticas o variacionismo infere que a heterogeneidade da fala pressupõe que esta deve ser analisada de modo coerente. Com esse propósito, é que todo pesquisador deve deixar de lado o desejo de acreditar em sua intuição e de ter como alicerce exemplos construídos por si mesmo. A partir de uma observação empírica e considerando tais atitudes, que possa coletar uma boa quantidade de dados em uma comunidade de falantes.

No entendimento de Monteiro (2000) são esses dados que formam o material necessário às análises estatísticas, para comprovar as hipóteses levantadas para a pesquisa. Para ele, quando o pesquisador opta pela pesquisa *empírica*,<sup>2</sup> este se une ao fato de que a Sociolinguística, sendo uma ciência social, a mesma precisa considerar todo comportamento do homem. Contrário a isso, compartilha com as ciências humanas as mesmas dificuldades que podem acontecer tanto com os erros dos informantes, como com os desacertos do pesquisador, além das possibilidades das falhas técnicas nas aplicações dos testes.

### 2.1 Metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa

A presente pesquisa segue a linha descritivo-bibliográfica e de estudo de caso, em que foram analisados aspectos linguísticos e discursivos de expressões gíricas utilizadas por um grupo de alunos de uma turma de 8º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Naviraí-MS. A pesquisa se formalizou em um primeiro momento a partir dos ensinamentos de autores como: Bakthin (2000), Bagno (2006), Bortoni-Ricardo (2004), Bueno (2003), Labov (2008) e Dino Preti (1984,2006) que discorrem acerca dos estudos sociolinguísticos em uma visão contributiva para novas linguagens e para o ensino e aprendizagem de língua. Neste sentido, para contextualizar os dados apresentados, as informações foram obtidas por meio de livros, revistas, artigos em periódicos e dos estudos de oralidade, dos discursos apresentados na comunidade de fala<sup>3</sup> investigada, sendo esta constituída de alunos e professores de uma turma de 8º ano do ensino fundamental de uma escola pública municipal de Naviraí, MS.

---

<sup>2</sup> Empírico [Do grego. *empeirikós*, pelo latim. *empiricu*.] Adjetivo. Relativo ao, ou próprio do empirismo. Baseado apenas na experiência e, pois, sem caráter Científico.

<sup>3</sup> Neste estudo a expressão comunidade de fala está sendo utilizada como princípio segundo o qual os membros de uma comunidade compartilham uma série de atitudes linguísticas com relação a algumas variedades em uso na língua (cf. LABOV, 2008, p. 51).

O *locus* da pesquisa foi o espaço da biblioteca, por se tratar de um local frequentado para pesquisas e projetos de leitura com os alunos da referida escola. Assim sendo, se faz necessário pontuar o conceito da pesquisa sociolinguística sob a perspectiva de Tarallo (2007), ao ressaltar que ao selecionar o grupo ou a comunidade a ser pesquisada, é relevante que o pesquisador não demonstre que o seu objetivo é analisar a linguagem que estes utilizam, visto que esta atitude pode intimidar os falantes, o que acaba por alterar o teor da pesquisa.

Na realização das entrevistas, foi importante considerar os discursos entrelaçados entre um questionamento para outro. O objetivo era manter a naturalidade e, para isso, antes de pontuar as perguntas para a comunidade de falantes (alunos), iniciávamos o nosso diálogo, com propostas e indagações aleatórias a respeito dos jogos do Brasil que estavam acontecendo, e em outros momentos, os mesmos já chegavam conversando sobre outros assuntos pertinentes a eles, e com isso já participávamos dessas interações na certeza de estabelecer a descontração (FREITAS, 2019, p.46).

Já Lakatus (1995), afirma que a pesquisa bibliográfica e de fontes secundária, é aquela em que todo levantamento já foi publicado em forma de livros, revistas, publicações avulsas, impressas e escritas, diferente da pesquisa de campo na qual o pesquisador deve selecionar informações inéditas sobre o tema escolhido. Segundo Lakatus, este tipo de pesquisa tem por finalidade colocar o pesquisador em contato direto com aquilo que foi ou será escrito sobre determinado assunto, com o objetivo de permitir ao pesquisador o reforço paralelo na análise de sua pesquisa, ou manipulação das informações colhidas.

Posterior a isso, a pesquisa prosseguiu com a coleta de dados com o referido grupo de alunos e professores, por meio de aplicação de questionários e gravações de entrevistas para seleção das gírias presentes em suas falas, seguida da transcrição das entrevistas usando as normas de transcrição do Projeto NURC/São Paulo<sup>4</sup>, com adaptações realizadas pelo Prof. Pedro Caruso da Unesp/Assis-SP. Para esta etapa, as informações foram gravadas e, na sequência, transcritas para levantar as expressões gíricas mais utilizadas pelos sujeitos da pesquisa, de acordo com as variáveis sociais: sexo, faixa etária e nível de escolaridade do falante, lembrando que foram selecionados alunos e um grupo de professores da referida turma do 8º ano do ensino fundamental de escola pública.

Assim, é importante que a pesquisa apresente novos conceitos para o tema proposto, para que, ao longo do estudo, possa reafirmar a veracidade das informações apresentadas e

---

4 Projeto de estudo da língua falada culta em cinco capitais do país, com mais de um milhão de habitantes, a saber: São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Porto Alegre e Belo Horizonte.

sugerir mudanças no processo de ensino e aprendizagem a partir de dados observados empiricamente na linguagem daquela comunidade de falantes.

### 2.1.1 Etapas de realização da pesquisa

Para esta etapa da realização da pesquisa, o primeiro passo foi o preenchimento da ficha social do informante para posterior recolha dos dados que compuseram o *corpus* da pesquisa, partindo da comunidade de fala analisada, da elaboração do questionário com as perguntas discursivas apresentadas aos informantes para a discursividade linguística do texto da dissertação.

A proposta do projeto de pesquisa obedeceu a um cronograma que teve como data limite, o início do ano letivo de dois mil e dezoito ao início de dois mil e vinte.

Neste sentido, ao escolher o tema da pesquisa, o pesquisador precisa ter em mente os objetivos e a finalidade do estudo, além do tempo disponível e dos meios de recursos para a sua realização. Sendo assim, a partir do contexto social deve delimitar a temática específica, os pressupostos e a metodologia do estudo, pois segundo Tarallo (2007), para que o pesquisador Sociolinguista alcance os seus objetivos metodológicos, deve preparar módulos, roteiros, questionário ou entrevistas como parâmetro para a investigação, uma vez que os estudos sociolinguísticos partem da observação empírica dos dados para chegar a resultados sólidos e confiáveis, como podemos verificar ao longo desse estudo.

Esses módulos colhem os dados de vários informantes para, em seguida os compara e controla os tópicos de conversação, no sentido de provocar a discursividade de experiência pessoal. O objetivo desta etapa da pesquisa sociolinguística conforme Tarallo (2007, p.22) é fazer com que o informante relate um maior número possível de informações, sem se preocupar com o como relata, pois, devido ao seu envolvimento emocional, não se preocupa com o *como* e o *que* relata, no sentido de coletar dados linguísticos da fala espontânea, de maneira o mais fidedigna possível, isto é, priorizando o *modus dicendi*<sup>5</sup> dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

### 2.1.2 Objetivos da pesquisa

A pesquisa apresenta uma proposta de estudo, com a temática da linguagem da gíria no contexto escolar e as principais expressões gíricas utilizadas nos discursos de alunos de

---

<sup>5</sup> *Modus Dicendi*: (moduç. dicendi)[Latim.] Substantivo masculino. Jurídico. Verbo modo. [Latim.] Modo de dizer.

uma sala de oitavo ano do ensino fundamental, de uma escola pública municipal. Além disso, propôs analisar o que esta linguagem da gíria representou para as formações e mudanças identitárias do referido grupo, a partir dos discursos internalizados pela comunidade de fala investigada, cuja linguagem desmistifica os preconceitos que a rodeiam e pode acrescentar outras práticas didáticas para os docentes desta referida turma.

Falar da gíria e das várias identidades que estas representam, é buscar apresentar, no seu contexto dialógico, inferências dos usos e costumes de uma língua utilizada por um grupo de pessoas, de uma determinada região, ou por uma pessoa com menor influência educativa. Assim, é pertinente considerar que o objeto de estudo da sociolinguística não leva em consideração apenas a língua, mas toda comunidade social no seu aspecto linguístico, além do contexto de uso da língua em situações reais de comunicação (BUENO, 2003).

Tomando por base os preceitos dos estudos sociolinguísticos variacionistas, podemos dizer que o *objetivo geral* consistiu-se em identificar possíveis contribuições do uso da linguagem da gíria abstendo-se dos preconceitos e com possibilidades de ser considerada como uma nova prática didática para esses docentes na formação e no uso da língua portuguesa falada pela comunidade alvo. *Especificando este objeto*, que consistiu em analisar as principais gírias usadas por um grupo de alunos do oitavo ano do ensino fundamental, no sentido de descobrir o que a linguagem da gíria representa em sua formação identitária, partindo do entendimento com a linguagem gírica no viés da sociolinguística variacionista.

### **2.1.3 Justificativas da pesquisa**

Toda língua, além de variar geograficamente no espaço, muda com tempo para atender às necessidades de comunicação e interação dos falantes. Assim, a língua falada hoje no Brasil é diferente daquela falada no início da colonização e será diferente da falada futuramente. Depreende-se então, que recorrer à história da língua é uma tentativa para demonstrar que a língua portuguesa, em todas as suas variedades, continuou em um constante processo de transformação. E essas transformações fazem-se necessárias para que os usuários da língua possam se comunicar no seio da comunidade de fala onde vivem (MONTEIRO, 2000).

Partindo dessa perspectiva de transformação da língua no tempo e no espaço, sabe-se que a gíria, sob o enfoque dos estudos sociolinguísticos, é considerada como uma linguagem ligada a aspectos socioculturais de falantes de um determinado grupo. Assim a gíria pode ser analisada do ponto de vista diatópico, diastrático e diacrônico. Mediante essa ideia, entende-



se que o objeto de estudo da linguística não é apenas as línguas, mas a comunidade de fala e o contexto de uso da língua na interação comunicacional (LABOV, 2008).

O que se constata, é que a gíria vem ocupando espaços nos discursos e linguagens proferidas pelos usuários, sejam estes em grupos, nos meios de comunicação e em outras mídias sociais. Nesta vertente considera-se que os sujeitos assumem identidades diferentes em diversos momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente. Nesse sentido, é que se *justifica* a intenção da pesquisa, que se propõe a analisar a gíria no contexto escolar, e a sua representação para um grupo de alunos de uma turma de oitavo ano de uma escola pública, e outras práticas didáticas para o grupo de docentes desta referida classe, por meio dos discursos que estes produzem, e das variadas identidades sociais e discursivas na fala desses sujeitos, com relação ao uso da gíria.

Diante do exposto, sabe-se que a gíria entrou de vez na linguagem dos jovens impulsionada pelos meios de comunicação de massa (tv, rádio, música etc). Não se sabe quanto tempo sobreviverá, pode ser que ganhe vida e permaneça viva por muito tempo ou pode cair em desuso em pouco tempo. Isso não importa, o fato é que a gíria existiu, existe e fez história. E a história não morre, como se pode constatar no decorrer desse estudo sobre o uso de gírias por adolescentes do 8º ano do ensino fundamental de Naviraí-MS.

#### **2.1.4 Hipóteses levantadas para a pesquisa**

Através dos pressupostos dos conceitos de linguagem, língua, linguística e sociolinguística, propostos por alguns autores e mediante a *hipótese* de que a linguagem da gíria não é mais uma língua falada apenas por determinados grupos, mas que se manifesta em outros espaços linguísticos e com outros falantes, é que consiste em sustentar e reafirmar esta *hipótese*, que no dizer de Aidil e Neide (2004), ao elaborar as hipóteses da pesquisa, o pesquisador busca afirmações que serão investigadas por meio da análise, com evidência em informações empíricas observadas na comunidade de fala, como foi realizado no presente estudo.

Com isso, no entendimento dos autores citados, a consecução do problema e das hipóteses constitui-se em um mecanismo simultâneo. Neste sentido, na medida em que aparece a projeção de problemas, procura-se estabelecer uma hipótese que dará diretriz ao trabalho. Conforme os autores, para indicar hipótese faz-se necessário chegar-se à realidade do objeto de estudo e das teorias aplicadas para execução da pesquisa, e é o que pretendemos realizar no decorrer desse estudo sobre identidade e representação, em que se utiliza da gíria

no viés da sociolinguística variacionista para analisar a discursividade de alunos e professores do 8º ano de uma escola pública de Naviraí-MS.

### **2.1.5 Perfil e seleção do *locus* da pesquisa (biblioteca de escola pública)**

A escola Municipal do Ensino Fundamental professora Maria de Lourdes Aquino Sotana, localizada em Naviraí, MS, mantida pelo poder público municipal, criada no ano de 1988, possui prédio com vinte e quatro salas assim, distribuídas: dezesseis salas de aula, sala dos professores, laboratório de informática, biblioteca, coordenação, secretaria, cozinha, duas quadras de esportes, e sanitários e a diretoria. A escola atende ao público estudantil nos períodos: matutino e vespertino, com o ensino regular, somando um total de seiscentos e noventa e quatro alunos, distribuídos em trinta e seis turmas.

O corpo docente é constituído de cinquenta e dois funcionários, que somado aos funcionários de apoio técnico administrativo, totalizam setenta e sete funcionários. Além do ensino regular, a instituição oferece projetos de xadrez, dança e futebol, e para o atendimento pedagógico, a unidade escolar oferece equipamentos eletrônicos como: aparelho de televisão, videocassete, DVDS, copiadoras, retroprojetores, impressoras, computadores, sendo onze para uso do administrativo e vinte e um para o uso dos alunos, todos com acesso a internet, além de livros, revistas e outros materiais didático-pedagógicos. Para os alunos da zona rural que totalizam sessenta alunos, é oferecido o transporte escolar para locomoção.

A unidade escolar está organizada em: direção, conselho escolar, secretaria, coordenação pedagógica. A primeira é um órgão administrador que garante a execução do processo pedagógico. Ao conselho escolar, cabe a responsabilidade das ações e avaliações das atividades administrativas, pedagógica e financeira da unidade escolar. A secretaria é o órgão responsável pelos trabalhos pertinentes à vida escolar do corpo discente.

Ao coordenador pedagógico, cabe assegurar o andamento do processo pedagógico, visto que o ensino obedece às normas legais vigentes no projeto Político Pedagógico e no Regimento Interno da Unidade Escolar. A organização curricular leva em conta a transversabilidade da educação.

A avaliação da aprendizagem auxilia o aluno no seu desempenho pessoal, possibilitando ser avaliado de maneira diferenciada, acompanhando seu processo, avanços e dificuldades. Cabe ao professor diagnosticar as dificuldades do aluno, para planejar suas aulas de forma que sane essas dificuldades, melhore o processo educativo e acompanhe o desenvolvimento do aluno no dia a dia, no ambiente escolar. A unidade escolar responde à

sociedade pela qualidade do trabalho educativo realizado, permitindo um processo de realização de seu fazer pedagógico, combatendo a evasão, ausência e repetência escolar.

A avaliação dos alunos se dá pelo processo contínuo e acumulativo do seu desempenho, prevalecendo os aspectos qualitativos dos resultados ao longo do período letivo. A apuração do rendimento escolar é efetivada por médias bimestrais. A escola possui alunos moradores nos bairros próximos que são: *João de Barro, Jardim Ipê, Odécio Nunes de Matos, Boa Vista*, além da *Zona Rural*. As leis que embasam o bom funcionamento da unidade escolar estão ancoradas no Projeto Político Pedagógico da Escola.

Assim, por meio do Projeto Político Pedagógico (PPP, 2012), a escola realizou a sua proposta de trabalho, buscando oferecer qualidade nas atividades desenvolvidas, com a responsabilidade de auxiliar na formação do aluno atribuindo-lhe competências de oralidade, de escrita, de leitura e de aprendizado dos conteúdos ofertados no decorrer do ano letivo, uma vez que a filosofia da escola e, conseqüentemente, do projeto político pedagógico é *“contribuir na formação de um ser humano que partilhe sentimentos, ideias, valores, opiniões, propósitos e responsabilidade”* (PPP, 2012, p.7).

Com este pensamento a escola acredita desenvolver um cidadão crítico, participativo, comprometido com a verdade e com as transformações sociais que ocorrem ao seu entorno. Sobre o processo de formação, e na perspectiva de Demerval Saviani (2001), que considera em meio ao contexto educacional Contemporâneo, a formação continuada, no sentido de melhorar a qualidade do ensino, é de um profissional consciente de que a sua formação não termina na Universidade. Esta apenas lhe aponta caminhos, fornece conceitos e ideias, a matéria prima para sua especialidade. Neste sentido, capacitar é atualizar-se profissionalmente para a modernidade por meio da formação continuada.

Nesse sentido, entende-se como um bom profissional, aquele que analisa a sua prática docente, busca atualizar-se e superar dificuldades. Ainda no dizer de Saviani (2001), a formação continuada não deve restringir à resolução de problemas específicos da sala de aula, mas, contribuir para que o profissional ultrapasse a visão compartimentada da atividade escolar, e passe a analisar os acontecimentos sociais, contribuindo para a sua transformação que:

Exige mudança, adaptação, atualização e aperfeiçoamento. A parceria, a globalização, a informática e a tecnologia moderna é um desafio constante. A concepção moderna de educador exige uma sólida formação científica, técnica e política, viabilizadora de uma prática pedagógica crítica e consciente da necessidade de mudanças na sociedade brasileira. (BREZEZINKI, 1992, p.83).

Outra inferência sobre a formação continuada está expressa na Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB, 9394/96), esta regulamenta a formação dos profissionais ao salientar que “a formação dos profissionais da educação de modo a atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e as características de cada fase de desenvolvimento do educando”. Denota-se que a formação proporciona uma melhoria nas condições de trabalho e na qualidade do ensino e aprendizagem em sala de aula. Sendo assim, é pertinente discorrer sobre o espaço biblioteca, local este que proporciona momentos de introspecção e momentos de interação do aluno com a leitura literária e outros periódicos constantes em seus acervos, sempre visando à melhoria da qualidade do ensino ofertado aos alunos.

Conforme a Enciclopédia Barsa (1998), três mil anos antes da era cristã os templos egípcios já abrigavam grande quantidade de papiros científicos e teológicos. Por volta de 650 a.C, a biblioteca do rei Assurbanipal da Assíria, continha cerca de 25.000 tábulas em que se achavam gravados documentos *literários, jurídicos e históricos*. Outrora, com a expansão das informações as décadas se adequaram, surgindo então à antiguidade clássica, responsável pela criação da noção de biblioteca que se originou do grego *biblos*, livro e *theke*, depósito.

Soares Amora (2009) define Biblioteca como sendo: coleção de livros, dispostos de modo ordenado e em estantes, para estudo, leitura e consulta; recinto, edifício, sala ou móvel onde se encontram essas obras. Entende - se então a necessidade que os templos gregos possuíam de constituir bibliotecas, já que começaram a formar escolas de filosofia e, com isso, formar coleções de livros para uso de seus alunos.

No Ocidente, as ordens monásticas, instituídas formavam bibliotecas indispensáveis para a vida espiritual de seus membros. Seus acervos formados por *códices*<sup>6</sup> consistindo, sobretudo nas escrituras e nas obras dos padres da igreja. Os religiosos também produziam novas cópias das obras e redigiam suas próprias crônicas históricas e obras literárias. No Renascimento os eruditos acumulavam coleções e criaram grandes bibliotecas.

Nos séculos XVII e XVIII, a formação das grandes bibliotecas exigiu um trabalho de sistematização que orientava a disposição dos volumes nas estantes e a adequação do espaço livre para a leitura. Assim, no século XIX e XX, tornou-se necessário numerá-los e classificá-los.

---

<sup>6</sup> Códices: [Do latim Codice.] Substantivo masculino. Forma característica do manuscrito em pergaminho, semelhante á do livro moderno, e assim denominado por oposição á forma do rolo; registro ou compilação de manuscritos, documentos históricos, ou leis; código antigo.

Com estes entendimentos, fazem-se necessárias algumas considerações sobre o *locus* da nossa pesquisa, que nesta vertente trouxe conceitos sobre a biblioteca da escola Maria de Lourdes Aquino Sotana, nosso *locus* de estudo. Na nossa escola, o acervo literário da referida biblioteca é composto de livros Infantojuvenis, Didáticos, Paradidáticos para uso e apoio didático dos docentes em sala de aula. Para oferecer apoio ao ensino, dispõem de dicionários, mapas geográficos, globos, revistas, jornais e três computadores. A biblioteca desenvolve projetos sobre leitura para os alunos dos sextos aos nonos anos. Estes realizam as leituras em sala de aula e também levam os livros para suas casas e devolvem-nos no prazo de quinze dias e cada docente é responsável pelo controle do seu acervo. Já os alunos dos quartos e quintos anos, desenvolvem seus projetos na biblioteca, na qual o aluno pode escolher o livro que pretende ler, levá-lo para casa e devolvê-lo no prazo de uma semana.

Foi a partir destes deslocamentos dos alunos da sala de aula para o espaço biblioteca, e por meio dos discursos da linguagem da gíria por eles proferidos, que se instigou a proposta e a seleção de uma turma de alunos e professores de um 8ºano, para a temática do estudo. Outrora, a biblioteca com o intuito de dinamizar a leitura, também atende a comunidade vizinha de moradores, com o empréstimo de livros, além de oferecer outras parcerias no atendimento em seus aspectos sociais e culturais.

### **2.1.6 Perfil dos sujeitos envolvidos da pesquisa (alunos do 8º ano)**

Não é tarefa fácil definir o termo juventude ou adolescentes na atual sociedade. Porém, o que se observa que são sujeitos que buscam encontrar-se consigo e com os outros em virtude das relações e conflitos interpessoais do cotidiano. Outrora, com os sentimentos, pensamentos e emoções que lhes são inerentes, que lhes exige um autoconhecimento em um processo de aprendizagem para que aprendam a enfrentar as mudanças que este período conturbado lhes concede.

Conforme Hamilton Werneck (2011), o ser humano necessita de realização pessoal para impulsioná-lo e motivá-lo. Neste sentido, ao despertar para a vida, este momento revela ao adolescente a existência de manifestações importantes para a sua formação e para a sua vida como cidadão. Com isso, incita-o para outras e novas descobertas, isto é, para a satisfação pessoal ligada ao seu universo da origem, direcionando lhe, aos poucos, à possibilidade de ser feliz, e notado no interior da comunidade e da sociedade onde vive.

No dizer de Werneck (2011), todas estas indagações não são plenas, pois ainda não são dotados de experiências, diferente do mundo dos adultos, e neste sentido, os adolescentes

se encontram medindo as forças em contínua frustração. Segundo o autor, os adolescentes em busca de uma identidade solidificada, não se preparam, e nem estão alicerçados com segurança no contexto do mundo novo que se apresenta, e diante dos modelos éticos que se evidenciam são lançados à vida adulta e às responsabilidades dessa fase da vida.

Neste entendimento, os adolescentes, vagarosos no bom relacionamento humano e adiantados em técnicas, manifestam-se com exageros, chamando a atenção do mundo e de todos à sua volta. Muitas vezes de maneira chocante, se extasiando quando observam que incomodam os adultos, transmitindo para eles as frustrações, tristezas, e outras identidades pertencentes a essa fase da vida, como discorre Werneck (2011) quando afirma que:

Todos nós gostamos de aparecer e de marcar nossa passagem pela vida. Não nos interessa escrever em areia, nem deixar o polegar marcando o pó de velhos móveis empoeirados. Gostamos de fincar marcos, abrir trincheiras, conquistar território e selar a nossa presença com algum feito marcante. Quando tal não acontece podemos buscar refúgio na frustração, nas fossas “diárias”, nas agressões e nas posturas chocantes. (WERNECK, 2011, p.85).

Para Erik Erikson (1987), no começo da adolescência, o jovem já possui instrumentos da idade adulta, como a linguagem, habilidades físicas, pensamento abstrato, internalização de regras sociais, entre outras. Em meio a este contexto, os adolescentes descobrem suas habilidades e suas preferências e, aos poucos, passam a desprezar a imagem que formalizaram de si próprios, se identificando e se apropriando de imagens que os outros lhe atribuem. No conceito de Erikson (1987), é nesse enlace entre o *eu e os outros*, que a sua identidade vai sendo construída. No seu entendimento estas manifestações acontecem por que:

Os jovens devem tornar se pessoas totais por seu próprio esforço, e isto durante um estágio de desenvolvimento cauterizado por uma diversidade de mudanças no crescimento físico, maturação genital e consciência social. “Eu denominei sentido de identidade interior a totalidade a ser alcançada nesse estágio. A fim de experimentar a totalidade, o jovem deve sentir uma continuidade progressiva entre aquilo que ele vem sendo durante os longos anos da infância e o que promete converter-se num futuro antecipado; entre aquilo que ele se concebe ser e o que percebe que os outros veem nele e esperam dele”. (ERIKSON, 1987, p.87).

A identidade não se apresenta apenas com o descobrir de si próprio, mas como um elaborar e orientar-se para a vida. Nesse sentido, as unidades escolares e a história da educação têm como dever acolher no seu contexto histórico, alunos com as mais diferentes e diversas culturas e de diferentes grupos étnico-raciais. Diante do exposto, é permissível caracterizar as identidades da comunidade de fala investigada e a sua representatividade no

contexto que estão inseridos, neste parâmetro *a unidade escolar*, e a sua importância para o objeto dessa pesquisa.

A comunidade de fala e o *corpus* da investigação foram constituídos para analisar uma turma de alunos e professores de um oitavo ano do ensino fundamental de uma escola pública municipal de Naviraí-MS, sendo nesta etapa a análise realizada a partir do uso de gírias pelos alunos.

Nesta vertente, observaram-se os seguintes dados dos alunos, que resultaram no quantitativo de vinte e quatro alunos, sendo quatorze meninas e dez meninos. Deste montante, foram três meninos com treze anos, quatro com quatorze, e três com quinze. Já as meninas totalizaram-se dentre as catorze as seguintes idades: cinco alunas com treze anos, uma com quinze, outra com dezoito, sendo esta indígena, quatro meninas com quatorze anos, duas com dezesseis, uma com doze anos. A maioria da comunidade de fala analisada mora com os pais na zona urbana, e os outros três residem na zona rural e utilizam o transporte escolar para se deslocar até a cidade. Um destes adolescentes com a idade de quinze anos, já trabalha no campo com o pai, os outros dois não trabalham. Dois dos que moram na zona urbana trabalham em oficinas da família. Trabalhamos nessa análise com alunos do 8º ano do ensino fundamental, totalizando 24 sujeitos, conforme o quadro a seguir que trata do perfil dos sujeitos da pesquisa. Vejamos o quadro a seguir como perfil dos sujeitos da pesquisa.

**Quadro 1-** perfil dos sujeitos da pesquisa

Iniciais do nome	Sexo	Faixa etária	Nível de escolaridade
A	M	14	E. F
A	M	14	E. F
M	M	14	E. F
P	M	14	E. F
F	M	15	E. F
E	M	13	E. F
M	M	13	E. F
P	M	15	E.F
R	M	15	E. F
L	M	13	E. F
T	F	12	E.F
J	F	13	E. F
L	F	13	E.F
R	F	13	E. F
C	F	18	E. F
R	F	14	E.F
G	F	16	E.F
E	F	14	E.F
B	F	16	E.F
K	F	15	E.F
E	F	14	E.F
K	F	13	E.F
J	F	13	E.F
T	F	14	E.F

A sigla E.F refere-se a informante do Ensino Fundamental

**Fonte:** Elaborada pela autora.

Para esses deslocamentos do campo para a cidade e da cidade para o campo, Bortoni-Ricardo, (2014), traz algumas considerações sobre o tema, como sendo um *contínuo de urbanização*, sendo representada por meio das variedades rurais isoladas, área rurbana, variedades urbanas e padronizadas. Sendo assim, conforme a autora, em meio a um destes pólos, é que estão presentes as variedades rurais usadas por comunidades geográficas distantes.

Percebe-se em meio a estes contínuos uma zona rurbana, ou seja, uma inserção do rural com o urbano, que no dizer de Bortoni-Ricardo, são formados por migrantes de origem rural, que mantêm traços de seus antecedentes culturais, especificamente no jeito de falar. Entende-se que a partir deste deslocamento do campo para a cidade, este se constituirá como um contínuo de urbanização que conforme Bortoni-Ricardo (2014, p.53) “*não existem*



*fronteiras rígidas que separam falares rurais, rurbanos, ou urbanos. As fronteiras são fluidas e há sobreposição entre esses tipos de falares por isso, mesmo, falamos de um contínuo”.*

Neste sentido, quando ao interagir com outros usuários nascidos e criados em regiões rurais ou rurbana do contínuo de urbanização, percebem-se usos diferentes da mesma linguagem. Outra inferência no perfil dos adolescentes investigados foi a presença de duas alunas Indígenas, uma migrante da aldeia *Sassóro*, e a outra já moradora na cidade há certo tempo. A aluna indígena migrante da aldeia *Sassóro* está com dezoito anos, fala a língua *guarani, espanhol e o português*, a outra indígena com treze anos, fala o português.

Os familiares desta aluna já moram na cidade há algum tempo, já os familiares da outra aluna indígena, migraram da aldeia *Sassóro* para a cidade, em busca de emprego. Trabalham na zona rural, na colheita de mandioca. É uma aluna tímida, devido à dificuldade com o uso da língua materna. Percebe-se que nas escolas têm aumentado o número de alunos indígenas. Sobre isto, e no conceito de Ana Maria Bergamin Neves (2012), entende-se que ao longo do tempo até meados de 1980, os índios eram vistos nas escolas como outro, em que a cultura era estudada a partir de diferenças contextualizadas e identificadas.

Segundo a autora, com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), no ano de 1990, começou a se vislumbrar mudanças até então desconsideradas. Através de dados apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), nas últimas décadas pode-se constatar um aumento significativo das populações indígenas nos bancos escolares, comprovando a existência de povos diferentes e línguas diferentes faladas no Brasil, inseridos no ambiente escolar.

Constata-se o despontar de uma valorização dessa cultura e uma inquietação em tornar a cultura indígena conhecida dos estudantes da escola básica. No entendimento da autora Ana Bergamin (2012), quando o tema se refere a índios o parâmetro que se contextualiza é o da identidade cultural, pois conforme ela é esta evidência que distingue índios dos não índios. Neste sentido, quando os mesmos são inseridos no contexto escolar, reconhecendo e buscando compartilhar e reconhecer a cultura denota-se que tanto índios e não índios possuem uma história em comum e são membros de uma mesma nação.

Mas, no dizer da autora, isto é um desafio para as escolas, que consiste em levar os alunos a reconhecerem a diversidade cultural dos povos indígenas e diferenciá-los. Lembrando que o termo índio por muito tempo foi determinante para a concepção de homogeneidade que não considerava as identidades culturais dos povos diferentes. Nesta vertente Pedro Paulo Funari e Ana Pinõn (2011), consideram o termo índio um passo para reconhecer a diversidade cultural e inseri-los no contexto educacional afirmando que:

Os índios foram assim, designados por seus conquistadores, pois nunca se chamaram si mesmos dessa forma antes de 1942. Como se chamavam então? De milhares de maneiras, cada povo a seu modo, com nomes que podiam significar simplesmente “seres humanos”, por oposição aos outros grupos. O caso dos tupiniquins e tupinambás dá uma ideia dessas autodenominações. “Tupi” significa o “ancestral”, e então os descendentes do ancestral soa os tupinambás (nambá quer dizer descendente), enquanto “tupinanki” (o nome original dos tupiniquins quer dizer “o galho do ancestral” em que “galho” possui sentido de ligações de parentesco. Pode parecer muito banal, mas o mesmo processo de nomeação ocorre em outros povos, ainda que não tenhamos consciência do sentido das palavras. Assim como tupi é ancestral, Abraão quer dizer em hebraico justamente ancestral “guarani”. (FUNARI, PINÕN, 2011, p. 81).

Faz-se necessário reconhecer e valorizar as identidades étnicas dos povos e as das sociedades indígenas, compreendendo a sua linguagem e sua organização social, além de sua ocupação da terra e dos recursos naturais. Retomando os questionamentos de Bortoni-Ricardo (2005), sobre a heterogeneidade da língua em sala de aula, ela conceitua que a mesma teve os seus primórdios na América Latina em meados de 1930. O pico deste projeto foi idealizado em Tarasco, no País do México, em 1939, e este teve como iniciativa a necessidade de postular novos horizontes para os falantes bilíngues das cidades vizinhas.

Nesta premissa, a Sociolinguística reafirmou-se como o estudo dos aspectos sociológicos da linguagem, ou seja, da função que desempenha a língua, na manutenção dos papéis sociais numa dada comunidade. Nesse ínterim, a Sociolinguística considera que a língua é inseparável do conjunto de regras e costumes característicos de uma sociedade, e que só pode ser descrita dentro desse marco sociocultural. Sabe-se então que em uma sala de aula, o público alvo que são os alunos, é constituído de forma heterogênea, ou seja, não existem apenas brancos, pardos, negros, ou linguagens únicas, mas há uma mistura social, cultural, étnica, e múltiplas linguagens, e cada um traz consigo identidades e línguas diferentes. Sobre este conceito Bortoni-Ricardo (2005), considera que:

O estudo de fenômenos linguísticos no ambiente escolar deve buscar responder a questões educacionais. Estamos interessados em formas linguísticas somente na medida em que, por meio delas, podemos obter uma compreensão dos eventos de sala de aula, e assim da compreensão que os alunos atingem. Nosso interesse reside no contexto social de cognição, em que a fala une o cognitivo e o social. O currículo real (oposto ao pretendido) consiste nos significados realizados ou assumidos por um professor específico e uma classe. A fim de aprender, os alunos devem usar o que já sabem de modo a conferir significado ao que a professora lhes apresenta. A fala torna passível de reflexão os processos por meio dos quais os alunos relacionam o novo conhecimento ao velho. Mas esta possibilidade depende das relações sociais do sistema comunicativo que o professor estabelece. (BORTONI, 2005, *apud*, GUMPERZ, 1987, p.119).

A Sociolinguística tem por regra fundamentar a vinculação existente entre linguagem e interpretação da realidade, o nexos entre as variações linguísticas e sociais, análise dos aspectos da linguagem voltados para a definição das relações diferentes dos grupos sociais, para estabelecer o contexto social a que pertencem os falantes. Conforme Bortoni-Ricardo (2004), o espaço físico onde as pessoas interagem e se ocupam de papéis sociais diferentes, constitui obrigações e direitos direcionados por normas socioculturais. Quando estes papéis sociais são manifestados a partir da linguagem, denota-se uma construção própria e social.

No entendimento de Bortoni-Ricardo (2004) é no domínio do lar que o usuário da língua exerce o seu primeiro papel e função social, ou seja, em uma troca de diálogo que vai passando de geração para geração, com características linguísticas que selam os diversos papéis. Segundo a autora, na escola estas inferências linguísticas sofrem alterações, já que em meio à transição do lar para o contexto escolar, transita-se uma cultura permeada da oralidade, e outra pela escrita. Nestes termos, é visível no contexto escolar se deparar com uma grande variação linguística no uso da língua. Neste sentido Bortoni-Ricardo (2004) afirma que:

Toda variedade regional ou falar é antes de tudo, um instrumento identitário, isto é, um recurso que confere identidade a um grupo social. Ser nordestino, mineiro, ser carioca, (ou ser indígena, grifos meu), é um motivo de orgulho para quem o é, e a forma de alimentar esse orgulho é usar o linguajar de sua região, e praticar seus hábitos culturais. (BORTONI, 2004, p.33).

Nesta vertente, entende-se que a pluralidade cultural foi uma inserção da mistura de raças e línguas, e a rejeição a preconceitos linguísticos são valores que necessitam ser cultivados e aceitados desde a educação infantil, percorrendo outros caminhos escolares até que se aceite o diferente mesmo em longo prazo.

### **2.1.7 Realização das entrevistas**

Para esta parte da pesquisa, as entrevistas foram realizadas no espaço da biblioteca. A comunidade de fala investigada é uma turma de vinte e quatro alunos do oitavo ano do ensino fundamental. A proposta dos questionamentos se realizou em primeiro momento na comunidade de fala que recebeu um questionário com oito perguntas discursivas, com temática direcionada aos questionamentos relevantes acerca da preocupação *com futuro, profissão, drogas, fé, morte, estudos e família*.

Os alunos levaram os questionários para responder em suas casas, depois os retornaram à professora responsável pela disciplina de Língua Portuguesa. Após a devolução dos questionários tiveram início as entrevistas que foram gravadas em cinco etapas. Tarallo (2007) traz considerações acerca da pesquisa sociolinguística e, conforme esse autor, o pesquisador sociolinguista deve participar diretamente do processo de entrevistas, interagindo com a comunidade de fala, observando e se interessando pelo assunto como um todo.

De acordo com Tarallo (2007), a participação do pesquisador é um ato necessário pela própria imposição e direção teórica, para orientar os processos, as etapas da pesquisa. Assim, o objetivo do método de entrevista Sociolinguística é diminuir a causa negativa provocada pela presença do pesquisador. Tarallo (2007) considera que o pesquisador deve colher as informações das ocasiões de comunicação linguística, colhendo o material que será analisado com boa qualidade sonora e de forma espontânea.

Tarallo (2007), afirma ainda que o pesquisador deve agir de maneira o mais natural possível, mediante a situação comunicativa que esteja analisando. O pesquisador sociolinguista não deve deixar transparecer o poder que o gravador exerce na comunidade de fala investigada, e nem a sua presença intimidar os membros da comunidade analisada. Neste contexto, ao realizar as etapas da entrevista o pesquisador inserido em meio à comunidade de fala precisa representar o seu papel, para aprender sobre a comunidade e seus integrantes.

Para Tarallo (2007, p.21), a palavra “língua deverá ser evitada a qualquer preço, pois o objetivo é que o informante não preste atenção a sua própria maneira de falar”, uma vez que a proposta de estudo consiste de entrevistas realizadas a partir dos discursos dos alunos, para analisar a gíria internalizada nos discursos proferidos pela comunidade falante. Nesse sentido as cinco etapas das entrevistas tiveram as seguintes células: *a faixa etária, etnia e sexo*.

*A primeira etapa* realizou-se no período vespertino, no dia vinte e cinco do mês de junho na biblioteca escolar, com *quatro alunos, três meninos, com catorze anos, uma menina com doze anos*. Os questionamentos foram relacionados a perguntas discursivas.

*A segunda etapa* foi realizada ainda em junho, no mesmo espaço de origem da primeira etapa, a comunidade de fala analisada *foram dois alunos moradores na zona rural, um aluno com catorze e um com quinze anos, todos eles de cor parda*. Esta etapa aconteceu na aula da disciplina de Língua Portuguesa. Houve esta necessidade, devido ao difícil acesso dos alunos em comparecer em contra turno na escola, por utilizarem transporte escolar.

*A terceira etapa* ocorreu também no mês de junho e na biblioteca escolar. Teve início às catorze horas e prosseguiu até às catorze e trinta. Nessa etapa os discursos analisados foram apenas *com quatro alunas moradoras na zona urbana e com a idade de treze anos*.

A *quarta etapa da entrevista* foi realizada também em junho, no período matutino, na aula de Língua Portuguesa, no espaço de origem. Houve esta necessidade, devido a certas dificuldades apresentadas pelos alunos. Teve início às oito horas, com duração de vinte e cinco minutos. A entrevista se constitui da fala de sete alunos, sendo um menino com treze anos, e seis meninas, com as faixas etárias de duas com catorze anos de idade, duas com dezesseis, uma com quinze, uma com dezoito, e moradores na zona urbana.

Na *quinta etapa das entrevistas* a mesma aconteceu 28/06, na aula de Língua Portuguesa e no espaço biblioteca. Esta etapa consistiu-se da fala de sete alunos, sendo dois meninos com treze anos de idade, um com catorze anos, e o outro com quinze anos, e três meninas, duas com treze, uma com catorze anos de idade moradora na zona rural, e os demais moradores na zona urbana. Nessa última etapa, considerada como uma das mais longas, com a duração de quarenta minutos, cuja discursividade alcançou maior êxito devido à expressividade do grupo de falantes. Com isso, encerraram-se as etapas das entrevistas que foram gravadas, para posteriormente serem transcritas com base nos estudos sociolinguísticos variacionistas.

### **CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Este capítulo conceitua os resultados que foram obtidos após a coleta dos dados. Sendo assim, de acordo com Mollica *et alii* (2015), após os dados serem gravados a próxima etapa da pesquisa foi a sua transcrição. Com esse entendimento, situa-se que o objetivo essencial de uma transcrição é transcrever o discurso falado de maneira mais fiel possível à fala do entrevistado.

No dizer da estudiosa, o comprometimento no ato da transcrição exige uma consideração em relação ao tempo, além de outras decisões pertinentes por parte do pesquisador e do transcritor. Em todo processo de transcrição, a mesma está envolta a teorias que norteiam certas decisões aparente durante o processo. Com isso, denota-se que esse processo de transcrição exige do pesquisador uma pré-análise dos dados e concomitantemente estabelecem sentenças para serem avaliadas, como o tom e o turno conversacional o uso de pausas vazias ou preenchidas, Marcuschi (1996).

Na dedução da autora, o discurso realizado com maior ou menor intensidade em meio ao contexto que foi planejado, é repleto de hesitações, repetições, gaguejos, falsos começos, o que exige do pesquisador outros meios para a decodificação. Sendo assim, é necessário considerar que além do discurso falado, este apresenta outras particularidades, como os gestos e a postura, o que, às vezes, não interessa ao pesquisador. Neste entendimento, conforme Mollica *et alii* (2015), o que realmente importa em uma transcrição é transpor o discurso do falante sem abster ou buscar não desconsiderar nenhuma informação, ou seja, todas as etapas da transcrição apenas surtirão efeito positivo, se for definida em função de um objetivo e uma finalidade. Objetivo este que deve ser o cerne da pesquisa.

#### **3.1 Resultado geral do uso de gírias no discurso dos alunos selecionados para a pesquisa**

Esta etapa do trabalho consiste na análise de aspectos discursivos da comunidade de fala investigada. Para isso, foi proposto para uma turma de alunos de 8º ano do Ensino Fundamental um questionário com oito perguntas discursivas, em que os alunos deram sua contribuição acerca da relevância dos questionamentos, principalmente sobre o uso de gírias, objeto de estudo de nossa pesquisa.

Os questionamentos propostos pontuam temas relacionados à preocupação com o futuro, em meio ao contexto e à situação de instabilidade política pela qual passa o País, também propôs a discussão sobre temáticas como: família, estudos, morte, identidade, drogas e crenças. Ressalta-se então que o objetivo específico da proposta do estudo não foi verificar

o nível de fala dos membros da comunidade analisada, e sim, diante dos discursos internalizados a partir dos questionamentos apresentados, coletar um maior número possível das principais gírias utilizadas por eles para verificar em que esta linguagem da gíria contribuiu ou representou na constituição indentitária da comunidade de falantes.

Com este entendimento, pretende-se a partir das análises dos discursos, posicionar os resultados colhidos e interpretados com a proposta e o resultado da análise do estudo realizado, além da importância dos questionamentos para o grupo estudado, mediante as contribuições dos estudos Sociolinguísticos, bem como a contribuição de outros estudiosos e leitores do assunto. Reafirmando que para a proposta do estudo, foi coletar o maior número de gírias e as possibilidades de representações indentitárias para a respectiva comunidade de fala.

Reafirmando que os dados representam os resultados dos discursos sobre alguns questionamentos subjetivos apresentados no questionário com oito questões discursivas e subjetivas sobre questionamentos do seu contexto social. Para a comunidade de fala investigada, usamos o termo designativo de I-para Informante, e INQ-para o Inquiridor. A proposta principal do estudo buscou analisar os discursos de acordo com a etnia, sexo e idade do falante.

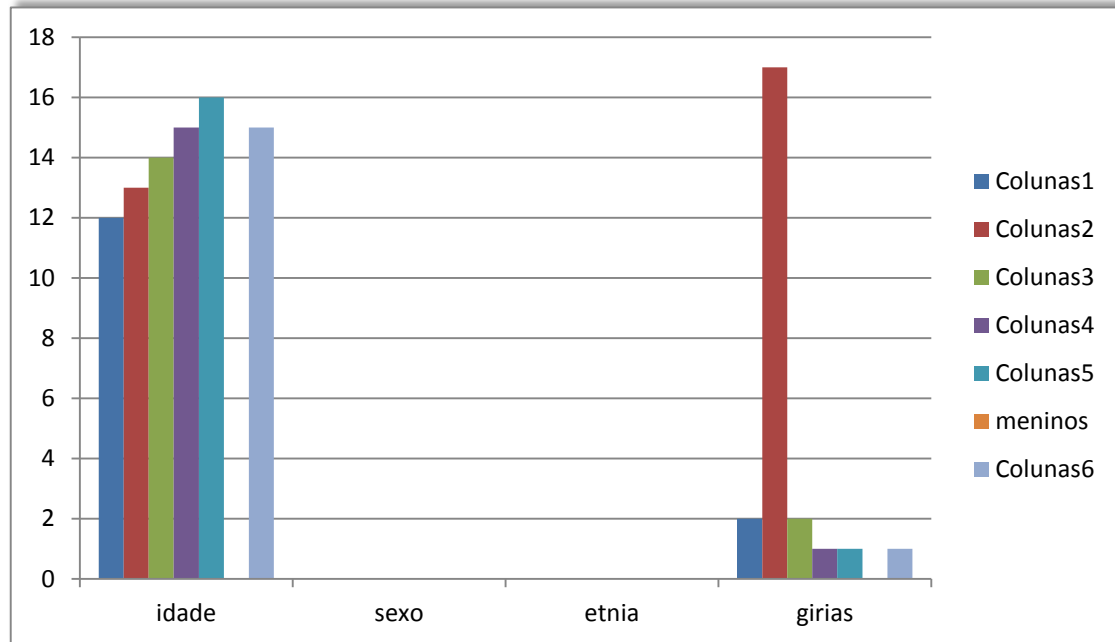
Diante da proposta aos questionamentos percorridos em cada questão, e por meio dos discursos oral da comunidade de fala, mediante a discussão, pode-se coletar os discursos de vinte e quatro alunos, sendo dez meninos, três com treze anos, quatro com catorze, três com quinze anos, e catorze meninas, uma de doze anos, seis com treze anos, três com catorze anos, uma com quinze anos, duas com dezesseis, e uma com dezoito anos. Os dados obtidos resultaram em um registro de noventa e sete vocabulários gíricos, em que o maior número de gírias foi utilizado pelas meninas, com um total de 59 vocabulários, e com os meninos foi possível coletar a quantidade de 38 vocábulos gíricos, totalizando um quantitativo de 97 registros de gírias usadas pelos participantes da pesquisa.

Assim, na formalização dos gráficos, foi considerado o quantitativo dos discursos gíricos, abstendo-se das outras informações que também fizeram parte da proposta discursiva, mas, porém estas são partes integrantes dos discursos que deram origem ao surgimento dos vocabulários gíricos, na qual Labov (1972) propôs relacionar o foco da pesquisa com temáticas voltadas para acontecimentos ligados à vida pessoal da comunidade analisada.

Reafirma-se que a proposta do estudo, é registrar o uso de gírias encontradas nos discursos dos alunos, e analisadas na perspectiva variacionista quanto à idade, etnia, sexo. Neste entendimento, prossegue a análise dos dados, resultado da discussão oral da comunidade de fala, representadas nos gráficos a seguir, a partir do questionamento proposto.

1) Considerando a economia e a política do Brasil, você se considera preocupado com o futuro?

**Gráfico 1** - Dados sobre o uso de gírias de acordo com a faixa etária, etnia, sexo



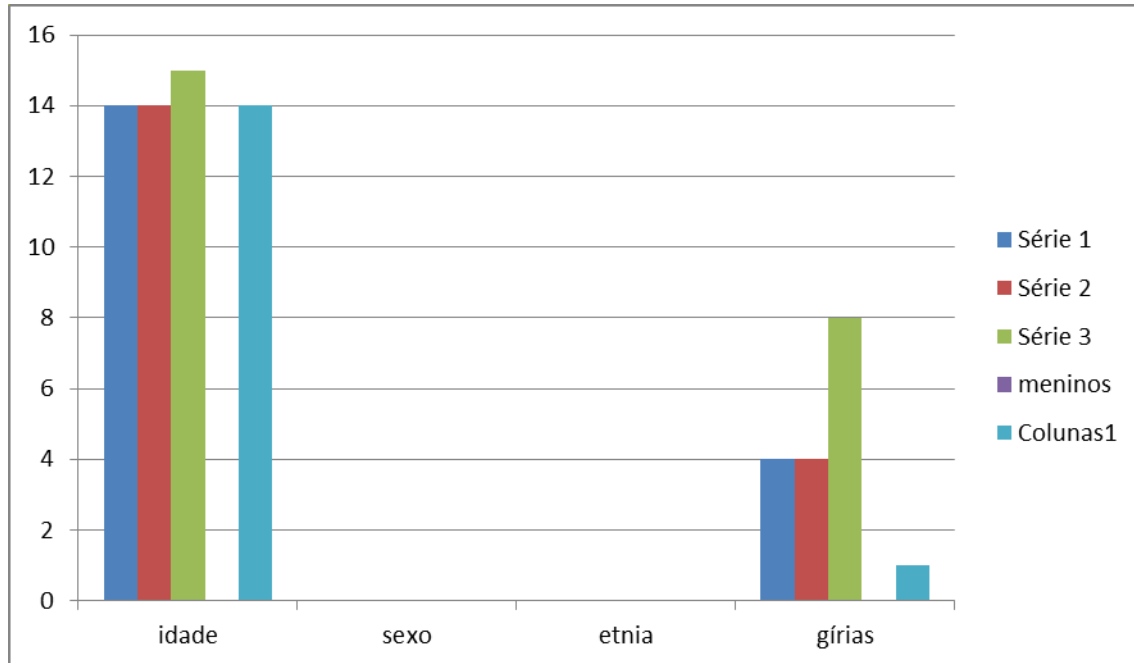
**Fonte:** Discurso oral de alunos e professores de um 8º ano da Escola de Ensino Fundamental (EMEF), Profa. Maria de Lourdes Aquino Sotana. Naviraí-MS, (2018).

Com referência à primeira pergunta que trouxe conceito sobre a preocupação com o futuro, dos 24 informantes, duas meninas com a idade de treze anos, disseram que não, doze disseram que sim, sendo uma com doze anos, quatro com treze anos, três com catorze anos, uma com quinze, e as outras duas com dezesseis anos de idade. Já os dez meninos afirmaram que sim, estes na faixa etária de 14 anos, três com treze, e os outros três com quinze anos. Nesta pergunta houve o registro de sete linguagens de gírias, sendo estas, nos discursos de três meninas, uma com treze anos de vocabulários de três *tipu*, duas de 14 anos com o uso de dois *tipu assim*, e um *tipo*, a outra de 15 anos, também com o uso de um vocabulário *tipu*. Com os meninos, se registrou gíria, na fala de um aluno de 15 anos, também com um *tipu*, nesta questão entre meninos e meninas houve o registro de oito vocabulários gíricos.



- 2) Com relação à família, você acredita que a família é o lugar de formação, acolhida, proteção, ou você não acha importante fazer parte de uma família?

**Gráfico 2** - Dados sobre o uso de gírias de acordo com a faixa etária, etnia, sexo

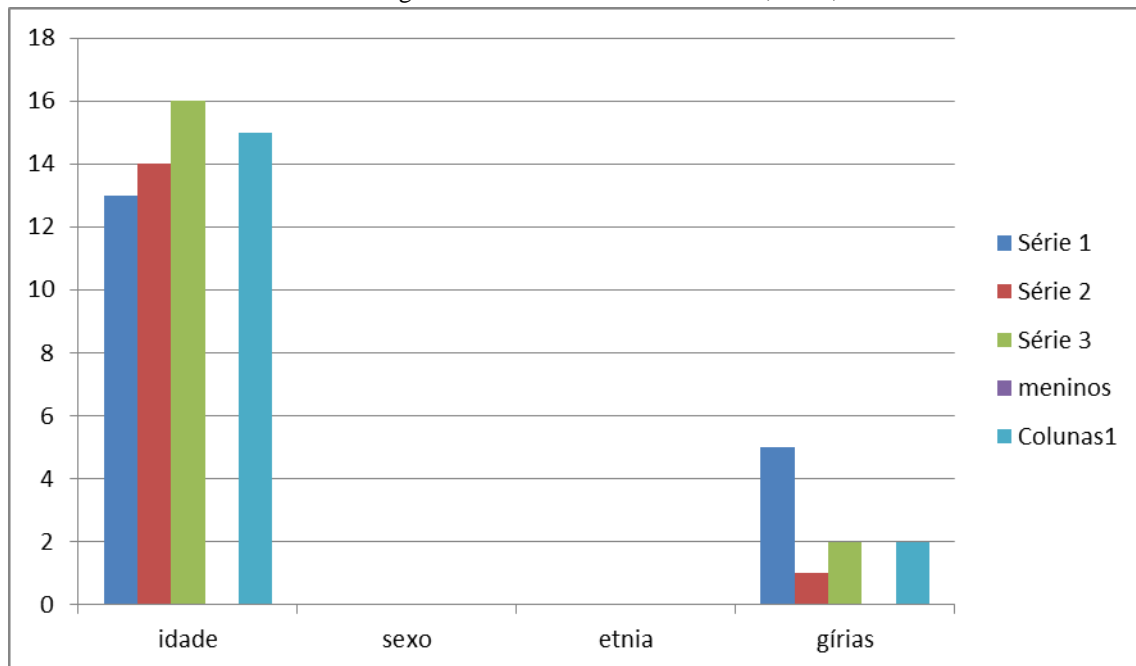


**Fonte:** Discurso oral de alunos e professores de um 8º ano da Escola de Ensino Fundamental (EMEF), Profa. Maria de Lourdes Aquino Sotana. Naviraí-MS, (2018).

Na segunda pergunta, questionou-se acerca da importância de fazer parte de uma família, e diante desta indagação 9 meninas, sendo uma de 12 anos, seis com 13 anos, dentre elas uma indígena, e a outra indígena de 18 anos, e outra com 14 anos afirmaram que a família é o alicerce, já outras 5 meninas, com as idades de 14 a 16 anos afirmaram que não consideram a família importante, pois na opinião delas os estranhos, às vezes, acolhem melhor do que a própria família, já os dez meninos, com idade entre 13 a 15 anos afirmaram que é importante fazer parte de uma família. Houve o registro de gíria no discurso de um menino com a idade de catorze anos, com o vocabulário *tipu*, já no discurso das meninas registraram-se 15 ocorrências, sendo oito com uma aluna de 15 anos, com cinco vocabulários da palavra *tipu*, ocorrências como: *maior bem, cara, di boa*, quatro ocorrências gíricas com aluna de 14 anos com a palavra *tipu*, três ocorrências com o vocabulário *tipu* com aluna de 14 anos. Entre meninos e meninas neste discurso registrou-se um total de 16 vocábulos gíricos.

3) Você pretende formar uma família? Sim ou não! Por quê?

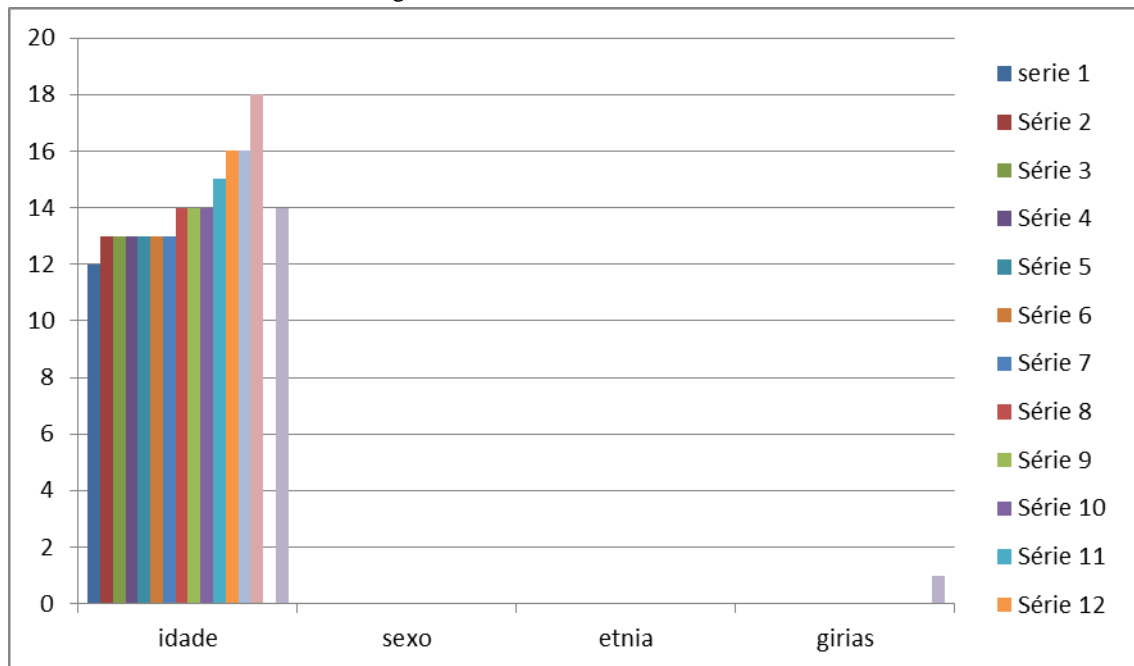
**Gráfico 3** - Dados sobre o uso de gírias de acordo com a faixa etária, etnia, sexo



**Fonte:** Discurso oral de alunos e professores de um 8º ano da Escola de Ensino Fundamental (EMEF), Profa. Maria de Lourdes Aquino Sotana. Naviraí-MS, (2018).

Com a terceira pergunta, 10 informantes afirmaram que pretendem formar uma família quando se tornarem adultas, dentre elas, uma com 12 anos, 5 com 13 anos, uma com 16 anos, duas com 14 anos, e uma indígena com 18 anos, e as outras oito disseram que não pretendem formar uma família, com as outras quatro, estas afirmaram que não pretendem se casar e nem formar uma família, foram uma com 14 anos, outra com 14, uma com 15, e a outra com 16 anos. Já os dez meninos, com a idade entre 13 a 15, pretendem constituir uma família na fase da vida adulta. Para esta questão obtiveram-se dois registros de gírias nos discursos dos meninos, com dois vocabulários, sendo *o tipu*, com um aluno de 15 anos, e 10 registros de gírias com as meninas, sendo *dois tipu assim*, e *três tipu*. Totalizando 12 registros de gírias entre meninos e meninas.

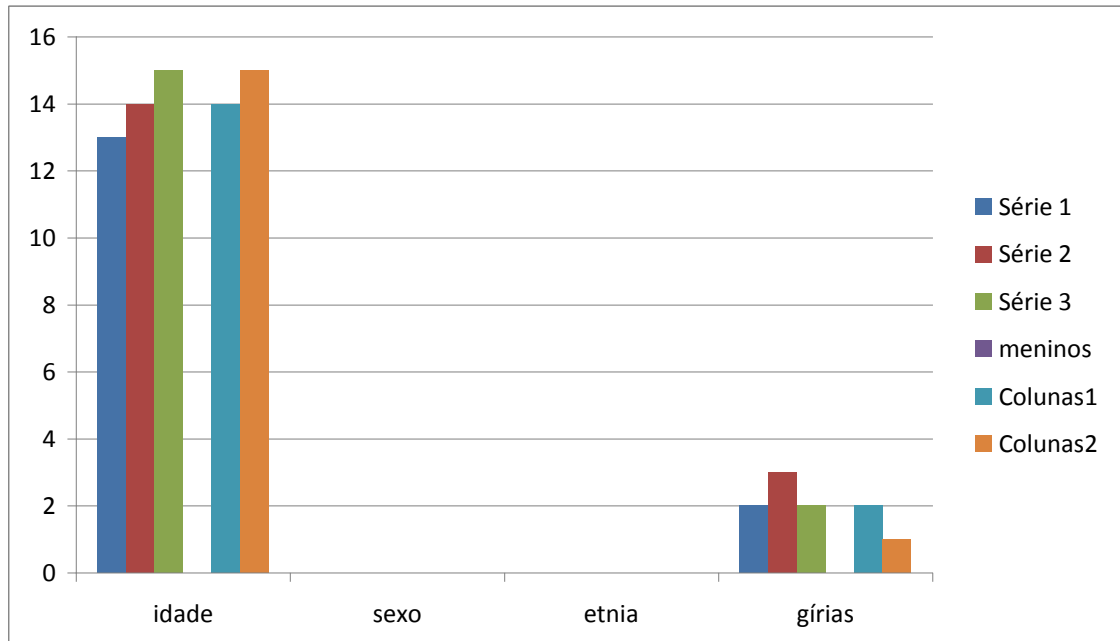
4) De acordo com o último censo que afirma que o Brasil possui doze milhões de analfabetos e, diante desta realidade, você pretende dar continuidades nos seus estudos? Sim ou não! Justifique a sua resposta.

**Gráfico 4** - Dados sobre o uso de gírias de acordo com a faixa etária, etnia, sexo

**Fonte:** Discurso oral de alunos e professores de um 8º ano da Escola de Ensino Fundamental (EMEF), Profa. Maria de Lourdes Aquino Sotana. Naviraí-MS, (2018).

Para esta questão os 24 alunos foram categóricos em afirmar que pretendem dar continuidade aos estudos, sendo 14 meninas, com idade entre 12 a 16 anos e dez meninos com idades de 13 a 15 anos. Todos afirmaram que pretendem dar continuidade aos estudos e seguir uma carreira profissional. Nesta questão houve um registro de uso de gírias no discurso de um menino com o vocabulário o *tipu*, já entre as meninas não houve nenhum registro de gíria.

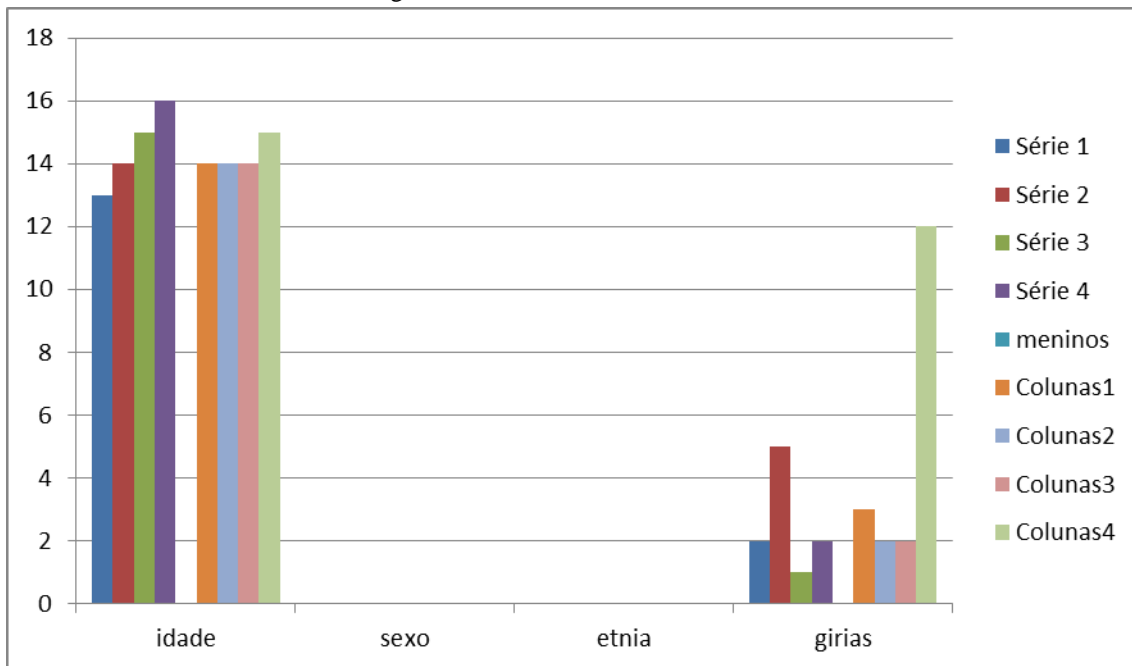
5) Nos últimos tempos a violência tem aumentado sucessivamente entre jovens, adolescentes e adultos, causando vários tipos de morte. Diante deste contexto você tem medo da morte. Sim, não, por quê?

**Gráfico 5** - Dados sobre o uso de gírias de acordo com a faixa etária, etnia, sexo

**Fonte:** Discurso oral de alunos e professores de um 8º ano da Escola de Ensino Fundamental (EMEF), Profa. Maria de Lourdes Aquino Sotana. Naviraí-MS, (2018).

Em relação à pergunta que discorreu sobre medo da morte, 9 meninas afirmaram que não têm medo da morte, outras cinco afirmaram que têm sim medo de morrer. Com os meninos, três afirmaram que sim, e sete que não têm medo da morte. As gírias encontradas nos discursos foram sete entre as meninas, duas linguagens do *tipu* com uma informante de 13 anos, três com o mesmo vocabulário com outra de 14 anos e duas linguagens com uma de 15 anos. Na fala dos meninos observaram-se três linguagens do mesmo vocabulário sendo o *tipu*, dois com um menino de 14 anos e outro com um de 15 anos, resultando em um total de dez vocábulos gíricos nos discursos de meninos e meninas sujeitos de nossa pesquisa.

- 6) O que se observa é que ao longo da adolescência, os jovens fazem parte de ciclos de amizades diferenciadas. Isto é uma referência curiosidade ou se identificam com o mesmo?

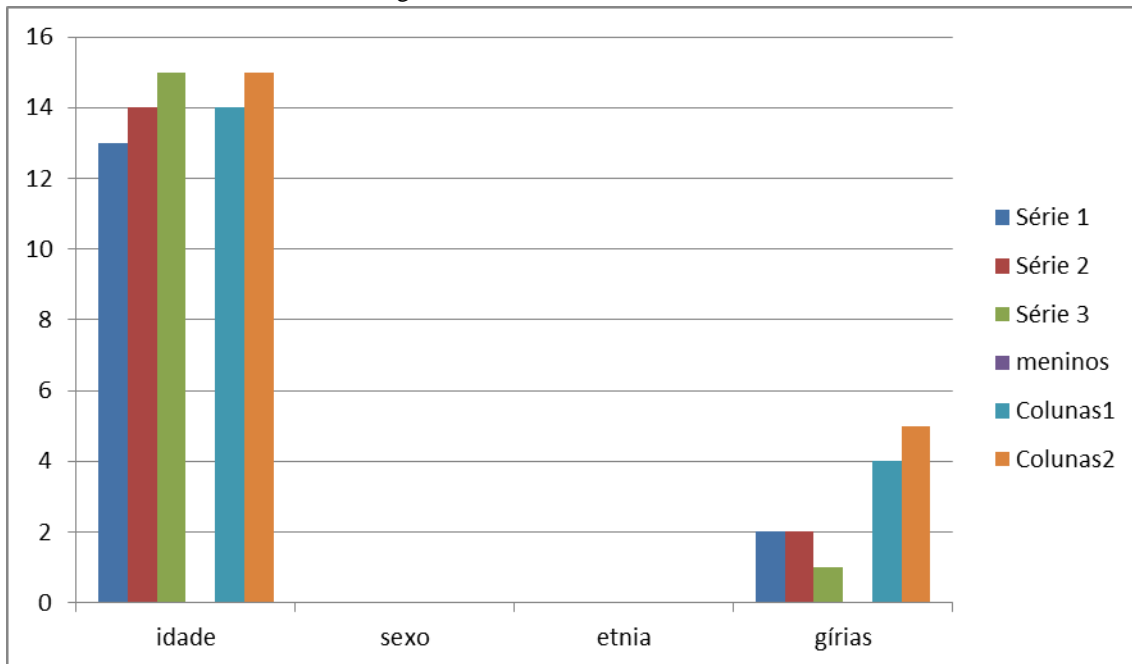
**Gráfico 6** - Dados sobre o uso de gírias de acordo com a faixa etária, etnia, sexo

**Fonte:** Discurso oral de alunos e professores de um 8º ano da Escola de Ensino Fundamental (EMEF), Profa. Maria de Lourdes Aquino Sotana. Naviraí-MS, (2018).

Nesta proposta de discurso, questionou-se a respeito da amizade e se estes para fazer parte de algum grupo, mudariam o seu estilo de ser e de pensar acerca de um determinado assunto. Nestes termos, as 14 meninas disseram que não, pois em um grupo de amizades tem que se aceitar o outro como ele é, porém sabemos que isso nem sempre acontece. Os números de gírias observadas foram *tipo assim*, e *tipo* no discurso das meninas, com um total de cinco ocorrências de gírias no discurso delas.

Os dez meninos também afirmaram que não mudariam o seu estilo próprio de ser apenas pra ser aceito em um grupo. Entre eles foram 4 vocábulos gíricos do tipo: *tipo assim*, *tipo assim*, *saí fora*, *tipo*, já com outro de quinze anos, registrou-se também duas linguagens do *tipo assim*, um *saí fora*, *di boa*, e um *tipo*, totalizando 14 registros gíricos entre elas e eles.

7) No que diz respeito às drogas, você já usou, nunca usou, e o que pensa da mesma? (Drogas aqui no sentido de bebidas entre outros vícios).

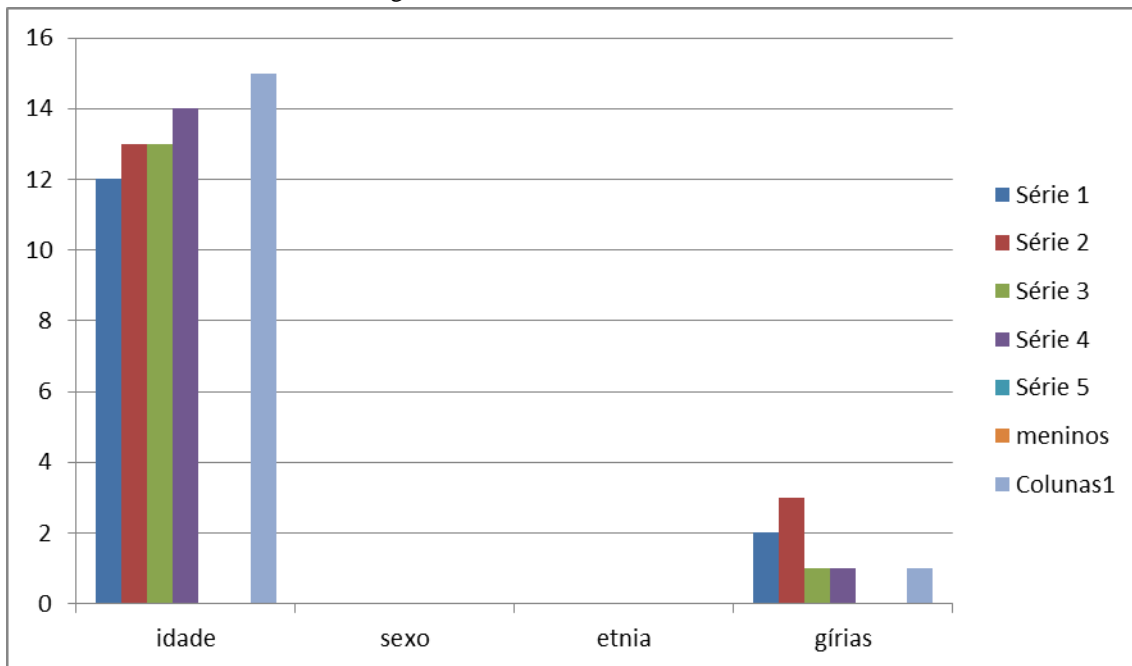
**Gráfico 7** - Dados sobre o uso de gírias de acordo com a faixa etária, etnia, sexo

**Fonte:** Discurso oral de alunos e professores de um 8º ano da Escola de Ensino Fundamental (EMEF), Profa. Maria de Lourdes Aquino Sotana. Naviraí-MS, (2018).

Com esta pergunta foram obtidos os seguintes resultados com os 24 informantes: catorze meninas já beberam ou usaram drogas, três delas nunca beberam. Com este discurso, verificou-se o registro de dez vocábulos gíricos, com cinco vocabulários de gíria *tipo, maior brisa, viajando*, outras duas com uma menina de treze anos, sendo *um tipo, e um tipo assim*, outra linguagem com uma menina de quinze anos, com o vocabulário *tipu*, com a outra informante de dezesseis anos, observaram-se dois vocabulários, sendo *a maior brisa, e maior nada haver*. Questionadas a respeito das bebidas que ingerem, as adolescentes afirmaram que bebem cervejas, vodcas, licores e catuaba, ou seja, bebem todo tipo de bebida.

Já com os dez meninos, cinco afirmou que já beberam e fizeram uso de drogas, dois com 15 apenas beberam. Entre os que beberam, tomaram: catuaba, cerveja, vodca e licores. E conforme eles, na maioria das vezes, beberam por curiosidade. Neste discurso dos três meninos com idade de 14 anos, obtiveram-se as seguintes ocorrências de gírias: *molhar o bico, quer um dez, ficar brisadão, sendo maior brisa, ficar doidão, tá ligado, maior vaia, tipo, tipo, tipo, tipo normal tipo, tipo assim, tipo pa, ganhar moral, tipo assim, tipo assim, tipo, tipo assim e tipo*. Com esta pergunta registrou-se o uso de 29 ocorrências de gírias nos discursos de meninos e meninas, acerca do assunto bebida.

8) Você acredita em Deus? Sim ou não! Justifique a sua resposta.

**Gráfico 8** - Dados sobre o uso de gírias de acordo com a faixa etária, etnia, sexo

**Fonte:** Discurso oral de alunos e professores de um 8º ano da Escola de Ensino Fundamental (EMEF), Profa. Maria de Lourdes Aquino Sotana. Naviraí-MS, (2018).

Em relação a esta pergunta os 24 informantes, entre eles dez meninos e 14 meninas, afirmaram que acreditam em Deus, pois conforme eles: “Deus deu a vida, e é o amigo que podemos confiar”. Com relação ao uso de gírias, foram registrados seis linguagens do vocabulário *tipo*, sendo um com uma aluna com 14 anos, dois com uma de 12 anos, três com outra de 13 anos de idade, um com linguagem do vocabulário *cara* com outra de treze anos, e outra linguagem do mesmo vocabulário com um menino de quinze anos. Registrando-se um total de sete vocabulários entre meninos e meninas acerca de acreditar em Deus ou não.

### 3.2 Discussão sobre os dados

Mediante aos discursos proferidos nas questões propostas, foi visível a preocupação que os meninos e meninas pesquisados nutrem a respeito do futuro, e outras possibilidades para a vida profissional. Neste sentido, afirmaram que se o País vier a passar por transformações na economia, saúde e entre outras esferas sociais, será melhor. Outro questionamento indagado persistiu a respeito de considerar a família como o lugar da acolhida e proteção, em meio a esta indagação foi possível observar alguns discursos contraditórios a respeito da instituição família, pois conforme alguns informantes, às vezes, os estranhos sabem acolher melhor do que a própria família, com isso, pode se constatar uma carência

afetiva no sentido da atenção, do cuidado em si, no sentido de que os jovens necessitam de mais atenção, seja por parte da família ou da sociedade.

Na concepção de Oralda Adur (2011, p.10), ao discutir o termo família especificamente a considerada como a família estruturada, tinha se um vislumbre de um casal ligado pelo casamento e residindo no mesmo ambiente com os filhos. Atualmente este modelo de família vem sofrendo outras mudanças. No entendimento da autora que afirma que: “atualmente é necessário uma visão ampliada sobre esta instituição, para ela, uma família pode ser considerada harmônica e estruturada independente de sua constituição, e pode ser desestruturada mesmo quando formada por pai, mãe e filhos”.

Neste sentido, denotam-se múltiplas mudanças que vêm ocorrendo ao longo dos tempos, surgindo outras instituições e outros modelos de famílias. Em seu entendimento acerca do assunto Silvio Manoug Kaloustian (2004), trouxe estas considerações a respeito:

O Brasil cada vez mais urbano vem sendo marcado por profundas transformações sociais, econômicas, culturais, éticas e ao mesmo nível do comportamento humano. Permanece um consenso em torno da família como espaço privilegiado para a prática de valores comunitários e o aprofundamento de relações de solidariedade. Reitera-se a permanência de suas funções, consideradas insubstituíveis quanto à assistência, promoção de valores, educação, proteção aos seus membros e, sobretudo, lugar de encontro de gêneros e gerações. (KALOUSTIAN, 2004, p.9).

Assim sendo, em meio ao contexto familiar, é necessário que haja o respeito, e que pais e filhos se valorizem, já que é função de cada um que integra este grupo. Já questionados a respeito dos estudos, os informantes consideraram importante dar continuidade aos estudos, visto que cada um pretende cursar uma faculdade, e seguir carreira em alguma profissão, até mesmo porque pretendem construir família.

Outra indagação nos discursos postulou sobre o alto índice de violência entre os adolescentes, jovens e adultos, e se em vista deste panorama da realidade atual, se eles tinham medo de morrer, e sendo assim para a minoria, a morte causa medo, já a maioria da comunidade investigada, afirmou que não tem medo da morte, e sim de ir para o inferno, ou de ficar prostrado em cima de uma cama, causando sofrimento a si e aos familiares.

Outra proposta dos discursos pontuou a temática de que os jovens buscam fazer parte de ciclos de amizades diversas, e se estes mudariam o seu estilo próprio para ser inseridos em algum grupo, o que eles afirmaram que não mudariam, mas que poderiam até fazer parte do grupo, se fossem aceitos com o seu estilo próprio. Em relação ao uso de drogas, bebidas, e



cigarros, entre outros vícios, a maioria da comunidade de fala, afirmou que já bebeu e fumou e fez uso de drogas, por curiosidade.

De acordo com Içami Tiba (2007), quando o adolescente se envolve com o uso do álcool, aciona uma reação química do entorpecente em seu próprio organismo, que resulta a sensação de alegria, misturada e proveniente da bebida alcóolica. E sob este efeito o usuário, que outrora era tido como tímido, realiza atos que não manifestaria em seu estado normal.

No entendimento do autor, nas primeiras experiências com o uso do álcool, os adolescentes estão propensos a perder o controle, ingerindo bebida muito além do que o cérebro possa comportar e, com isso, resulta em outras complicações específicas, como o de causar escândalos, se sentir mal, conforme Içami, os adolescentes e jovens buscam refúgio nas bebidas, visto que a euforia causada pelo efeito da bebida no organismo estabelece a sensação de poder, que normalmente esta pessoa sob o efeito do álcool não suportaria desaforos, ocasionando graves desentendimentos e até mesmo morte.

Em relação ao uso dos cigarros, Tiba (2007), considera que as crianças, jovens e adolescentes são estimulados ao uso, uma vez que observam esta prática em meio aos próprios familiares, pois desde a infância as crianças e adolescentes estimulam o gosto em suas próprias brincadeiras, fazendo o uso de cigarros de papel, talos de vegetais, e indo além de onde a sua imaginação possa alcançar. Com este entendimento, o que na infância é causa de brincadeira, o mesmo não ocorre com a vida adulta e, principalmente na adolescência que é uma fase muito delicada na vida de um jovem.

Após determinado período de resistência, os adolescentes iniciam a sua experiência com o cigarro, e isto decorre dos muitos fatores, entre este o estado de ansiedade, resultando com o início do tabagismo. Sob a égide de Tiba (2007), esta relação do adolescente com o uso do álcool e do cigarro, é uma consequência, que perpassa pela sua vida, e que se interpreta como sendo esta etapa em que estão constituindo a sua identidade, e com isso o adolescente considera a premissa de que se todos gostam e usam e ele próprio não, considera então que deve existir algo de errado consigo mesmo. Sendo assim, em virtude desta realidade, para não se sentir distinto dos demais, e se sentir seguro e fazer parte do grupo, necessariamente deve realizar as coisas que os outros praticam, e esta atitude se transforma no acolhimento dos costumes dos pares.

Já com o uso das drogas, e ainda sob o entendimento de Içami Tiba (2007), este reafirma a sua opinião de que o uso das drogas, na maioria das vezes é uma experiência que acontece em grupos, ao lado de um sujeito que já é usuário mais antigo. Para o autor, este

infiltrar-se no mundo das drogas se realiza distante dos pais, sob o contexto de amizades, cumplicidade, curiosidade, ou como uma aventura.

De acordo com Içami (2007), distintamente do pensamento dos pais, nenhum tabagista ou qualquer outro usuário, impõe a outro adolescente experimentar pela primeira vez a droga. Segundo o autor, a vontade de experienciar substância ilícita é algo que já está impregnado no seu interior, esperando o momento para ser realizado, esperando o momento para fazer uso de drogas, sejam lícitas ou ilícitas.

A primeira experiência com a maconha é distinta daquela que sente com o cigarro ou a bebida. Na concepção do autor, quando usada em porções menores, a erva não apresenta maiores alternâncias psicológicas, ou seja, o sujeito usuário se torna eufórico, sua risada é exagerada, bem como a sua linguagem que na maioria das vezes, é usada com predominância do uso da gíria. Conforme Içami Tiba (2007, p.42) é natural o usuário primário não sentir nenhuma reação nos recentes usos, o que causa uma distração nos pais, que somente percebem o uso em um familiar, quando esta já faz uso há muito tempo. De acordo com o autor que considera que: a “família normalmente demora mais de um ano para descobrir que o adolescente esconde maconha dentro de casa. E, quando os pais a encontram, ele diz que é de um amigo e estes geralmente acreditam”.

Diante desse posicionamento, é válido considerar que diante dos muitos discursos que se escuta, que os adolescentes, mesmos na sua ingenuidade e curiosidade, justificam o uso de que a maconha é menos nociva do que o cigarro ou o álcool, o que para Içami Tiba (2007), que considera que isto não seja motivo para que os mesmos façam comparações, mas que tenham a ciência de que tanto uma como a outra traz grandes malefícios à saúde.

Com a última proposta dos questionamentos, fora apresentado aos alunos sobre o crer ou não em Deus, e segundo o entendimento destes, foram unânimes em afirmar que Deus é tudo, e que é o criador de todas as coisas. Nesta premissa, pode se considerar, que em meio a esta indagação, que todos, mesmos com as suas diferenças e identidades distintas, que ambos nutrem um sentimento de fé, mesmo em meio às turbulências da vida, sejam esta no contexto escolar, familiar, ou em outras instâncias da sociedade.

Mediante a proposta dos discursos da comunidade de fala composta pelos 24 alunos e em virtude do posicionamento de cada questão discursiva, pode se constatar que estes alunos em meio ao contexto escolar e em meio aos discursos realizados, fizeram o uso de 97 registros de gírias, que se constata o maior uso de gíria pelas meninas, com ocorrência de 59 registros, e os meninos realizaram 38 registros do uso de palavras ou expressões gíricas.

### **3.3 Percepções de professores e alunos quanto ao uso de gírias em sala de aula**

Para esta segunda parte específica da pesquisa, o locus das entrevistas também foi o espaço da biblioteca com algumas interações em sala de aula. Outrora, foi proposto para a comunidade de professores composta por doze educadores que respondesse um questionário, composto com quatro questões discursivas, em que foram abordados alguns questionamentos a respeito da percepção do uso da gíria pelos alunos e professores em sala de aula e, se diante desta realidade, se estes detem algum tipo de preconceito a respeito desta linguagem e como poderia ser adaptada para outras aprendizagens nas disciplinas que lecionam.

Referente aos questionamentos, foram gravadas as entrevistas que se realizaram em três etapas, sendo distribuídos com três, quatro, e cinco informantes para cada etapa. Os docentes entrevistados resultaram em um montante que se dividiu na seguinte ordem: nove professores efetivos e três contratados. Estes lecionam nas respectivas disciplinas de: Geografia, Matemática, Artes, Língua Inglesa, Língua Portuguesa, História, Ciências.

Para a transcrição das entrevistas realizadas com alunos e professores foram utilizadas as normas do Projeto NURC-SP. Nestes termos para a comunidade de fala investigada será usado P-para professor, e INQ-para inquiridor. A proposta de análise dos discursos teve como parâmetros os estudos Sociolinguísticos, na concepção Variacionista proposta por William Labov. Nesta premissa, o objetivo central da proposta discursiva foi analisar as gírias que os educadores e alunos observaram no contexto diário de sala de aula, bem como inferir alguns questionamentos a respeito da possibilidade de uso, e se ambos nutrem algum tipo de preconceito linguístico com a linguagem da gíria, no contexto escolar ou fora dele. Os resultados serão analisados de acordo com a faixa etária do professor, sexo, etnia, bem como a diversidade da linguagem da gíria nas múltiplas disciplinas, conforme o perfil apresentado no quadro e os resultados discursivos obtidos e demonstrados nas tabelas a seguir.

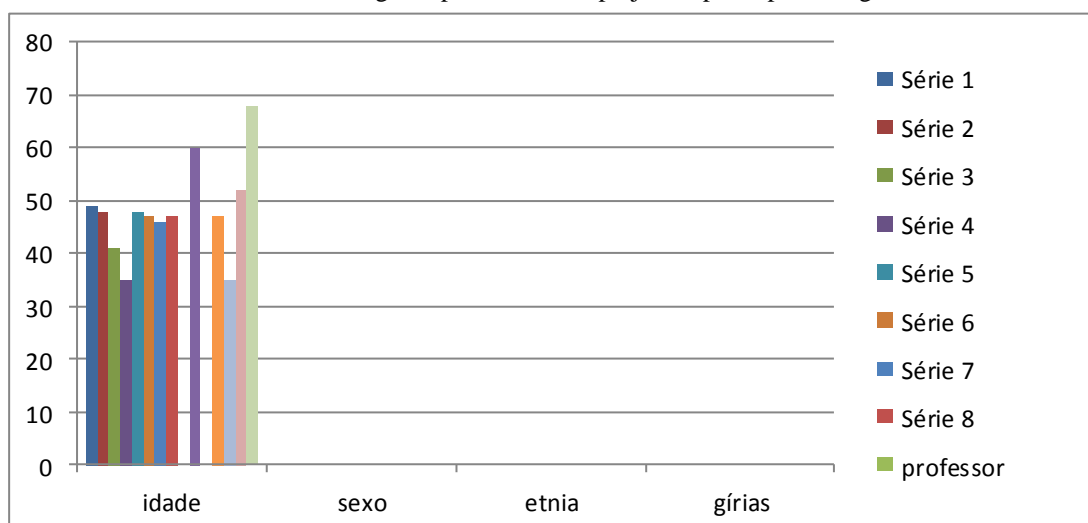
**Quadro 2** - perfil dos sujeitos da pesquisa-professores do Ensino Fundamental

Iniciais do nome	Sexo	Faixa etária	Nível de escolaridade
F	M	68	P.E. F
C	M	60	P.E. F
A	F	49	P.E. F
J	F	52	P.E. F
M	F	35	P.E. F
M	F	48	P.E. F
M	F	46	P.E. F
M	F	47	P.E. F
V	F	41	P.E. F
S	F	35	P.E. F
T	F	48	P.E. F
R	F	47	P.E. F

A sigla P. E. F refere-se a Professores do Ensino Fundamental

Diante dos discursos dos docentes, foi possível verificar por meio da comunidade investigada alguns posicionamentos em virtude das questões elencadas. Neste sentido, segue a análise dos discursos internalizados que serão apresentados nos gráficos, e para esta inserção discursiva, serão considerados também os estudos sociolinguísticos e fatores sociais como: *faixa etária, sexo e etnia*.

1) O uso da gíria pelos alunos na sua concepção prejudica a aprendizagem da Língua? (Língua no sentido amplo da palavra, em todas as disciplinas).

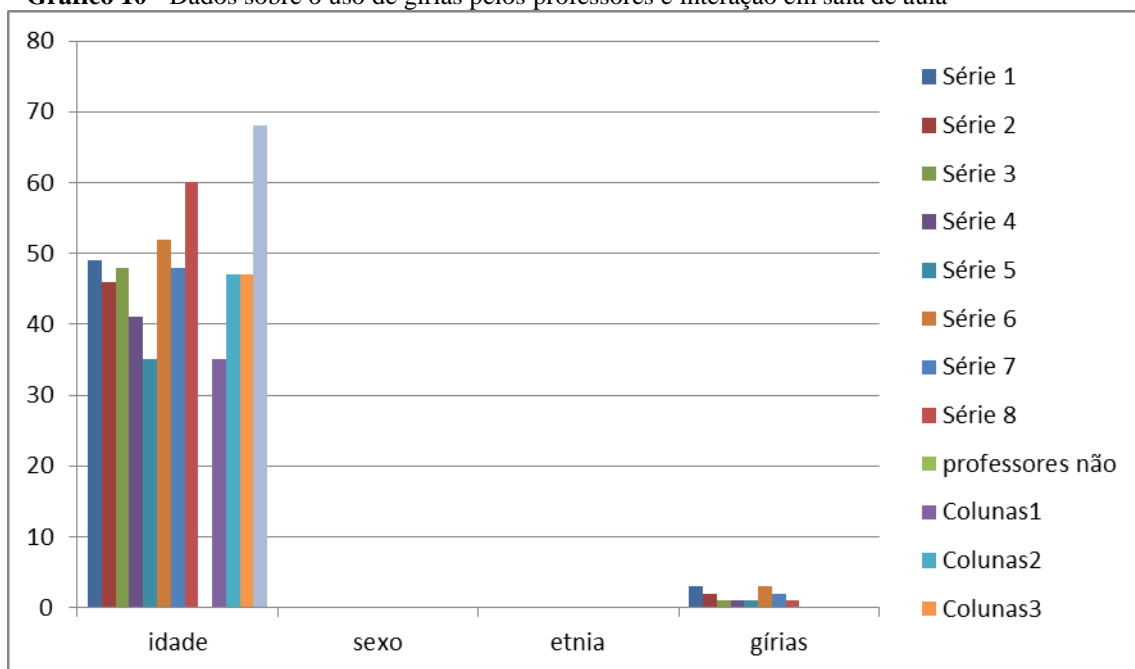
**Gráfico 9** - Dados sobre o uso de gírias pelos alunos e prejuízos para aprendizagem

**Fonte:** Discurso oral de alunos e professores de um 8º ano da Escola de Ensino Fundamental (EMEF), Profa. Maria de Lourdes Aquino Sotana. Naviraí-MS, (2018).

Para esta pergunta obtiveram-se os seguintes dados dos 12 professores das diferentes disciplinas citadas anteriormente: sete desta comunidade de falantes afirmaram que a linguagem gírica não prejudica a aprendizagem em sala de aula. Já os que afirmaram que a linguagem da gíria prejudica a aprendizagem, foram cinco professores, também de diferentes disciplinas confirmaram que a linguagem da gíria prejudica a aprendizagem.

2) No dia a dia em sala de aula, e diante da realidade discursiva dos alunos, você como educador, às vezes, já se observou falando alguma gíria?

**Gráfico 10** - Dados sobre o uso de gírias pelos professores e interação em sala de aula



**Fonte:** Discurso oral de alunos e professores de um 8º ano da Escola de Ensino Fundamental (EMEF), Profa. Maria de Lourdes Aquino Sotana. Naviraí-MS, (2018).

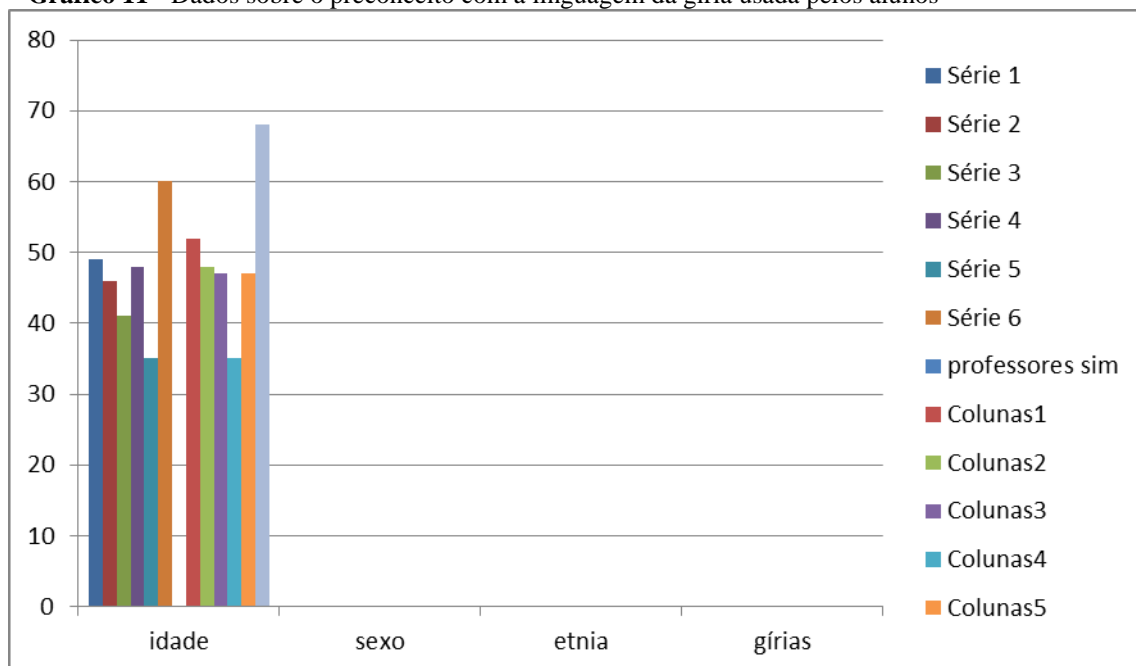
Mediante este questionamento, e de acordo com os doze professores dentre eles oito afirmaram que sim, que fazem o uso da linguagem da gíria em suas disciplinas, sendo uma professora da língua portuguesa com quarenta e nove anos que disse que tem o costume de usar, no contexto de interação na sala de aula, o vocabulário véi, tipu assim, entre outras, a outra docente que afirmou o uso, fora a professora de inglês com quarenta e seis anos, com o uso do vocabulário cara, o meu, já o professor de geografia com sessenta anos de idade, este afirmou que usa o vocabulário o cabeção, com as duas professoras de ciências sendo uma com quarenta e um anos e a outra com quarenta e oito, ambas afirmaram o uso do tipu assim, outra professora que utiliza a linguagem da gíria fora a professora da disciplina de história de trinta e cinco anos, com o vocabulário mina (menina) no contexto da sala de aula, as outras

duas que disseram sim que também fazem o uso, foram as professoras de geografia uma com cinquenta e dois que também faz uso do tipu assim, véi e manu, e a outra com quarenta e oito anos, que usa o bora-bora deixa de enrolação, ressaltando que uma destas docentes, no questionamento anterior, afirmara que a linguagem da gíria prejudica a aprendizagem em sala de aula. Observa-se assim uma inversão de valores nos discursos destas docentes.

Com as docentes que afirmaram que não falam gírias, estes totalizaram quatro docentes, sendo um professor de matemática com sessenta e oito anos, uma professora de história com quarenta e sete anos, uma professora de Arte com trinta e cinco anos, e a professora de língua portuguesa com quarenta e sete anos, estes afirmaram que não gostam da linguagem da gíria. Neste discurso resultou o total de oito docentes que usam a linguagem da gíria, e quatro não utiliza nesse tipo de linguagem.

### 3) Você tem preconceito ou não gosta da linguagem da gíria? Sim ou não! Por quê?

**Gráfico 11** - Dados sobre o preconceito com a linguagem da gíria usada pelos alunos



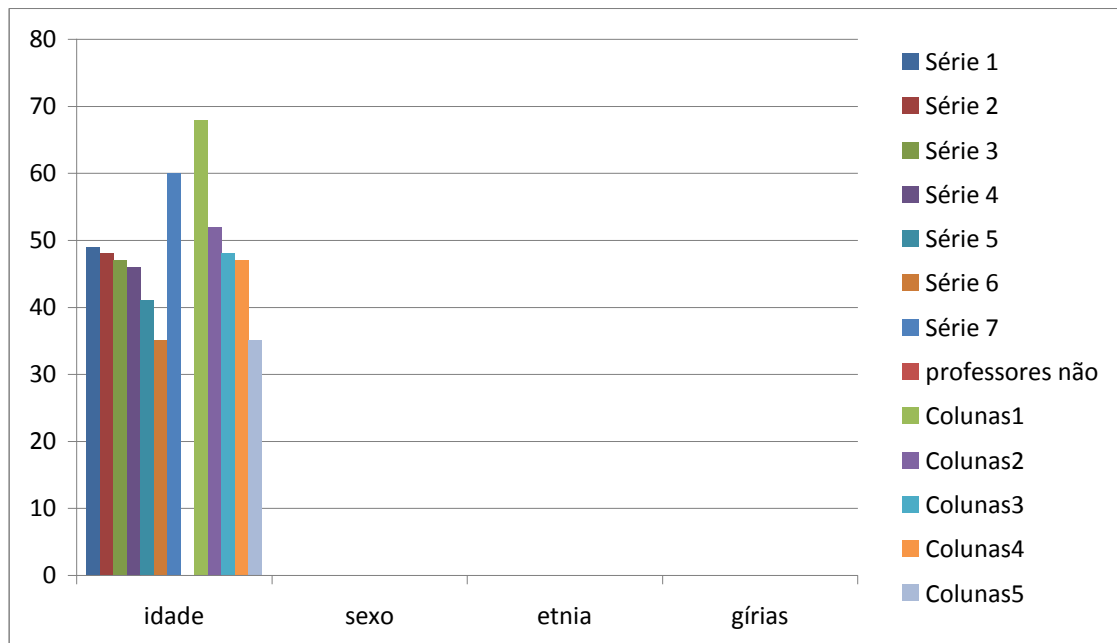
**Fonte:** Discurso oral de alunos e professores de um 8º ano da Escola de Ensino Fundamental (EMEF), Profa. Maria de Lourdes Aquino Sotana. Naviraí-MS, (2018).

Sobre este questionamento 12 docentes que responderam a questão pode-se verificar os seguintes dados: seis professores afirmaram que não tem preconceito com a linguagem gírica usada por alunos em sala de aula, pois, de acordo com eles, a linguagem da gíria tem como premissa, no contexto da sala de aula, propiciar maior interação entre professores e alunos.

Já os professores que afirmaram que têm preconceito com a linguagem gírica, foram seis. Para eles, a linguagem da gíria dificulta o processo de ensino e aprendizagem, pois acreditam que da mesma maneira que falam, os mesmos escrevem. Acerca dessa discussão, o resultado dos discursos consistiu em seis professores que não têm preconceito com a linguagem gírica usada em sala de aula, e seis docentes, estes têm preconceito com a linguagem da gíria.

4) De acordo com a sua prática Pedagógica, você observa o uso de gírias na sala de aula? E segundo a sua concepção, em que sentido poderia se tirar proveito da linguagem da gíria na sua disciplina, ou ainda não repensou esta prática?

**Gráfico 12** - Dados sobre o uso da linguagem da gíria em sala de aula e contribuições para outras aprendizagens



**Fonte:** Discurso oral de alunos e professores de um 8º ano da Escola de Ensino Fundamental (EMEF), Profa. Maria de Lourdes Aquino Sotana. Naviraí-MS, (2018).

Na quarta e última discussão, mediante a proposta dos discursos apresentados foi possível observar os seguintes resultados com os doze professores do ensino fundamental, os mesmos afirmaram que observam o uso da gíria em sala de aula, mas apenas os que utilizam e os que possivelmente no devir venham fazer uso desta prática docente em suas disciplinas foram sete professores e, de acordo com eles, a linguagem gírica pode ser agrupada nos conteúdos que tratam de regionalismo. Os professores afirmaram que não fazem uso de gírias em sala de aula, mas que futuramente observam possibilidades de uso desta linguagem em suas disciplinas. O que pode se constatar é uma inversão de valores com o trato da língua no

discurso de alguns docentes, visto que não gostam de gírias em sala de aula. Sob esta inserção, considera-se que as distintas modalidades da língua não podem ser impostas, e sim praticadas e ensinadas, indiferentes de classes, raças ou posições sociais.

Com os docentes que afirmaram que não gostam da linguagem da gíria, os seis afirmaram que não analisam possibilidades de uso em suas disciplinas, e que nunca repensaram a prática desta linguagem no contexto escolar, os mesmos foram os professores de matemática, história, Arte e geografia que afirmaram que não gostam da linguagem da gíria, mas que em meio a interação de sala de aula fazem o uso de algumas gírias, o que se constatou nas falas, visto que pode observar que, mesmo contradizendo os seus discursos, alguns usam a linguagem gírica em suas disciplinas. Foi possível registrar em meio aos discursos destes doze docentes, que sete deles são favoráveis ao uso da linguagem da gíria, e os demais, sendo cinco, não são favoráveis com o uso desta linguagem.

### **3.4 Discussões de percepções de professores/alunos sobre o uso de gírias em sala de aula**

Definida como um aspecto da própria comunidade humana, a comunidade linguística compreende certos comportamentos constantes, eleitos pelos que falam como ideais para se comunicar e transmitir informações necessárias à vida em comum, no seio da comunidade. Sendo assim, a própria sociedade se encarrega (*da mesma forma que faz com as leis*) de preservar o uso desses elementos linguísticos transformando-os em leis linguísticas. Diante dessas explanações é considerável discorrer sobre a linguagem da gíria e o que esta representa para a comunidade de falantes (alunos e professores) visto que em sala de aula não se pode mais priorizar uma linguagem única, mas enriquecer outras práticas, por meio das expressões linguísticas de que os alunos têm conhecimento, neste caso com a linguagem da gíria destinando-a para outras finalidades.

Segundo Patriota (2009), o uso da linguagem é associado ao contexto em que jovens e adolescentes estão inseridos, isto aponta uma visão de como o uso da linguagem gírica vem sendo usada nas escolas do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Mediante a proposta dos discursos de professores e alunos, a respeito da linguagem gírica, e as principais usadas em sala de aula, a comunidade de falantes (discentes) reafirmaram que esse tipo de linguagem é tão natural para eles que nem percebem o seu uso. Consideraram que esta linguagem é típica da faixa etária deles, e os principais vocabulários usados conforme eles são os famosos: *tipo assim, vei, manu, tá ligado, to brocado, é nois, pode crer*, entre outras.

Diante da proposta discursiva para o grupo docente, e mediante os questionamentos e resultados apresentados nos gráficos, pode-se observar que o uso da linguagem gírica, para



alguns professores não aparenta prejuízos para o ensino de Língua em sua amplitude, já para os que não aceitam esta linguagem como interação em sala de aula, afirmaram que na maioria das vezes pode gerar a indisciplina, além de se tornar um hábito, pois segundo eles, da mesma maneira que os alunos falam, estes trazem a linguagem para a forma escrita. Ainda indagados sobre a prática desta linguagem em sala de aula, os que afirmaram que fazem o uso, acreditam que a linguagem gírica tem por premissa facilitar o diálogo e aproximar professores e alunos.

Ainda na perspectiva da percepção, tanto professor e alunos observam a interação em sala de aula com a linguagem gírica, e segundo o entendimento de docentes e discentes, as mais faladas em meio aos discursos no contexto de sala de aula, prevalecem o *tipu assim*, (tipo assim), *véi* (velho), *manu* (mano), *baguí* (bagulho), entre outras linguagens. Já os professores que negaram esta prática, acreditam que esta linguagem é prejudicial para o próprio idioma, em meio a estes discursos o que se constata é que os discursos destes docentes ainda estão impregnados de modelos ou padrões da linguagem considerada como única, ou seja, a norma culta ou a modalidade padrão da língua portuguesa.

Denota-se assim, uma dissonância nos discursos e prática docente desta comunidade de fala. Ainda questionados a respeito do preconceito linguístico com relação à linguagem gírica, parte dos docentes não tem preconceito com esta linguagem, pois em seu entendimento a gíria faz parte do vocabulário dos adolescentes e até mesmo do vocabulário das crianças, mas, que não compactuam de palavras de baixo calão, que estão presentes na atualidade em algumas letras de músicas, como exemplo as músicas fanks.

Já os que nutrem o preconceito com a linguagem gírica, chegam a afirmar que nas salas de aula, seriam necessários cartazes proibindo esta linguagem. Diante destas negações, fora visível contradições na linguagem, pois os mesmos sem notar, no dia-dia no contexto escolar, também fazem uso desta linguagem. Diante da realidade discursiva sobre a linguagem gírica, os que aceitam esta prática, alguns já fazem uso em suas disciplinas, já os que ainda não fazem o uso da linguagem, observam possibilidades de uso futuramente.

Os que não concordaram com a linguagem, afirmaram que não veem possibilidade de fazer uso dela, mas também não descartaram a hipótese de virem a usufruir desta linguagem. Neste entendimento, indagados a respeito do uso desta linguagem em suas disciplinas, apresentaram algumas possibilidades de uso na disciplina de geografia, que conforme os professores a linguagem gírica pode ser usada quando certo tema propuser o estudo do regionalismo, os demais docentes afirmaram que precisam analisar o contexto dos conteúdos, para agregar a prática desta linguagem em suas disciplinas.

Em meio à discursividade apresentada na proposta da pesquisa, entre professores e alunos, sobre a importância no uso da linguagem gírica e a proposta do estudo, foi possível trazer algumas considerações na concepção de Patriota (2009), que considera a escola como um espaço institucional e social, tendo como mediação promover e divulgar a produção de múltiplos conhecimentos, entre eles os linguísticos. De acordo com a autora, em meio à diversidade cultural da linguagem e nesta inserção a linguagem da gíria que vem se consolidando na maioria dos segmentos sociais, é pertinente que as escolas deem abertura para uma linguagem não mais homogênea, e sim que busque consolidar a concepção heterogênea no uso da língua, para que, a partir desta inovação, possa proporcionar aos alunos amplas competências comunicativas.

Porém, deve-se considerar que a linguagem da gíria não é o que se ensina nas escolas, mas pode ser considerada outra modalidade de ensino da língua e objeto de estudo. Com este entendimento e, segundo Patriota (2009), apenas assim a escola estaria desenvolvendo nos alunos competências, nas quais este público estaria apto a usar a língua nos seus mais amplos estilos, com conhecimento das muitas variações e, mediante tal inserção do novo, proporcionar o uso da língua que utiliza uma inovação, de acordo com a ocasião em que esteja interagindo e presenciando.

Sob a visão de Patriota (2009), o professor na sala de aula tem como direcionamento transmitir conhecimentos. Ele em seu posicionamento se constitui autoridade da sala de aula, estabelecendo ordens, repassando informações e organizando os alunos, pois a ele compete o saber que a instituição escolar tem como função transmiti-lo.

Já o aluno, considera-se que este supostamente não é detentor do saber, e é encaminhado para a escola para possuir/adquirir. Diante disto, considera-se que aos discentes, cabe o dever de obedecer, aceitar e ter respeito às ordens dos professores, adquirir o conhecimento do que está sendo ensinado, e ter bom comportamento, visto que estes elementos são os que são aguardados pelo professor, bem como no convívio e contexto escolar, e pela própria sociedade. No entendimento de Patriota (2009), esta considera que:

Por exercerem papéis tão opostos (um detém o poder) o professor e o outro necessita acatá-lo (o aluno), criou-se entre os dois uma relação de simetria, ou seja, uma relação aparentemente sem harmonia, na qual um deles sempre comanda a situação comunicativa. No entanto, apesar de os papéis serem distintos, de os direitos e deveres divergirem, a relação ser, em princípio, assimetria, isso não significa que a interação não seja possível no meio escolar. Em todo processo de interação há a possibilidade de ajustes entre motivações individuais, coletivas e institucionais. (PATRIOTA, 2009, p.19).

A partir desse entendimento, é pertinente considerar que tanto professores como alunos estão propensos a uma troca de conhecimentos e aprendizagens, em que se busca interpretar, conhecer, aprender e ensinar no contexto da sala de aula, ou na instituição escolar.

### **3.5 Influência da variável sexo no uso de gírias: quem usou mais homens ou mulheres**

Este tópico apresenta os resultados discursivos do uso da gíria entre as meninas e os meninos e os resultados alcançados por meio da discursividade proposta no encadeamento da pesquisa de acordo com o sexo. Sendo assim, nesta etapa, predominou o maior uso da linguagem gírica, com a fala das meninas totalizando 59 registros. Já com os meninos registrou-se um total de 38 ocorrências. Neste seguimento, o discurso geral do uso da gíria entre meninos e meninas resultou em um total de 97 registros da linguagem gírica entre os 24 informantes pesquisados ( $59 > 38$ ) em que é possível inferir que as meninas têm feito mais uso da linguagem gírica que os meninos, contradizendo a literatura linguística que afirma que as mulheres são mais cuidadosas no uso da linguagem (MONTEIRO, 2000).

De acordo com Monteiro (2000), é visível a distinção entre a fala dos homens e das mulheres. Esta distinção, conforme o autor se manifesta no tom da voz, nas estruturas e o uso de certos vocábulos ou a maneira das mulheres usarem certas palavras. No dizer do autor, se questiona que as mulheres falam mais do que os homens. O que se constata, é que diferente dos homens, as mulheres articulam com mais rapidez a palavra, o que resulta no uso, de menos tempo para que esta seja pronunciada. Neste entendimento, não se deve considerar as distinções entre homens ou mulheres e sim o que causa as mudanças estruturais no uso da língua. Sendo assim, Monteiro (2000) discorre que:

As variações linguísticas em função do sexo do falante não constituem característica de nenhum tipo de sociedade mesmo nos países industrializados, o discurso feminino é marcado por tabus linguísticos, eufemismos, estruturas de polidez, purismo, conservadorismo. (MONTEIRO, 2000, p.72).

Em virtude destas diferenças, os estudos Sociolinguísticos, buscam enfatizar a diversidade, como no caso da linguagem dos homens. Já na opinião de Coulthard (1991), homens e mulheres possuem modelos distintos de interação, e têm preferências de usos de acordo com o tópico que é sugerido. De acordo com o autor, se existe uma lenda a respeito do muito falar das mulheres não são mais cautelosas e educadas do que os homens.

Para Trudgill (1979) essas distinções linguísticas seguem uma analogia de que as normas impostas ao sexo feminino, geralmente postulam de moldes antigos, ou seja, as mulheres possuem uma linguagem mais reservada. De acordo com o autor, estes moldes impostos às mulheres resultaram da educação destinada a elas que impunha um único modelo de linguagem. Na descrição de Trudgill (1979), ele considera que:

As diferenças linguísticas em função do sexo surgem porque a língua, como fenômeno social, está estreitamente relacionada às atitudes sociais. Homens e mulheres são socialmente diferentes no sentido de que a sociedade lhes confere papéis distintos e espera que utilizem padrões de comportamento também distintos. Assim sendo, a linguagem apenas reflete este fato social. E o que é o mais significativo: as mulheres, de acordo com muitas pesquisas já realizadas costumam empregar, bem mais do que os homens, as formas que as normas gramaticais prescrevem como próprias da língua padrão. (TRUDGILL, 1979, p.75).

Considerando o pensamento de Monteiro (2000), o mesmo incorre que é passível distinguir linguisticamente estas inferências entre os sexos, já que em meio a uma comunidade de fala, as variáveis linguísticas que se fazem presente em um determinado contexto social, suponha-se que haja pressões sociais para que os falantes dispusessem do uso de uma linguagem de prestígio, que é a norma de um grupo dominante.

Essas pressões ocorrem na linguagem das mulheres, devido a padrões sociais impostos por *status*, em que se busca alcançar nas mulheres no contexto social, comportamentos adequados e corretos na sua maneira de falar. No entendimento do autor, se de um lado a sociedade busca desde os tempos mais remotos imprimir modelos de linguagens distintas para as mulheres, por outro também existe as possibilidades para que o uso das variantes que são consideradas não padrão e com menor prestígio, como sendo uma aliança da comunidade de falantes e uma identidade pessoal do sujeito.

Conforme Monteiro (2000) se os homens que fazem uso desta linguagem continuamente, em consequência do atributo de masculinidade aparente na cultura nacional. Neste entendimento, a sociedade aguarda no falar das mulheres, uma linguagem mais complacente, mais elegante, contrária à linguagem dos homens, que podem usar uma linguagem grosseira, chula, obscena, ou até mesmo diferente da língua padrão. Como afirma Monteiro (2000, p.76), que considera: “por isso, os homens e as mulheres falam como falam, porque sente que um tipo particular da língua é mais adequado a seus sexos e sabem que essa adequação é reforçada por várias pressões sociais”.

Sendo assim, o que se constata é que as distinções linguísticas ocorrem concernentes ao fator sexo, visto que a língua analisada como um fator social interligada as ações sociais, tendo em vista, que os sujeitos falantes nos seus múltiplos papéis que exercem em meio à sociedade aparente, esta lhe impõe normas e condições comportamentais distintas.

Neste entendimento, denota-se que as diferenças entre os sexos e a linguagem, é primordialmente fator de escolha sociocultural que está presente na língua enquanto conjunto semiótico, e nesta premissa, a língua e a linguagem de certas comunidades de falantes, estabelece uma norma cultural que finca representações simbólicas, (MONTEIRO, 2000).

Sendo assim, segue o quadro com as amostras da variável do uso da linguagem da gíria de acordo com o sexo do falante.

**Quadro 3** - Uso de gírias de acordo com o sexo

Iniciais do nome	Sexo	Gírias	Nível de escolaridade
A	M	08	E. F
A	M	05	E. F
M	M	02	E. F
P	M	01	E. F
F	M	-	E. F
E	M	-	E. F
M	M	-	E. F
P	M	22	E.F
R	M	-	E. F
L	M	-	E. F
T	F	02	E.F
J	F	17	E. F
L	F	01	E.F
R	F	-	E. F
C	F	-	E. F
R	F	19	E.F
G	F	02	E.F
E	F	-	E.F
B	F	02	E.F
K	F	13	E.F
E	F	03	E.F
J	F	-	E.F
K	F	-	E.F
T	F	-	E.F

A sigla E.F refere-se a informante do Ensino Fundamental

### 3.6 A gíria como fator etário: o uso de gírias de acordo com a faixa etária do aluno

Este seguimento discursivo busca apresentar os resultados que foram almeçados ao longo do estudo, bem como o montante que se conseguiu alcançar mediante a proposta da pesquisa de acordo com o uso de gíria, conforme a idade da comunidade alvo colaboradora, (alunos). É pertinente afirmar que o uso de gírias conforme a faixa etária entre as meninas resultou o maior índice com as informantes de catorze anos de idade, totalizando vinte e uma linguagens da gíria, e em segundo plano com as de treze anos com o registro de dezoito linguagens da gíria, e treze linguagens com uma aluna de quinze anos. Já entre os meninos, o uso de gírias de acordo com a faixa etária, o maior índice fora registrado na linguagem dos meninos com a idade de catorze anos, com o registro de dezesseis linguagens, sendo ultrapassado pela linguagem de outro informante com a idade de quinze anos, com vinte e dois registros de uso de gírias. Nestes termos, o registro geral do uso das gírias entre os vinte e quatro informantes fora um total de *noventa e sete linguagens*, sendo *trinta e oito registros* nas linguagens dos meninos, e *cinquenta e nove na linguagem das meninas*, sendo visível o maior uso na linguagem das meninas, (97= 59>38).

Conforme a descrição de Monteiro (2000) há uma facilidade em observar as distinções linguísticas ocorridas por meio da idade do falante. Sendo assim, conforme este estudioso, as mais visíveis certamente são as que se manifestam no início da aquisição da linguagem no momento em que esse acontecimento inibe ao que a criança que não consegue articular ainda certos fonemas. Outra diferença que se analisa, é referente à linguagem dos idosos e dos adolescentes, entre outras instâncias, outras inferências lexicais ou sintáticas que na maioria das vezes causa estranheza. Outra distinção considera a variação linguística observada em face da idade que os sujeitos falantes utilizam, e estas dão evidência de mudanças ao uso de um determinado fenômeno linguístico.

No dizer do autor, estas mudanças que ocorrem, são possíveis devido à transformação que ocorre no comportamento linguístico da comunidade de fala na amplitude com relação à faixa etária do falante. Sendo assim, as mudanças que ocorrem na linguagem de certos grupos, está relacionada diretamente voltada a uma dicotomia temporal. Com isso, o autor trouxe estas considerações, tendo em vista e, segundo o seu entendimento, que toda variação na linguagem percorre uma mudança em tempo aparente, e a outra se volta à mudança em tempo real.

Para a mudança em tempo aparente, Monteiro (2000), considera que para o pesquisador, e que este ao estudar certa comunidade de falantes, o mesmo busca comparar a

fala de grupos de pessoas com a faixa etária mais elevada, em vertente com as dos grupos de falantes mais jovens, considerando as possíveis mudanças entre ambas como um transformar linguístico.

Seguindo o pensamento do autor, que considera que a mudança em tempo aparente é a que está voltada às normas de comportamentos linguísticos distribuídos em muitos grupos etários em determinados momentos. Com a mudança em tempo real, caracteriza-se como aquela que ocorre conforme o crescimento linguístico em certo período, voltado para configuração diacrônica da língua. E se ambas as mudanças, vierem suprir as dificuldades de uma e outra, é possível uma reconstrução cronológica das múltiplas mudanças associadas à conscientização de cada membro de uma comunidade linguística, ressalvando que a faixa etária do falante deve ser examinada a partir de categorias que reafirme mudanças linguísticas ocasionadas por esse fator, (*etário*).

**Quadro 4** - Uso de gírias de acordo com a faixa etária

Iniciais do nome	Faixa etária	Gírias	Nível de escolaridade
A	M 14	08	E. F
A	M 14	05	E. F
M	M 14	02	E. F
P	M 14	01	E. F
F	M 15	-	E. F
E	M 13	-	E. F
M	M 13	-	E. F
P	M 15	22	E.F
R	M 15	-	E. F
L	M 13	-	E. F
T	F 12	02	E.F
J	F 13	17	E. F
L	F 13	01	E.F
R	F 13	-	E. F
C	F 18	-	E. F
R	F 14	19	E.F
G	F 16	02	E.F
E	F 14	-	E.F
B	F 16	02	E.F
K	F 15	13	E.F
E	F 14	03	E.F
J	F 13	-	E.F
K	F 13	-	E.F
T	F 14	-	E.F

A sigla E.F refere-se a informante do Ensino Fundamental

### 3.7 O uso da gíria de acordo com a etnia do aluno

Nesta análise não houve o registro de gírias conforme a etnia, visto que as duas informantes foram duas alunas indígenas, e ambas eram tímidas, uma delas possuía muita dificuldade com o uso da segunda língua, neste caso, com a língua portuguesa.

De acordo com Labov (1972), é de suma importância considerar a condição étnica do sujeito falante. No entendimento de Labov, essa transformação indentitária e étnica tem como parâmetro, em algumas circunstâncias, serem mais relevantes em meio ao panorama e ao contexto na qual se considera os aspectos sociais e econômicos.

Conforme Monteiro (2000) é visível nas regiões do Brasil, as abstenções e influências étnicas na linguagem que se estabeleça uma variação linguística. Na sua concepção estas manifestações ocorrem em cidades maiores, local em que na maioria das vezes predomina um processo contínuo de imigração dos povos, o que raramente se observa em outras cidades do Brasil.

Yonne e Callou (2004) não consideram o fator étnico mais relevante, no entendimento das autoras o fator idade e sexo, o que se pode considerar mediante a distinção em meio à linguagem masculina e feminina, consiste em considerar o que na mesma proporção identificam que homem e mulher interagem com culturas e identidades múltiplas, mas em consonância com outros fatores complementares.

No entendimento das autoras, a interação por meio do gênero, da faixa etária e sexo, distinta do étnico, têm como premissa desenvolver a função de analisar as transformações linguísticas que outrora ocorre na linguagem. Conforme Preti (1982, p.23), as variações linguisticamente falando, estão ligadas por fatores etnológicos e na concepção do autor, estas influências são visíveis em áreas com maior predomínio do grupo étnico.

Para Bueno (2003) as transformações na linguagem não resultam de uma mudança de um dia para o outro, estas ocorrências se perpetuam lentamente e de forma gradual. Os fatos linguísticos não se distinguem em uma mesma ordem linguística, mas, em certos momentos estas estruturas passam por transformações no tempo e no espaço para atender às necessidades dos falantes no processo da interação linguística.

Na concepção de Labov (2008), ao fazer referência às estruturas linguísticas em uma comunidade de falantes, considera as mudanças na língua como resultado da interação dos grupos étnicos em meio à sociedade. Sendo assim, Labov em suas considerações fez alusão a seus estudos em Nova York, que resultaram dos processos da mistura de raças e de povos:



Judeus, Italianos, Negros e Porto-Riquenhos, em que é possível vislumbrar diversas variáveis linguísticas. Neste entendimento trouxe a seguinte descrição:

Em algumas variáveis, os negros da cidade de Nova York participam da mesma estrutura de variação social e estilística dos nova-iorquinos brancos. Em outras variáveis, há uma diferenciação absoluta de brancos e negros que reflete o processo de segregação social característico da cidade. (LABOV, 2008, p.147).

Nestes termos, quando estas características linguísticas inferem marcas que separam integrantes de uma mesma comunidade de fala, estas se evidenciam como processos sociais que identificam grupos raciais em seu próprio contexto de uso da língua.

### **3.8 Análises das expressões gíricas encontradas no *corpus* da pesquisa**

Nos últimos tempos é visível cada vez mais o uso da linguagem da gíria sendo manifestadas nos discursos de adolescentes, de jovens, adultos e em outras esferas da sociedade. Neste sentido, no ambiente escolar, este é o lugar que mais se desponta o uso da gíria na fala e na interação da comunidade escolar. De acordo com Fusaro (2001), muitos termos usados na linguagem gírica, alguns ainda se mantêm restritos ao local de origem, mas outros vão se modificando até se concretizarem e se tornar realidade, e com isso serem formatados em dicionários, cuja nomenclatura se traduz pelo termo gíria, brasileirismo, e por fim, sendo agregado ao léxico como uma linguagem comum, alheia aos padrões da normalidade.

Com este entendimento, foi possível observar em meio à realização da pesquisa, distintos vocabulários da linguagem da gíria nos discursos da comunidade investigada. Na primeira etapa da análise, o maior índice, foi com o uso do *tipo assim*, e questionados a respeito do significado deste vocabulário, a comunidade de fala reafirmou que a mesma tem como significado *de forma, ou modo de realizar alguma coisa*.

Outro vocabulário presente nos discursos consistiu no uso da palavra *véi*, que no dizer destes usuários *significa amigo*, pode se observar também o uso da palavra *treta*, que segundo eles *significa enrolação*, outra linguagem predominante no vocabulário foi à palavra *tá me tirando* que trouxe como *significado desfazer da fala do outro, ou o que o outro falou ou tráz como verdade absoluta*, pode se observar outra linguagem gírica que foi muito usada, como o famoso *baguizinho*, que conforme os falantes consiste na *substituição de um objeto pelo termo baguio que quer dizer algo sem valor*.

Outra linguagem analisada nos discursos foi o vocabulário usado pelos sujeitos da pesquisa, para designar a fala ou a correção do professor como a palavra *dar nojo*, que de acordo com eles *significa incomodar*. A respeito desse vocabulário, é pertinente trazer algumas considerações, visto que, atualmente o sistema educacional aprisionado por normas que concernem ao alunado certos direitos, os mesmos se encontram com algumas vantagens, e concomitantemente descompromissado com o estudo, o que na maioria das vezes não possibilita ao educador tomar certas medidas necessárias para o bom rendimento das aulas, e nesse sentido, a eficácia dos conteúdos, (FREITAS, 2019, p.90). Outro discurso da gíria usado pela comunidade de falantes direcionou-se para *o tá ligado*, que *significa estar atento, prestar atenção*.

O uso do *to di boa, brisadão*, quer um dez, viajando, maior vaia cara, nada haver, tipo, ganhar moral, o bagulho vai ficar louco, brocado, pode crer, maior brisa, molhar o bico, sai fora. Para o *to di boa*, a mesma significa para a comunidade usuária que o sujeito está de folga, sem nenhum compromisso, já *brisadão* segundo o entendimento dos alunos, é a linguagem gírica dos usuários de drogas, como também o vocabulário *quer um dez*, que tem como linguagem da gíria, substituir o nome da droga utilizada pelo termo gírico.

Outra linguagem utilizada por eles, e conforme entendimento dos mesmos, direcionou-se para a palavra *viajando*, que tem como significado, estado emocional que ocorre após os sujeitos terem realizado o uso da droga, outra linguagem consistiu na palavra *maior vaia*, que sugere uma negação de um falso estado que a droga realiza no sujeito usuário. Observou-se também o discurso da palavra *brocado*, que de acordo com eles, significa estou com fome, já *o póde crer*, concerne aos falantes uma credibilidade no seu próprio discurso, ou seja, reafirmando a sua própria fala (*pode acreditar*).

Já o termo *maior brisa*, é o estado de leveza que os usuários imaginam sentir ao fazer uso dos entorpecentes. Outra proposta de gíria foi o termo *molhar o bico*, maneira de experimentar algo pela primeira vez e outra palavra presente nos discursos fora *o sai fora*, que significa não entrar em uma roubada ou enganação, ou uma incomodação de algum colega em uma brincadeira desagradável que está incomodando.

Com estas explicações, e a partir dos discursos analisados entre professores e alunos, fora visíveis o predomínio das linguagens gíricas do vocabulário *tipu* (tipo) e *tipo assim*, utilizadas pelos alunos da comunidade de fala pesquisada. Já com os professores, estes afirmaram que observam o uso destes vocabulários em sala de aula, e que também interagem com os alunos apropriando-se desta linguagem gírica. Sendo assim, é permissível postular outro pensamento e outras inferências para estes vocabulários através do entendimento do

Dicionário de Gama Kury (2001), que traduz a palavra (**Tipo**), *como coisa que reúne em si os caracteres que distinguem uma classe, uma raça; com uma segunda tradução, esta significa modelo exemplar, padrão, símbolo, também pode ser cada um dos caracteres tipográficos; qualquer indivíduo, sujeito, pessoa pouco respeitável*. Nas ciências Biológicas, palavra que significa *forma geral em torno da qual oscilam as variações de uma espécie*.

Já o vocabulário (**Tipo Assim**) de acordo com Kury, traz como significado o sentido de: *deste, desse, daquele modo; de tal maneira*. Também usada como conjunção, portanto, em correlação com *tão: como se pensa; como se diz*. Como adjetivo, traduz semelhanças com as mesmas características. Como exemplo: *havia gente assim. De certo tamanho; de certa quantidade; ex: só bebeu meio copo, um tanto assim. Assim ou assado; locução adverbial. De qualquer maneira. Assim mesmo; locução adverbial. Ainda assim; mesmo assim; apesar de tudo. Assim como, locução conjuntiva. Logo que; mal apenas. Assim*.

Diante da multiplicidade dos significados dos vocabulários *tipo e tipo assim*, considerou-se que esta linguagem, presente nos discursos de adolescentes, adultos e crianças, está se tornando uma referência nos discursos desses jovens. Nesta premissa, é passível de estudo e análise, devendo o professor buscar apreender outras formas e propostas de ensino, considerado a gíria como um uso comum entre a turma pesquisada.

Com isso, não será mais permissível ao educador analisar este vocabulário impregnado de usos preconceituosos, pois foram destaques nos discursos e interação entre professores e alunos. Considera-se que, por meio dos diversos significados destas palavras e através dos estudos Sociolinguísticos, que estes vocabulários podem ser inseridos e adaptados ao discurso em diversas disciplinas, mesmo sendo considerados como vocabulários gíricos.

Para Bagno (2009), ter conhecimento do contexto historiográfico e da tradição gramatical, e de como o vocabulário brasileiro é repleto de grandezas na historiografia literária, seja ela oral ou escrita, bem como a dimensão da linguagem é válido, raro, e necessita ser cuidado. Outrora, o que não pode ser permitido é que outra pessoa torne isso um escudo ou outro mecanismo de repressão ou exclusão social. É certo, que em uma visão puramente linguística e de como a língua funciona, esta possui o seu referido valor. Nesse sentido, as diversas manifestações linguísticas são permeadas de regras, não havendo motivos para conceder distinções para os modelos linguísticos de sujeito A, ou sujeito B.

Na concepção do autor, todo estudioso da língua observa a mudança na linguagem como um acontecimento que necessita ser avaliado e, neste entendimento, se a língua se adequa a outras formas, é necessário encontrar motivos para esta inovação, buscando compreendê-la, para que a sua cientificidade não a torne deplorável e nem o seu uso seja

condenado. Sendo assim, para o linguista atento às inovações na língua, acredita que ela está propensa a avaliações, sejam elas sociais, culturais, ideológicas, e que necessitam ser analisadas na vertente sociológica e política, visto que se pode considerar a linguagem prestigiosa, tornando-se motivo de pesquisa mais aprofundada.

Para Bagno (2009), outras características sobre a língua dá ideia de que o sexo, a pessoa, a orientação sexual, a religião, a classe social, e o espaço geográfico dos usuários, também conferem outra medida sobre o uso da língua sobre outras formas de usá-la. Nestes termos, “*entende-se que a língua é rica, é múltipla, é híbrida, é heterogênea, é variável e é mutante*”, (p.37). Em meio aos discursos que permeiam a pesquisa, foi possível observar e analisar as linguagens gíricas e as múltiplas significâncias, além das representações identitárias que elas representam para a comunidade dos falantes citados.

### **3.9 Glossário linguístico-explicativo de gírias utilizadas pelos sujeitos da pesquisa**

Este subtópico apresenta algumas ocorrências de gírias usadas pelos alunos colaboradores da pesquisa. Sendo assim, diante da realidade discursiva ao longo do estudo, registraram-se as expressões gíricas que foram relacionadas neste glossário. É sabido que nenhum usuário da língua possui a primazia de reproduzir a palavra no seu sentido original, uma vez que os falantes não pronunciam os vocabulários de acordo com a sua nomenclatura original. Pensando assim, foi que surgiu a ideia de relacionar as expressões gíricas utilizadas pelos sujeitos colaboradores da pesquisa, e a importância de manifestar algumas considerações a respeito da evolução das palavras, com teor teóricos fundamentados pelos autores relacionados.

Nesse sentido, Soares Amora (2009), discorre que a Língua Portuguesa é considerada em relação às outras, como uma das que mais evoluiu devido ao número de palavras.

Diferente do dicionário da gíria, que para Preti (2006), o tema começou a despontar mediante ao estudo do léxico<sup>7</sup> da língua, motivada pela expansão desse vocabulário. Sabe-se que em um dicionário de gíria, toda elaboração lexical se une a um parâmetro sociocultural, com particularidades voltadas ao funcionamento de um grupo social. Sendo assim, a linguagem da gíria não possui as características comuns aos dicionários da língua. Nessa perspectiva, denota-se uma oposição entre o que se considera um dicionário de língua e um

---

<sup>7</sup> Léxico: [Do grego *lexikón*]. Substantivo masculino. Dicionário de línguas clássicas antigas. Dicionário dos vocábulos usados por um autor ou por uma escola literária; léxicon. Dicionário abreviado. Conjunto de vocábulos de um idioma. Adjetivo Lexical: análise lexical; família léxica (palavras cognatas).

dicionário de gíria, visto que o dicionário de gírias não depende da quantidade de verbetes ou de seu corpus lexical, mas, do processo de formação e seleção dos vocábulos.

Com este entendimento, é pertinente expor alguns dos vocabulários utilizados pelos sujeitos da pesquisa, ressaltando que este glossário busca trazer os significados das expressões gíricas utilizadas pela comunidade de falantes, desconsiderando as demais regras morfológicas que estão envoltas nas palavras dicionarizadas. Assim sendo, segue a transcrição dos vocabulários utilizados pela comunidade de falantes, de acordo com os discursos dos alunos, bem como o seu significado fundamentado por autores como: Amora (2009), Fusaro (2001), Ferreira (1986).

**-A-**

**AÍ MANU** - Cumprimento

**-B-**

**BAGUIZINHO** - Objeto

**BATER UM FUTU** - Jogar futebol

**BELE** - Beleza

**BORA LÁ** - Vamos lá, ou vamos a algum lugar

**BROCADO** - Com fome

**-C-**

**CANELA DAQUI** - Ir embora de algum lugar

**CARA** - Troca do nome pela gíria

**COROA** - Pessoa idosa (o)

**CORRÓ** - Sujeito que trabalha demais

**-D-**

**DEU PT** - Problema

**DEU ZICA** - Deu errado

**-E-**

**É MUITO LOUCO** - Exagerado, extasiado

**É NÓIS** - Somos nós

**EITA BAGAÇA** - Um acontecimento que surpreende

**EMBAÇADO** - Alguma coisa que não deu certo, difícil, inconveniente

**EMBAÇAR** - Demora em realizar algo

**-F-**

**FICÁ DE CARA** - Espantado

**FICA ESPERTO** - Toma cuidado, se cuida, prestar atenção

**FICA FRAU** - Ficar tranquilo

**FICAR NO VÁCUO** - Vazio

**FUÇANDO EM TUDO** - Mexer em alguma coisa sem autorização

**FURA OLHO** - Ficar com o namorado (a) do outro (a)

**-L-**

**LAMBÃO** - Sujo ou algo mau feito

**-M-**

**MAIOR VAIA** - Algo que não é verdadeiro

**MAMÃO COM AÇÚCAR** - Fácil demais

**MANERO** - Interessante

**MANU** - Irmão

**MAURICINHO** - Garoto arrumadinho que só usa roupas de marcas

**MEU CHEGADO** - Meu amigo, alguém que gosto

**MEU PEIXE** - Meu amigo

**MEU TRUTA** - Meu cúmplice

**-O-**

**O BAGUÍ VAI FICÁ LOUCO** - Vai acontecer um desentendimento entre os sujeitos

**Ô DOIDO** - Cumprimento de certos grupos

**-P-**

**PATRICINHA** - Menina arrumadinha que só usa roupas de marcas

**PODE CRER** - Significa com certeza

**-Q-**

**QUAL É A PARADA AÍ?** - O que está acontecendo

**-R-**

**RANÇO** - Nojo

**RATO** - Ladrão

**-S-**

**SARADA (O)** - Bonito (a)

**SHOW DE BOLA** - Algo muito bom ou que deu certo

**SÓ O PÓ** - Cansado, esgotado

**SUJOU** - Algum plano que deu errado

**-T-**

**TÁ LIGADO** - Está atento, presta atenção  
**TÁ MASSA** - Está fácil demais  
**TÁ ME TIRANDO** - Desfazer de uma fala do outro  
**TÁ OSSO** - Está difícil  
**TIOZINHO (A)** - Senhor (a)  
**TIPO ASSIM OU TIPO** - Desse jeito, desse modo  
**TÔ DE BOA** - Estou tranquilo (a)  
**TÔ FICANDO** - Estar namorando com alguém  
**TRETA** - Enrolação, enganação  
**TROCAR IDEIA** - Conversar  
**-U-**  
**UM SETE UM** - Mentiroso  
**-V-**  
**VAI QUE COLA** - Vai que dá certo  
**VÉI** - Amigo  
**VEM DÁ NOJO** - Incomodando  
**-X-**  
**X 9** - Fofoqueiro, linguarudo  
**-Z-**  
**ZUANDU** - Gozação, tirar o sarro

Em virtude das linguagens gíricas encontradas nos discursos dos vinte e quatro integrantes da comunidade de fala selecionada (alunos) e, considerando a discursividade manifestadas nas interações do espaço biblioteca e sala de aula, constatou-se um número expressivo do uso de expressões gíricas na linguagem das meninas, o que surpreendeu em termos de dados (59), distintos da fala dos meninos que ocasionou (38) ocorrências do uso de gírias na linguagem dos meninos. Diante desses resultados, acreditava-se que o maior número se daria com a linguagem dos meninos, mas foi uma surpresa quando da ocorrência dos dados apresentados, que ocorreu conforme os sexos dos falantes, neste sentido com o sexo feminino.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar da gíria e das várias identidades que esta representa, é buscar apresentar no seu contexto dialógico, inferências dos usos e costumes de uma língua utilizada por um grupo de pessoas de uma determinada região. É pertinente considerar que o objeto de estudo da sociolinguística não leva em consideração apenas a língua, mas toda comunidade social no seu aspecto linguístico, histórico e cultural.

Com este entendimento, o objeto da pesquisa visou ampliar novos conceitos linguísticos formalizados por meio de outros dialetos, conceituando a contribuição da sociolinguística para a constituição de novas linguagens e outros discursos, para que a linguagem que o outro usa ou dela dispõe, possa ser considerada como outro discurso, cujo preconceito linguístico seja amenizado, pois conforme salienta Bagno (2006), não existe um conceito de certo ou errado, já que todas as variedades de uma língua são suficientes para desempenhar a sua função de veículo de comunicação, de expressão e de interação entre os seres humanos, deixando de lado os preconceitos e formalizando outros discursos e outros aprendizados acerca da linguagem e da cultura.

Com a presente pesquisa, esperou-se alcançar conceitos objetivos contributivos dos estudos Sociolinguísticos na percepção variacionista, além das contribuições da análise dos discursos, a partir do entendimento de Bakhtin (1997,2000), além da contribuição de outros estudiosos da análise do discurso. Através de toda problemática envolta para a linguagem da gíria como uma linguagem de um referido grupo, foi que objetivou estudar o tema no contexto de sala aula com alunos e professores de uma turma de 8ºano do Ensino Fundamental.

Em virtude desses anseios para alcançar os objetivos que foram traçados, sendo que o *objetivo geral* consistiu em identificar possíveis contribuições do uso da linguagem da gíria abstando-se dos preconceitos, com possibilidades de ser considerada uma nova prática didática para esses docentes na formação e no uso da língua portuguesa falada pela comunidade alvo e, *os específicos*, consistiram em analisar as gírias usadas por um grupo de alunos do 8ºano do ensino fundamental, no sentido de descobrir o que esse tipo de linguagem representa na formação identitária do aluno.

Este, também teve como parâmetro investigativo, a linha de pensamento laboviana (1972,2008), na descrição variacionista que definiu um vernáculo como propriedade de grupos, e não apenas de um único sujeito. Nestas condições, é fato que um idioma, neste caso o português é falado por distintos povos, que especificamente não estão em contato.



Sob esta visão Mollica e Braga (2015) consideram que ao analisar certa comunidade na perspectiva variacionista, é essencial distinguir o termo variação, que concerne coletar os dados conforme as variedades pretendidas e os objetivos traçados para a pesquisa. Ao analisar a linguagem mediante a variação do sexo, considera se que existe uma aproximação comportamental das variações linguísticas entre a fala de meninos ou meninas, reportando a ideia de que no contexto social, homens e mulheres se abstêm desta dicotomia.

No entender de Preti (2006), toda conversação ladeada pela linguagem verbal e gírica não é parte nos discursos de apenas alguns, mas vem se inserindo em outros contextos do meio social, sendo que na maioria das vezes, estes mesmos sujeitos, homens, mulheres, adultos ou adolescentes, não observam que estão fazendo o uso de vocabulários gíricos e, assim, denota-se que não há fronteiras que os separam, visto que cada um exerce o seu papel, sejam eles na linguagem e ou nos discursos femininos ou masculinos.

Em meio a estas indagações, considerou que a comunidade de fala, alunos investigados, seguiram as mesmas normas relativas ao uso da língua, neste caso as gírias. Pode-se constatar que por meio da linguagem das gírias usadas pelos falantes analisados, que estes vocabulários estabeleceram uma medida para que os discursos se realizassem e fossem compreendidos pelos demais membros da comunidade de fala, (professores).

Já Bakhtin (1997) ponderou que toda manifestação na linguagem, e os enunciados traduzidos em discursos, neste caso com o discurso do outro, está unido não apenas aos enlaces que os precederam, mas, aos que procedem no devir em um conjunto da comunicação verbal. Com este entendimento, verificou-se que os discursos obtidos foram frutos da discursividade entre a comunidade dos falantes, sendo estes professores e alunos do 8º ano do ensino fundamental de uma escola municipal de Naviraí-MS.

Em virtude da proposta temática do estudo, que foi analisar a linguagem da gíria, e por meio de todo enunciado formalizado, acredita-se que esta linguagem, na proporção que ia sendo elaborada, estabelecia uma eventualidade e uma reação e resposta ao discurso do outro, já que o outro ao manifestar seu pensamento pela linguagem, realizou de ordem primária, se formatando em um pensamento real, não mais como um ouvinte que apenas recebe o enunciado, mas como participante ativo desta interação verbal.

Ao iniciar esse discurso o locutor já aguarda do outro uma troca de discursos, e que seja estabelecido um entender responsável e ativo, no qual concerne ao enunciado à premissa de buscar no discurso do outro esta resposta. Diante destas considerações, foi o que se pode constatar por meio de toda discursividade que permeou o estudo, o resultado da discursividade da comunidade de falantes, como alunos e professores.

A partir da proposta discursiva, resultado de dois questionários apresentados para estes colaboradores, sendo vinte e quatro alunos do 8º ano do ensino fundamental de uma escola pública municipal, bem como outra proposta discursiva apresentada também em forma de questionário a doze professores da referida turma, pode-se coletar dados mediante a temática da linguagem da gíria, e o que esta representa para os sujeitos investigados.

O estudo teve como meta, analisar os discursos na perspectiva variacionista e as contribuições dos estudos sociolinguísticos para a referida comunidade. Nesta inserção, considerou os questionamentos levando em consideração a faixa etária (idade), sexo e etnia, tanto de alunos, como de docentes. Toda a repercussão dos resultados obtidos se desencadeou da premissa de como professores e alunos observam e fazem o uso da linguagem gírica, e o que esta representa para a formação de novas identidades sociais.

Para a comunidade dos discentes uns com maior poder aquisitivo e outros com menos, fora visível que este vocabulário representou para ambos uma marca identitária que os distinguiu da linguagem dos adultos, e que ao fazer o uso de tais vocabulários, o fluir discursivo é tão natural, que estes nem percebem o seu uso.

Já para o grupo dos docentes analisados, alguns deles não aderem a este vocabulário, havendo assim, uma contradição nos discursos apresentados, já que se podem observar algumas linguagens utilizadas pelos sujeitos da pesquisa. Com os que aceitaram o vocabulário gírico na interação em sala de aula, pode-se afirmar que para estes, que a linguagem da gíria, teve como foco, proporcionar um achegamento entre professores e alunos com dificuldades nos relacionamentos.

Ainda pode se observar, e sob a concepção dos sujeitos da pesquisa (*professores*), os mesmos afirmaram que este vocabulário deveria ser parte integrante nas múltiplas disciplinas, já que o público que ora vem se inserindo nas escolas públicas possuem uma diversidade linguística devido a fatores migratórios e deslocamentos dos povos. Justificaram o posicionamento do uso da gíria, afirmando que essa linguagem aproxima professor e aluno em interação em sala de aula, dando ênfase a uma maior afetividade.

Sendo assim, a partir da análise, foi visível o maior uso deste vocabulário com as meninas de acordo com a faixa etária da idade de treze a quinze anos, resultando um quantitativo de cinquenta e nove ocorrências de linguagens gíricas, ou de termos gíricos na linguagem dessas adolescentes.

Com os meninos, se observou que a maioria dos vocabulários, partiu de suas falas, com a faixa etária de catorze aos quinze anos, com um registro de trinta e oito vocabulários, resultando em um total de *noventa e sete registros* desta linguagem discursiva entre meninos e

meninas. Pode se coletar, em virtude da discursividade entre os meninos e meninas, o predomínio do vocabulário *Tipo e Tipo Assim*. Os docentes afirmaram que observam este vocabulário, e é o que mais se insere, sejam nos discursos dos alunos ou dos educadores.

Sobretudo, e alavancados pela *hipótese* que sustentou todo estudo, e dos objetivos alcançados de que a linguagem da gíria não é mais uma língua falada apenas por determinados grupos, mas que se manifesta em outros espaços linguísticos e com outros falantes, é que consiste em reafirmar este argumento de que mediante os dados coletados, que a linguagem da gíria não foi um discurso presente apenas na fala dos sujeitos pesquisados (*alunos*), mas que fez e faz parte dos discursos de outros (*professores*).

Em virtude da realidade significativa dos vocabulários da linguagem das gírias registradas no contexto do estudo, como analisados nos questionamentos dos docentes que aderiram à linguagem da gíria, esses afirmaram que já a utilizam e que exploram essa linguagem nos assuntos que tratam dos regionalismos, desmistificando os preconceitos em torno da língua, e o contexto da origem da escrita. Os que não aderem ao vocabulário consideraram a hipótese de repensar a linguagem e encontrar uma maneira de adequar o vocabulário ao dia a dia de suas disciplinas.

Mediante a temática e objeto da proposta da pesquisa, que consistiu em analisar a linguagem da gíria na concepção da análise do discurso, e sob a égide dos estudos sociolinguísticos, esperou-se alcançar ao longo desta investigação e outras que virão, apresentar propostas para que esta linguagem não seja analisada, ensinada e praticada sob a insigne de padrões moldados em um só horizonte, mas, que *Tipo assim*, pode agregar novos valores e outras formas linguísticas, sem menosprezar os erros, mas buscando a partir deles, acrescentar novas práticas acerca da linguagem em uso no seio da comunidade de fala.

Com ênfase na linguagem do Tipo assim, é relevante estabelecer outras contribuições para o ensino e aprendizagem nas diferentes modalidades da língua, acrescentando outras práticas de ensino. Nesse enfoque, considerando a relevância de se estabelecer outras contribuições nas diferentes dimensões da linguagem, e em virtude das disciplinas diversas, consideramos que na disciplina de Língua Portuguesa, poderia se trabalhar os Tipos de Sujeitos, com abordagem linguística adequada ao público alvo das referidas séries. Para o ensino de Geografia, apresentariamos a temática dos Tipos de Relevo, em Ciências os Tipos de Biomas, para História os Tipos de Escrita. Nas disciplinas de Arte, Matemática e Língua Inglesa, acrescentariamos os Tipos de Figuras Geométricas intercalando o estudo das cores, e dando mais um passo na dimensão didática, proporíamos o estudo dos vocabulários de acordo com a escala de cores na disciplina de Língua Inglesa. Nesse sentido, a partir das múltiplas

significações observadas no contexto do estudo, esse vocabulário (Tipo assim) inserido nos vários discursos linguísticos e sociolinguísticos, acrescentaria outras interpretações e outras contribuições para outras práticas de ensinamentos (FREITAS, 2019, p.100).

Logo, com esse pensamento, é fato que a nenhum Sociolinguista fora outorgado à ordem de sair por ai falando ou ensinando outras normas ou desvios na linguagem, mas, coube a eles, vislumbrar certos *desvios*, e a partir destes, acrescentar outras práticas e outros ensinamentos, agregando outros valores e revelando as riquezas que transbordam na nossa língua portuguesa, no sentido de concretizar outras representações.

## REFERÊNCIAS

- ALBINO, Maria Eugênio Andrade. *A Biblioteca faz a diferença*. 2. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2008.
- AMORA, Antônio Soares. *Dicionário Soares Amora da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 2009.
- BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2006.
- BAGNO, Marcos. *Não é errado falar assim! em defesa do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2009.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico. O que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. *Discurso na vida, discurso na arte*. São Paulo: Hucitec, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1981.
- BARROS, Aidil de Jesus de. LEHFELD, Neide Aparecida. *Propostas metodológicas*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- BECHARA, Evanildo. *Ensino da gramática. Opressão? Liberdade?* São Paulo: Ática, 1985.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris de Figueiredo. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris de Figueiredo. *Do Campo para a Cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. Tradução Stella Maris Bortoni-Ricardo, Maria do Rosário Rocha Caxangá. São Paulo: Parábola, 2011.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris de Figueiredo. *Manual de Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris de Figueiredo. *Nós chegemu na escola, e agora?: sociolinguística & educação*. São Paulo: Parábola, 2005.
- BRASIL, *Censo Demográfico, 2010*. Pesquisa População Indígena do País. IBGE, 2010.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Secretária de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1990.
- BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases Da Educação Nacional*. Lei 9394, de 20/12/1996.
- BREZEZINKI, Iria. *A construção do Projeto Político Pedagógico da Escola*. São Paulo: Contexto, 1992.

BRIGHT, William. *Introduction The Dimensions of Sociolinguistics*. In: ed. *Sociolinguistics*. Proceedings of the UCLA sociolinguistics. Conference, Califórnia: 1964. Tradução de In: Fonseca, M, Stella Vieira & neves, Moema F. *As dimensões da Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

BUENO, Elza Sabino da Silva Bueno. *Nós, a gente e o bóia-fria: uma abordagem sociolinguística*. São Paulo: Arte & Ciências e UEMS, 2003.

BUENO, Elza Sabino da Silva; SILVA, Rosângela Villa da. *Contribuições da pesquisa sociolinguística ao ensino da língua portuguesa no Brasil*. Edição atual - *Anais do SIELP*. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012.

CALVET, Louís-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução de Marcos Marcionillo. São Paulo: Parábola, 2002.

CHAMBERS & TRUDGILL, Peter. *Dialectology*. Cambridge: University Press, 1993.

CHERRY, Collin. *A Comunicação Humana*. 1º. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

CHOMSKY, Noam. *Linguagem e mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas*. Tradução de Lúcia Lobato, revisão de Mark Ridd. Brasília: UNB, 1998.

CORACINI, Maria José R.F. *A Celebração do outro: arquivo memória e identidade*. Campinas: Mercado das Letras, 2007.

COUTHARD, Malcolm. *Linguagem e Sexo*. São Paulo: Ática, 1991.

COUTINHO, Afrânio. COUTINHO, Eduardo de Faria. *A Literatura no Brasil*. Vol. 5. São Paulo: Global, 2003.

ERIKSON, Erik, H. *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

FERRAZ, Wanda. *A Biblioteca*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1972.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

FREITAS, Elenides Francisco de. *Identidade e Representação: uma análise discursiva do uso de gírias no viés da sociolinguística variacionista*. 112f. Dissertação (Mestrado) Curso de Pós Graduação em Letras, UEMS, Campo Grande: MS, 2019.

FONSECA, Edson Nery da. *Introdução á Biblioteconomia*. São Paulo: Pioneira, 1992.

FONSECA, Marcus Vinícius. SILVA, Carolina Mostaro Neves da. FERNANDES, Alexandra Borges. *Relações étnico-Raciais e Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

FUNARI, Pedro Paulo, PIÑON, Ana. *A temática indígena na escola: Subsídios para professores*. São Paulo: Contexto, 2011.

FUSARO, Kárin. *Gírias de todas as tribos*. São Paulo: Editora Panda, 2001.

FRANÇA, Aniela Improta. FERRARI, Lílian. MAIA, Marcus. *A linguística no século XXI: convergências e divergências no estudo da linguagem*. São Paulo: Contexto, 2016.

- GÖRSKI, Edair; COELHO, Izete Lehmkuhl. (Orgs.). *Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua*. Florianópolis: Edufsc, 2006.
- GUILBERT, L. *Dictionnaires et Linguistique: Essai de Typologie des dictionnaires monolíngues contemporains*, Langue Française. Paris: Larousse, n.º. 2, mai, 1969.
- GUMPERZ, John. *El significado de la diversidad lingüística y cultural en in contexto post-moderno*. In: Munöz, H. E Lewin, PF. (Orgs). *Investigaciones lingüísticas 2*. Ciudad. Del México: UAM/INAH, p.33-47.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2010.
- HALL, Stuart. *Cultura e Representação*. Editora PUC – Rio Janeiro: Apicuri, 2016.
- HÉRRAN, J. Ig. M. *Quando hablamos de adolescência, hablamos todos de lo mismo?* Anais do VII Congresso INFAD (pp. 125-132). Oviedo – Espanha: maio, 1997.
- JOBIM, Souza, Solange. *Infância e Linguagem*. São Paulo: Papyrus, 1997.
- JORNAL DO BRASIL. *5 de maio, p.12*. Rio de Janeiro, 1996.
- KALOUSTIAN; S.M(org.) *Família brasileira: a base de tudo*. 7ªed. São Paulo: Cortez, Brasília: UNICEF, 2005.
- KURY, Adriano da Gama. *Dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: FTD, 2001.
- LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Sherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.
- LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. 3. ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, William. *The Study of language in its social context*. Studium Generale: 1970.
- LABOV, William. *37º Encontro Anual da Sociedade Americana de Linguística em Nova York*, em 29 de dezembro de 1962.
- LAKATUS, Eva Maria. *Metodologia do Trabalho Científico*. 4ª. ed. São Paulo: Contexto, 1995.
- LAPA, Albino. *Dicionário de Calão*. 2. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1974.
- LEITE, Lígia Chiappini de Moraes. *Invasão da catedral: literatura e ensino em debate*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- LEITE, Marli Quadros. *Preconceito e intolerância na linguagem*. São Paulo: Contexto, 2008.
- LEITE, Yonne, CALLOU, Dinah. *Como Falam os Brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- LEMLE, Miriam. *Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.
- LIMA, Alceu Dias. *A forma da fábula: estudo de semântica discursiva*. Significação, Revista Brasileira de Semiótica. São Paulo, 1984.

- LUCHESE, Dante. *Língua e sociedades partidas: a polarização sociolinguística do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.
- LURIA, A.R. *Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria*. São Paulo: Artes médicas, 1987.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 1996.
- MARTELOTTA, Mario Eduardo. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.
- MARTINS, Wilson. *A palavra escrita: História do livro da Imprensa e da Biblioteca*. São Paulo: Ática, 1988.
- MILALENI, Luis. *O Que é Biblioteca*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- MOLLICA, Maria Cecília. BRAGA, Maria Luiza, (orgs). *Introdução á Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2015.
- MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.
- NEVES, Ana Maria Bergamin. *Interações: raízes históricas brasileiras*. São Paulo: Blucher, 2012.
- NOBRE, Eduardo. *O Calão*. Dicionário de gíria portuguesa. Lisboa: Casa do Livro, 1980.
- OSÓRIO, L. C. *Adolescente hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- PATRIOTA, Luciene Maria. *A gíria comum em sala de aula*. São Paulo: Cortez, 2009.
- PPP-Projeto *Político Pedagógico*. EMEF-Escola Municipal do Ensino Fundamental Professora Maria de Lourdes Aquino Sotana. Naviraí, MS: 2016.
- PRETI, Dino. *A gíria e outros temas*. São Paulo: Editora da USP, 1984.
- PRETI, Dino. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- SALGADO, Ana Claudia Peters. BARRETO, Mônica Maria Guimaraes Savedra. *Sociolinguística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/ de contato: homenagem ao professor Jürgen Heye*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de Linguistique Générale. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Isidoro Blikstein*. Paris: Editora Payot, 1916.
- SAVIANI, Demerval. *Educação do senso comum à consciência filosófica*. São Paulo: Cortez, 1998.
- SERRA NEGRA, Carlos Alberto. MARINHO, Elizabete. *Manual de Trabalhos monográficos de graduação, especialização, mestrado e doutorado*. São Paulo: Atlas, 2003.
- SOUZA, Oralda Adur de. *Relações Familiares*. Sefe-Sistema educacional Família e Escola. Curitiba: 2011.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2007.



TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

TIBA, Içami. *Juventude & Drogas: anjos caídos*. São Paulo: Integrare Editora, 2007.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. São Paulo: Cortez, 2009.

TRUDGILL, Peter. *Sociolinguistics an Introduction*. Great Britain: Pequim Books, 1979.

UNESCO- *Manifesto da Unesco Sobre Bibliotecas Públicas*. Revista Brasileira Bibliotecon e Documentação. V.7, nº 4/6, p. 158-163, abril/junho. São Paulo: 1976.

WANDERLEY, João Geraldi. *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1997.

WERNECK, Hamilton. *Ensinos demais, aprendemos de menos*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

## ANEXOS

### 1- FICHA SOCIAL DO INFORMANTE (ALUNO)

#### 1- DADOS DO INFORMANTE

##### **Dados pessoais**

Nome: ECVS

Data de Nascimento: 20/12/2004

Sexo: Feminino

Estado civil: Solteira

Profissão: Estudante

Idade: 13 anos

##### **Grau de instrução**

Analfabeto ( )

Fundamental Incompleto (X)

Instrução Rudimentar ( )

Fundamental completo ( )

##### **Domicílio**

Endereço: Avenida dos Operários, nº. 41

#### 2- DADOS DOS PAIS DOS INFORMANTES

Idade e nome do pai: MAEE - 43anos

Idade e nome da mãe: SV - 40 anos

#### 3- DADOS DO INQUÉRITO

Local: Biblioteca escolar

Data: 13/11/2018

Inquiridor: Elenides Francisco de Freitas

**2- FICHA SOCIAL DO INFORMANTE (PROFESSOR)****1- DADOS DO INFORMANTE****Dados pessoais**

Nome: ACSA

Data de Nascimento: 18/10/1969

Sexo: Feminino Estado civil: Casada

Profissão: Docente Idade: 49 anos

Disciplina: Língua Portuguesa

Naturalidade: Porto Bonito-MS

**Grau de instrução**

Graduação ( )

Pós-Graduação (X)

Mestrado ( )

Doutorado ( )

**Domicílio**

Endereço: Avenida Bataiporã,

Morou sempre em: Naviraí-MS

**Viagens**

No Estado de MS: Dourados, Campo Grande

Fora do Estado de MS: Cascavel, Foz do Iguaçu, São Paulo

**2- DADOS DO CÔNJUGE DOS INFORMANTES**

Naturalidade: Bela Vista-MS

Idade: 53 anos

Nome do cônjuge: DZA

**3-DADOS DO INQUÉRITO**

Local: Biblioteca escolar

Data: 22/11/2018

Inquiridor: Elenides Francisco de Freitas

### **3- QUESTIONÁRIOS *IN LOCO* (PROFESSORES)**

1 - O uso da Gíria pelos alunos, na sua concepção, prejudica a aprendizagem da Língua? (Língua no Sentido amplo da Palavra, em todas as disciplinas).

2 - No dia a dia em sala de aula e diante da realidade discursiva dos alunos, você, como educador, já se observou falando alguma gíria?

3 - Você tem preconceito ou não gosta da linguagem da gíria? Sim ou não! Por quê?

4 - De acordo com a sua prática pedagógica, você observa o uso de gírias na sala de aula? E Segundo a sua concepção, em que sentido poderia tirar proveito da linguagem da gíria na sua disciplina, ou ainda não repensou esta prática?

#### 4 - QUESTIONÁRIOS *IN LOCO* (ALUNOS)

1- Considerando a economia e a política do Brasil, você se considera preocupado com o futuro?

2- Com relação à família, você acredita que a mesma é o lugar da formação, acolhida, proteção, ou você não acha importante fazer parte de uma família?

3- Você pretende formar uma família? Sim ou não! Por quê?

4- De acordo com o último censo que afirma que o Brasil possui doze milhões de analfabetos e diante desta realidade você pretende dar continuidades nos seus estudos? Sim ou não! Justifique a sua resposta.

5- Nos últimos tempos a violência tem aumentado sucessivamente entre jovens, adolescentes e adultos causando vários tipos de morte. Diante deste contexto você tem medo da morte? Sim, não, por quê?

6- O que se observa é que ao longo da adolescência, os jovens fazem parte de ciclos de amizades diferenciadas. Isto é uma referência, curiosidade ou se identificam com o mesmo?

7- No que diz respeito às drogas, você já usou, nunca usou, e o que pensa da mesma? (Droga aqui no sentido geral entre outros vícios).

8- Você acredita em Deus? Sim ou não! Justifique a sua resposta.

## 5 - QUADRO DE NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS

**Quadro 5 – Normas para transcrição de entrevistas**

<b>NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS</b>		
Prof.ª Dra. Elza Sabino da Silva Bueno		
<b>OCORRÊNCIAS</b>	<b>SINAIS</b>	<b>EXEMPLOS</b>
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )	num vortava mai num tinha dinheru ( ) i a genti guentô
Hipótese do que se ouviu	<b>(hipótese)</b>	us mininu tãu aí... um trabaia de motoris otru (trabaia) pur conta
Trucamento de palavras	/	i quanu mesmu era PA nós ca/nóis da us nomi
Entonação enfática	<b>Maiúscula</b>	trabaiei aTÉ casá
Prolongamento de vogais e/ou consoantes	<b>:: ou :::</b>	u donu mesmu era:::: isqueci u nomi deli...ah::::achu qui é antonhu
Silabação	- - -	a genti cresceu me-dron-ta-du dus pais
Interrogação	?	pu cê vê comu era u pessoar di antigo pra agora né?
Comentários do transcritor	<b>((minúscula))</b>	((risos))
Comentário que quebra a sequência da exposição do tema	- - - -	a genti – nói somu crenti - - a genti si viu i gosto
Sobreposição de vozes ou entrada indevida	[	A. pra:: ficá lisinhu B. [a pu chãu ficá.. A. [parei B. pareinhu pa prantá
<b>OBSERVAÇÕES:</b>		
1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou siglas.		
2. Números: transcrevem-se por extenso.		
3. Não se usa ponto de exclamação.		
4. Início de frase: usam-se letra minúscula.		
5. Registram-se as pronúncias do <u>e</u> e do <u>o</u> como realmente são pronunciados.		
6. Nada se corrige na transcrição do texto gravado.		

(Adaptações Projeto NURC/SP) Prof. Dr. Pedro Caruso (UNESP/Assis)

## 6 – AMOSTRAGEM DE TRANSCRIÇÃO DA FALA DE SUJEITOS DA PESQUISA

**Tabela 1** - Número de Informantes-4 Questões de um a oito

**INQUIRIDOR:** Considerando a economia e a política do Brasil, você se considera preocupado com o futuro? Com esta pergunta captou-se o seguinte discurso:

*I-1- si:: agenti:: nãu:: preserva:: u:: Brasiu:: ia:: afundá::*

*I-2- u:: Brasiu:: seria:: mais:: bãu::*

*I-3- pur:: que:: u:: Brasiu:: só tá... ladrãu-- --[si:: mudá--- né:: vai:: se muito:: mais::: melhor:::( ) a:: próxima:: geraçãu::( )*

*I-4- não soube responder*

**INQUIRIDOR:** Com relação à família, você acredita que a mesma é o lugar da formação, acolhida, proteção, ou você não acha importante fazer parte de uma família? Em relação à segunda pergunta obtiveram-se os seguintes discursos:

*I-1- ah::: eu achu:: qui... todú:: mundu:: tem::: qui:: te:: uma:: família::*

*I-2- si:: agenti:: nãu:: tivessi:: uma:: família:: nãu:: ia:: te:: educação ::ia--- chingá:: todú:: mundu::sei:: lá-- --*

*I-3- é:: a:: única:: coisa:: qui:: nós::: tem::: né::? a:: família::*

*INQ- voçeis::: consideram::: a:: família:: u:: berçu::?*

*I-4- [primeru--- lugar::: vem::: a:: família::*

**INQUIRIDOR:** Você pretende formar uma família? Sim ou não! Por quê? Na terceira pergunta os discursos resultaram na seguinte resposta:

*I-1- sim::: eu:: sei:: explica:: podi:: se:: feliz::: mais::: nãu:: completamenti:: ( ) mais::: tamem::: eu:: falu:: assim:::.*

*I-2- sim::: a família:: pra mim::: é tudu::*

*INQ- u :: qui:: é:: essi:: tudu::?((risos))*

*I-2- tudu::((risos))*

*I-3- u:: que ::? ah:: sei:: lá:: eu:: pretendu::cum::: vinti:: pur::: que:: daí:: é:: a:: épuca:: qui:: vo tá:: na:: facudadi:: possu:: conhece--- alguém::: qui:: vai:: faze:: a merrama:: facudadi:: qui:: eu:: vai:: pra:: mesma:: cidadi:: qui:: eu::*

*I-4- ah:::sim:::*

**INQUIRIDOR:** De acordo com o último censo que afirma que o Brasil possui doze milhões de analfabetos, e diante desta realidade você pretende dar continuidades nos seus estudos? Sim ou não! Justifique a sua resposta. Com esta pergunta obteve-se o seguinte enunciado:

*I-1- sim::: pretendu--- terminá:: meus::: istudos::: terminá:: u:: insinu:: médiu:: faze:: facudadi-- -[ mesmu:: quieu:: queru::se:: goleru:: mesmu::qui:: nãu:: precisi] di uma facudadi...]mais( )::: mesmu:: assim:::( )*

*INQ- você:: qué:: se:: goleru::?*

*I-1- vai:: se:: difíciu::: purque:: so:: baxu::*

*INQ- mais::: tem::: alguma:: coisa:: a vê:: com::: a:: estatura ::?*

*I-1 é:: purque:: u gou:: é muito grandi:: ai:: si:: tipu:: ( ) [ si:: eu:: nãu:: catá:: nu:: gou::]*

*I-2- sim::: eu:: queru:: se:: agronumu--*

*I-3- eu ::? eu:: queru:: faze:: engenharia::*

*I-4- ah::: queru:: se:: engenhera:: civiu:: mais::: daí:: ( )*

**INQUIRIDOR:** Nos últimos tempos a violência tem aumentado sucessivamente entre jovens, adolescentes e adultos causando vários tipos de morte. Diante deste contexto você tem medo da morte? Sim, não, por quê? Nesta pergunta resultou o seguinte discurso:

*I-1- ah::: eu:: nãu:: tenhu:: medu:: di:: morre nãu:: eu:: possu:: saí:: aí:: fora:: se:: atropeladu:: i morrê:: eu:: possu:: trupeça:: i:: morrê:: ( ) issu:: dependi di Deus:: ( ) qui:: nem:: meu:: tiu:: já:: levo:: um::: tiru--- na nuca-- i:: nãu:: morreu::purque:: nãu:: era:: a:: hora:: deli---*

**I-2-** eu:: tenhu:: medu:: di:: eu:: sofrê::[quandu ::eu morrê::tipu::eu:: tomá--- um::: tiru:: nu:: peitu:: aqui ::( ) ficá--- cum::: dor]::: é ruim::: se ficá:: sofrênu:: numa:: cama--- di:: hospita::: eu:: tenhu::( ) medu:: di:: i:: pru:: infernu:: tipu::( )

**INQ-** u:: qui:: é:: um::: infernu::?

**I-2-** sei:: lá:: u:: infernu::( ) ia:: sofrê:: muintu:: ( )

**I-3-** ah::: nãu:: tenhu:: medu::

**I-4-** ah::: si morrê morreu:: todú mundu:: vai morrê mesmu::

**INQ-** comu:: assim::: (( risos ))si:: morre:: morreu ::?

**INQUIRIDOR:** O que se observa é que ao longo da adolescência, os jovens fazem parte de ciclos de amizades diferenciadas. Isto é uma referência, curiosidade ou se identificam com o mesmo? Nesta questão resultou neste conceito:

**I-1-** eu:: nãu:: ligu::( ) si:: elis::: bebi:: ou:: se:: fuma::

**I-2-** tipu:: assim::: uma:: pessoa:: eli:: usa:: u:: buné:: pa / trais:::tipu:: assim:::eli:: tem::: u:: grupu:: deli:: só:: di:: usa:: boné:: pa / trais::: i:: eu fo:: querê ( ) participá:: si:: nãu-- --saí:: fora::

**INQ-** você tem::: um::: grupu:: di:: usa:: boné pa / trais::?((risos))

**I-2-** nãu:: é só:: um::: exemplu::(( risos))

**I-3-** tipu:: si:: você quere:: andá::cum::: nóis::: ce/ tem::: qui:: usá:: u:: buné pa / trais:::

**I-4-** é:: qui:: tipu:: eu:: nãu:: quere:: se amigu:: delis:::( )

**INQUIRIDOR:** No que diz respeito às drogas, você já usou, nunca usou, e o que pensa da mesma? (Droga aqui no sentido geral entre outros vícios). Neste questionamento resultou o seguinte discurso:

**I-1-** é:: eu:: já:: usei:: mais:::

**INQ-** já:: usou:: u:: que::?

**I-1-** i:: já:: usei:: droga--- maconha --- :: já::( ) usei:: mais ::: nem::: gostu:: i:: nem::: achu:: vantagi:: im::: quem::: bebi--- pra ficá::( )

**INQ-** uso :: pur::: curiosidadi ::?

**I-1-** curiosidadi:: eu:: quiria:: vê:: tá ligadu:: se:: fica:: querendu:: vê:: comu:: é:: qui é:::fala--- qui:: é bãu:: maió:: vaia::

**I-2-** já:: fumei:: elis::: ( ) fala--- se fica--- na maió:: brisa:: fica--- doidãu::

**I-3-** já:: bebi:: ( ) meu:: assim::: já:: mais::: assim::: ( ) quem::: fuma:: ta:: perdenu:: a vida::

**I-4-** já:: bebi:: peguei:: a:: tapiã da minha--- vó:: só:: ( ) só pá / moíá:: u:: bicu::elis::: fala -- -- qué:: um::: deis::: aí:: pra:: você--- ficá--- brisadãu::?

**INQ-** elis::: falãu:: assim::: qué:: um::: deis::: é ::?((risos))

**INQUIRIDOR:** Você acredita em Deus? Sim ou não! Justifique a sua resposta. Neste enunciado resultou o seguinte enunciado:

**I-1-** sim::: sem::: Deus::: nu:: comandu:: u:: mundu:: seria:: uma:: guerra::

**I-2-** sim::: eu:: acredito:: em::: Deus::: sem::: eli:: agenti:: nãu:: existia:: só:: Deus::: é quem::: sabi:: di:: todas ::: as::: coisa::

**I-3-** ah::: tipu::crio:: tudu:: né:: tipu-- --( )

**I-4-** sim

::: si:: nãu:: fossi:: eli :: nãu:: estaria:: aqui:: hoji::